



INSTITUTO POLITÉCNICO DE SANTARÉM
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE SANTARÉM

As Potencialidades Pedagógicas das Histórias na Educação Pré-Escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico

Relatório de Estágio apresentado para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-
Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Ana Sofia Amaral

Orientação:

Marta Uva

março 2017

Agradecimentos

Dedico este relatório aos meus Pais, sei que teriam orgulho em mim, e às minhas irmãs, que mesmo longe, sempre me apoiaram e, nos momentos mais difíceis, me davam alento para seguir em frente. Sem elas, este percurso teria sido muito mais difícil.

O meu sincero agradecimento à Professora Marta Uva, pela orientação, apoio e disponibilidade. A sua ajuda foi essencial para a realização deste trabalho de pesquisa.

Agradeço às educadoras e professora cooperantes que me receberam nas suas salas. Aos docentes da ESES, por me transmitirem os conhecimentos fundamentais, para me tornar numa profissional de excelência.

Agradeço ao meu “núcleo duro”, Rita C., Beta C. e Sónia R., pelo apoio incondicional, pela força e motivação. Sem vocês ter-me-ia perdido muitas vezes.

À minha colega de estágios Sónia Monteiro, pelos desabafos, angústias, partilhas e alegrias e vitórias.

Às minhas colegas de Licenciatura e Mestrado pelas partilhas, risos e alegrias.

À Diretora Técnica da Instituição onde trabalho, Antonina, pelo encorajamento.

Aos amigos, que tinham uma palavra de força e incentivo e me acompanharam neste percurso.

Resumo

O presente relatório de estágio é formado por duas partes diferenciadas. A primeira parte contempla a análise dos estágios realizados em Creche, Jardim-de-infância e 1º Ciclo do Ensino Básico e dos projetos desenvolvidos na Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Educação Pré- Escolar e Ensino do 1º Ciclo, assim como o meu percurso de desenvolvimento profissional.

Na segunda parte é apresentado o trabalho de pesquisa, cujo objetivo é saber quais as potencialidades pedagógicas das histórias na Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico. Este exercício investigativo é de natureza qualitativa e desenvolveu-se na realização de entrevistas semiestruturadas, com a finalidade de conhecer as concepções que educadoras e professoras têm sobre as potencialidades pedagógicas das histórias infantis nas suas práticas pedagógicas.

Os resultados da pesquisa mostram que as histórias têm um papel importante na expansão do que as crianças podem conhecer sobre o mundo que as rodeia, apelando à criatividade e à imaginação, desenvolvem a atenção, o vocabulário, a clarificação de valores, a oralidade, a interpretação e conhecimento da língua.

Palavras-Chave: Literatura Infantil, leitura, potencialidades pedagógicas, prática pedagógica

Abstract

This traineeship report is divided into two parts. The first part includes the analysis of the placements carried out in Kindergarten, Kindergarten and 1st Cycle of Basic Education and the projects developed in the Supervised Teaching Practice of the Master's Degree in Pre-School Education and 1st Cycle Teaching, as well as my course Professional development.

The second part presents the research work, whose objective is to know the pedagogical potential of stories in pre-school and primary education. This investigative exercise is of a qualitative nature and was developed in the conduct of semi-structured interviews, with the purpose of knowing the conceptions that educators have about the pedagogical potentialities of children's stories in their pedagogical practices.

The research results show that stories play an important role in expanding what children can know about the world around them, appealing to creativity and imagination, developing attention, vocabulary, clarity of values, orality, Interpretation and knowledge of the language.

Keywords: Children's Literature, reading, pedagogical potentialities, pedagogical practice

Índice	
Introdução.....	1
Parte I – Estágios	2
1. Contextos Institucionais dos Estágios	2
1.1. Contexto de estágio em Pré-Escolar.....	2
1.2. Contexto de estágio em 1º Ciclo do Ensino Básico	7
1.3. Contexto de estágio em Creche	12
2. Percurso de desenvolvimento profissional.....	18
3. Percurso investigativo.....	32
Parte II – Trabalho de pesquisa	35
1. Enquadramento da questão.....	35
2. Fundamentação teórica	35
2.1. Literatura infantil	35
2.2. Importância da literatura infantil.....	36
2.3. A literatura infantil na Educação Pré-Escolar.....	38
2.4. A literatura infantil no 1º Ciclo do Ensino Básico.....	39
3. Metodologia.....	41
3.1. Questão pesquisada.....	41
3.2. Objetivos da pesquisa	42
3.3. Tipo de estudo.....	42
3.4. Participantes do estudo	44
3.5. Recolha e análise de dados	44
4. Tratamento dos dados.....	47
5. Apresentação e análise dos resultados	49
5.1. Concepções das Educadoras do Pré-Escolar.....	49
5.2. Concepções das Professoras do 1º Ciclo do Ensino Básico.....	52
5.3. Perspetiva da Especialista em Literatura Infantil	54
Síntese dos dados	57
Reflexão Final.....	61
Referências Bibliográficas.....	64
Anexos.....	67

Introdução

O presente relatório foi elaborado como parte integrante da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação de Santarém (Instituto Politécnico de Santarém) e destina-se à obtenção do grau de mestre.

Este relatório está organizado em duas partes distintas.

Na primeira parte apresento os três estágios curriculares realizados em contexto de Creche, Jardim de Infância e 1º Ciclo do Ensino Básico e respetivos projetos desenvolvidos. Apresento ainda o meu percurso de desenvolvimento profissional, evidenciando as dificuldades sentidas e os aspetos positivos dos estágios e uma apresentação do percurso investigativo, demonstrando como surgiu a minha questão de pesquisa.

Na segunda parte apresento a questão de pesquisa, a metodologia de trabalho por mim adotada, a fundamentação teórica do tópico de pesquisa, o trabalho de pesquisa e as principais conclusões.

Por fim apresento uma reflexão final sobre o meu percurso académico e de como este me influenciou no futuro enquanto educadora de infância e professora de 1º Ciclo.

Este relatório apresenta as problemáticas com que me deparei no decorrer dos estágios.

A problemática que deu origem à questão orientadora do presente exercício investigativo, apresentada na segunda parte, surgiu ao observar como as educadoras realizavam a leitura das histórias, a importância e intencionalidade que lhes davam nas suas práticas pedagógicas. As histórias infantis contribuem para estimular a imaginação e a fantasia, para adquirir novo vocabulário, para desenvolver a linguagem, a atenção, a memória e o gosto pela leitura, auxiliando no processo de aprendizagem e socialização da criança.

Parte I – Estágios

1. Contextos Institucionais dos Estágios

Os estágios curriculares realizados no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico decorreram durante os anos letivos 2013/2014, em contexto de Pré-Escolar e 1º Ciclo e 2014/2015 em contexto de Creche, na cidade de Santarém.

1.1. Contexto de estágio em Pré-Escolar

O estágio em contexto de Pré-Escolar decorreu de 22 de outubro 2013 a 10 de janeiro de 2014, numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), na cidade de Santarém.

Esta Instituição, que agrega duas valências (Creche e Pré-Escolar), foi inaugurada em 1998 e sofreu obras de remodelação em 2001 e 2004.

O edifício é constituído por dois pisos. No rés-do-chão situam-se as salas de 4 e 5 anos, existe uma zona de cabides, uma casa de banho (comum às duas salas) e uma arrecadação. No 2º piso funciona a sala dos 3 anos (Pré-Escolar) e a Creche, que é composta por quatro salas de atividades: Berçário, Sala de 1 Ano, Sala dos 2 Anos e Sala Familiar. Existe ainda um Refeitório, uma Copa, três casas de banho, um gabinete de atendimento, uma zona de cabides, um vestiário para as funcionárias e duas casas de banho para adultos.

Junto ao edifício existem espaços exteriores com equipamento e piso adequado às brincadeiras e atividades realizadas pelas crianças

Nesta Instituição trabalhavam seis Educadoras de Infância, nove Auxiliares de Ação Educativa, três Auxiliares de Serviços Gerais e uma Psicóloga, que era a Diretora da Instituição.

O horário de funcionamento da Instituição era das 7h 45m às 19h.

No Pré-Escolar, o trabalho educativo realizava-se de acordo com o modelo curricular Movimento da Escola Moderna (MEM). Este modelo promove a autonomia e a aprendizagem ativa das crianças, privilegiando o que a criança sabe e, a partir daí, desenvolver os projetos de sala. Estes projetos surgem das questões e interesses do grupo nas conversas de acolhimento da manhã ou durante as brincadeiras nas áreas, e têm a durabilidade que o grupo quiser.

Formosinho (1998), citando Niza, menciona que o MEM pretende criar um espaço de iniciação às práticas de cooperação e de solidariedade de uma vida democrática, onde educadores e educandos organizam um ambiente institucional capaz de ajudar cada um a apropriar-se dos conhecimentos, dos processos e dos valores morais e estéticos gerados pela humanidade. Um dos pressupostos do processo educativo deste modelo é manter permanentemente um clima de livre expressão das crianças, reforçado pela valorização das suas experiências de vida, das suas opiniões e ideias.

Na sala e, respeitando os instrumentos de regulação cooperativa do Modelo Curricular do Movimento da Escola Moderna (MEM), existia um placar com o Registo das Atividades; “o nosso diário”; o mapa do tempo; o mapa das presenças; o mapa de aniversários; o plano semanal de atividades; o quadro das tarefas semanais.

A sala estava dividida em diversas áreas, com uma área central polivalente para trabalho coletivo, onde se situava uma mesa comprida com cadeiras à volta para as crianças: espaço para a biblioteca, oficina de escrita e reprodução, espaço de laboratório de ciências e matemática, espaço de garagem e construções, outro de atividades plásticas e expressões artísticas e um espaço de brinquedos, jogos e faz de conta (casinha).

A sala dos 5 anos disponha de iluminação natural, em virtude da existência de várias janelas amplas e duas portas de acesso ao espaço exterior, o que ajudava na realização das atividades das crianças; era um espaço amplo e bem organizado. O mobiliário era adequado às idades e estatura das crianças, para que pudessem chegar aos materiais disponíveis e realizar as suas atividades.

O grupo era constituído por vinte e uma crianças, dezasseis do sexo masculino e cinco do sexo feminino, com cinco anos ou que os completavam até 31 de dezembro do corrente ano, residentes em santarém ou áreas envolventes, não nos tendo sido permitido recolher dados socioprofissionais dos pais.

Neste grupo existia uma criança com atraso de desenvolvimento global que recebia apoio de uma terapeuta da fala uma vez por semana em sala de aula. Maioritariamente, o grupo mantinha-se desde a Creche, existindo apenas duas crianças que se juntaram ao grupo no Pré-Escolar, e revelavam uma grande cumplicidade. Algumas crianças têm irmãos que frequentam também a Instituição

As crianças deste grupo gostavam de participar nas atividades e projetos propostos e realizavam-nas sempre com entusiasmo, demonstravam gosto em aprender coisas novas e estavam em constante busca de respostas para as questões que surgiam durante a realização das atividades. Gostavam de realizar atividades de expressão plástica e de ver o resultado final das atividades que realizavam, querendo sempre

refletir sobre o trabalho desenvolvido, não apresentando dificuldades em expressarem as suas ideias e opiniões.

Eram crianças meigas e afáveis, extrovertidas, comunicativas e curiosas, quer com os adultos, quer com as outras crianças. Era um grupo empenhado nas tarefas que realizavam, conseguiam partilhar o material e brinquedos disponíveis na sala, respeitavam os colegas aquando da reunião em grupo (onde cada um falava sobre qualquer coisa importante que tivesse acontecido) e raramente havia desentendimentos entre elas. Gostavam de brincar em grupo e ajudavam-se mutuamente quando tinham de arrumar os brinquedos e materiais da sala.

As atividades da sala realizavam-se em duas etapas distintas: a parte da manhã e a parte da tarde. Na etapa da manhã, o trabalho centrava-se na Reunião de Grupo e Atividades de Projeto e nas atividades do Plano de Atividades (Espanhol, Ginástica, Yoga, Ciências, Dança); durante a tarde, as crianças brincavam durante algum tempo nas áreas da sala e, depois, o trabalho centrava-se na Reunião em Conselho (onde as crianças faziam o Diário). Consoante os dias, crianças iam para atividades do Plano de Atividades (Expressão Musical, Inglês, Judo)

As crianças frequentavam atividades propostas pela instituição tais como inglês, espanhol, ginástica e ciências em que participa todo grupo e atividades extras que eram selecionadas pelos pais como o ioga, judo, dança e música.

Por norma, as crianças chegavam à Instituição entre as 8h 45m e as 9h 30m. Às 9h 30m fazia-se a Reunião de Grupo, onde se cantava a canção do “Bom Dia”, a educadora perguntava qual era o dia da semana, do mês, da estação do ano e perguntava ao grupo se tinham novidades para contar aos amigos. Era a partir do que as crianças diziam no Acolhimento (à segunda feira), que a educadora delineava as atividades e projetos a desenvolver, seguindo as sugestões levantadas no acolhimento ou no balanço feito no dia anterior, no Diário do Grupo

Depois da Reunião de Grupo, às 10h as crianças realizavam atividades (na sala ou fora da sala). Por volta das 11h 20m arrumavam a sala e faziam a higiene pessoal e por volta das 11h30m iam almoçar. Depois do almoço e de realizarem a sua higiene pessoal, brincavam nas áreas da sala. Por volta das 14h começam a arrumar as áreas e sentavam-se nas cadeiras, à volta da mesa para fazerem a Reunião em Conselho, com a educadora. Nesta reunião falavam da atividade que realizaram durante a manhã e escrevem no Diário, fazendo também um desenho no diário sobre o que escreveram. Às 15h30 era hora do lanche e depois (consoante os dias) tinham atividades extra selecionadas pelos pais. Depois do lanche, as crianças ou brincavam na rua (quando o tempo o permitia) ou estavam na sala em atividades várias ou nas

áreas (casinha, jogos, garagem). A partir das 17h as crianças começam a sair da Instituição.

A educadora desenvolvia as atividades na sala tendo como base o tema “Educar pela Arte”. Assim, pegando nesse tema, eu e a minha colega de estágio decidimos criar, como nosso projeto, a “Enciclopédia da Arte”. Este projeto surgiu de uma frase que uma criança disse no Conselho Diário “Gostava de fazer um trabalho de pintores, como o da Mona Lisa”, e pretendeu apresentar às crianças um pouco sobre a vida e obra de alguns artistas (de pintura, literatura, escultura, música, artes plásticas) e culminou com criação de um livro, A Enciclopédia da Arte.

Semanalmente era apresentado às crianças um determinado artista, dando a conhecer um pouco da sua vida e obra e depois eram realizadas atividades relacionadas com o mesmo.

Com este projeto pretendemos proporcionar experiências que ajudassem as crianças a refletir, a desenvolver valores, sentimentos, emoções e uma visão alargada e questionadora do meio e mundo que a rodeia.

O projeto “Enciclopédia da Arte” foi baseado no Projeto Educativo da Instituição, que tinha como objetivos sensibilizar as crianças para reduzir, reciclar, reutilizar e a renovar os materiais para poderem futuramente preservar o Meio Ambiente e a Natureza. Assim, as atividades do projeto promoviam a reutilização de materiais (da sala ou que traziam de casa) e tinham por base as áreas de Formação Pessoal e Social, Expressão e Comunicação e Conhecimento do Mundo, pois os educadores devem articular as diferentes áreas de conteúdo de forma a promover o desenvolvimento físico, social, emocional, cognitivo e linguístico das crianças.

As Orientações Curriculares (p.32) mencionam que o educador tem um papel fundamental no processo de aprendizagem e devem articular a abordagem das diferentes áreas de conteúdo e domínios, para que se integrem num processo flexível de aprendizagem que corresponda às suas intenções pedagógicas e tendo a participação das crianças.

O trabalho desenvolvido neste projeto assentava em práticas educativas que promoviam a cooperação, a colaboração, a entreatajuda, o trabalho de equipa, a partilha de ideias, a amizade e responsabilidade.

Este projeto tinha como objetivos educar para a sensibilidade estética e desenvolver a capacidade crítica; desenvolver a expressão, a criatividade e a motricidade; praticar a socialização e o respeito mútuo e desenvolver a autonomia.

Estes valores estiveram sempre presentes durante a elaboração e desenvolvimento do projeto, pois, entre outras atividades, as crianças decoraram a capa da Enciclopédia em conjunto e podiam pesquisar em casa, com os pais, sobre os artistas,

acrescentando informação à Enciclopédia; depois traziam a sua pesquisa para a sala e mostravam aos colegas, debatendo ideias sobre a pesquisa.

Das atividades realizadas no âmbito do projeto “Enciclopédia da Arte”, saliento a leitura da “Lagarta Comilona”, de Eric Carle, no Dia Mundial da Alimentação. Esta atividade correu bem, pois as crianças estiveram concentradas aquando da audição da história, participaram ativamente quando questionadas sobre a mesma e estavam ansiosas para realizar a atividade de expressão plástica depois da leitura da história.

A realização desta atividade permitiu-me perceber que as crianças estavam motivadas para a audição de histórias, que gostavam de fazer atividades relacionadas com a história e quais as competências que adquiriram. Percebi que estavam motivadas porque assim que viram o livro, fizeram silêncio e consegui explicar em que consistia a atividade sem percalços. Percebi que gostavam de realizar atividades relacionadas com as histórias, porque depois de finalizarem a atividade que tinha proposto, perguntaram o que iam fazer a seguir. Percebi que entenderam a mensagem da história porque houve um diálogo, em grupo, em que quase todos deram a sua opinião sobre a alimentação e quais os alimentos bons e maus.

Esta atividade serviu para desenvolver a concentração, dialogar com o grupo sobre uma temática específica (a alimentação saudável), identificar a sequência da história, estimular a criatividade e a imaginação, desenvolver a motricidade fina e dar o conceito de número e conjuntos.

Para iniciar a atividade mostrei às crianças a capa e o título do livro e houve um momento de diálogo, em que cada criança pode dizer qual seria o tema da história a partir da imagem da capa. Depois de ouvirem a história houve novamente um diálogo sobre a mesma, em que as crianças recontaram a história e onde se falou sobre a temática da alimentação saudável. Posteriormente as crianças realizaram uma atividade de expressão plástica, construindo uma lagarta com materiais recicláveis para ser exposta na sala.

Com a realização desta atividade, abordámos também a Matemática. As crianças contaram os alimentos que a lagarta tinha comido e fizeram ainda um pictograma, onde colaram os alimentos mencionados na história. Depois de realizarem esta tarefa, analisamos o pictograma com as crianças, perguntando-lhes qual o alimento que a lagarta comeu mais, qual o que comeu menos, quantos alimentos possuía a barra maior e a menor, qual foi o total de alimentos que a lagarta comeu. Neste caso proporcionámos uma experiência com noções de Matemática a partir da leitura de uma história, pois, e segundo as Orientações Curriculares para o Pré-Escolar (2016:74), as crianças aprendem a matematizar as suas experiências informais,

usando as ideias matemáticas para criarem representações se situações que tenham significado para elas e que surtem associadas a outras áreas de conteúdo.

Com a leitura desta história, percebi que era um tema que as crianças gostavam, pois mostraram-se interessadas, estavam atentas à leitura e motivadas na exploração do livro e na realização de atividades relacionadas com a história.

A partir deste momento comecei a ter em atenção se as crianças exploravam os livros da sala (havia uma pequena biblioteca) ou se era hábito a educadora ler histórias para eles. Percebi que raramente as crianças exploravam a biblioteca, preferindo brincar noutros locais da sala e, em conversa com a educadora, esta explicou-me que às vezes as crianças traziam livros de casa para mostrar aos colegas e que era a auxiliar, ao final do dia, que mostrava o livro e lia a história.

1.2. Contexto de estágio em 1º Ciclo do Ensino Básico

O estágio em contexto de 1º Ciclo do Ensino Básico decorreu de 12 março a 6 de junho de 2014, numa escola da rede pública, na periferia de Santarém, com uma turma de 1º e 2º ano. Não existem certezas quanto à construção da escola, pensando-se que deve ter pelo menos 150 anos, não existindo registo da data em que foi construída. A escola terá sido alvo de beneficiação pela Junta Distrital de Santarém em 1934 e, posteriormente, sofreu alterações no seu interior, ao nível das suas salas de aula, passando de uma para duas e por fim de duas para três. Entre setembro de 2004 e maio de 2005 sofreu obras de ampliação e requalificação, adquirindo o aspeto que hoje possui e passando a ser, para além de EB1, também pré-escolar.

A escola é constituída por dois andares. No rés-do-chão existe uma sala de 1º ciclo (3º e 4º anos), uma sala de jardim-de-infância, duas despensas de arrumos, uma casa de banho e um refeitório com uma pequena cozinha. O primeiro andar é constituído por uma sala de 1º Ciclo (1º e 2º anos), uma casa de banho e um gabinete onde se encontrava a fotocopiadora.

Nesta escola lecionam duas Professoras titulares, uma Educadora de Infância e quatro Assistentes Operacionais.

O horário de funcionamento da escola era das 9h00 às 12h30 e das 14h00 às 15h30. Havia ainda, das 15h30 às 17h30, as Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC), onde poucas crianças do grupo com o qual realizei o estágio participavam.

Às 10h30 as crianças faziam um intervalo para o lanche da manhã e, no pátio, juntavam-se as crianças do Pré-escolar e as do 1º Ciclo.

A turma era constituída por vinte e dois alunos, dos quais catorze eram do 1º ano de escolaridade (cinco raparigas e nove rapazes) e oito eram do 2º ano (cinco raparigas e três rapazes), residentes nas Fontainhas e Santarém.

Os alunos estavam divididos em dois grupos, por anos. O 1º ano estava dividido em quatro pequenos grupos, em quatro mesas; o 2º ano formava um grupo, estando as mesas juntas umas das outras, formando um quadrado.

Na maioria, estes alunos eram participativos, comunicativos, sociáveis e interessados nas aprendizagens e atentos ao que a professora dizia, havendo dois ou três mais imaturos. Era uma turma autónoma, bem-comportada, com regras e responsável pelo material e arrumação da sala, incutido pela professora cooperante. Demonstraram ser um grupo unido e respeitavam o espaço uns dos outros, compreendiam quando a professora dispensava mais tempo a explicar algum conteúdo aos alunos que tinham mais dificuldades, ajudando-se uns aos outros sempre que possível ou pedido pelo adulto.

Em relação às aprendizagens, era um grupo heterogéneo, havendo dois ou três alunos do 1º ano com uma grande capacidade de aprendizagem que, por vezes, até acompanham as aprendizagens do 2º ano, virando-se inclusivamente para o quadro do 2º ano. Na turma do 1º ano havia três alunos que apresentavam algumas dificuldades na área da Matemática e na resolução de problemas e na área do Português, nomeadamente na leitura, sendo sempre os últimos a acabar os exercícios realizados na aula. No entanto, quase sempre, havia dois alunos que acabavam os exercícios em primeiro lugar e disponibilizavam-se para ajudar estas crianças que tinham mais dificuldades. Os restantes alunos terminavam as tarefas propostas dentro do tempo previsto pela professora, ficando, por vezes, impacientes com a demora dos colegas em terminar os exercícios.

A turma do 2º ano era homogénea nas aprendizagens, havendo apenas um aluno que apresentava algumas dificuldades na área da matemática. Regra geral, se tivessem dúvidas, quer na resolução de algum exercício, quer na explicação de algum conteúdo programático, estes alunos pediam para que repetisse o que tinha explicado.

Durante a realização deste estágio deparámo-nos com algumas dificuldades, nomeadamente na planificação das aulas, na gestão do tempo na sala de aula e nas estratégias para iniciar as aulas.

Na primeira semana de intervenção houve uma aula (Língua Portuguesa) que não correu como tínhamos planeado. Depois de termos escrito o sumário no quadro, apresentámos às crianças a letra Z, mostrando cinco imagens, em power point, que começavam por za, ze, zi, zo, zu. Depois de termos mostrado as imagens, deveríamos ter feito a divisão silábica das palavras com as crianças e entregar uma ficha com

exercícios para elas fazerem sobre a letra Z. No entanto, depois de apresentarmos as palavras, entregámos a ficha e esquecemo-nos de fazer a divisão silábica das palavras. Pensámos que não aconteceria, mas depois, no desenrolar da aula, essa parte da planificação ficou esquecida. Com esta situação, percebemos que o professor tem que ter a planificação rigorosamente pensada e presente para o apoiar enquanto transmite os conteúdos programáticos às crianças, para não se perder e para que a aula tenha um seguimento.

Houve atividades que correram muito bem, devido ao fato de as crianças estarem recetivas ao que dizíamos ou mostrávamos. Por exemplo, nas aulas de Matemática, em que usámos material didático, como o MAB, o geoplano ou dinheiro, as crianças estiveram com atenção e interessadas no que estávamos a propor.

Nas aulas de Português, as que funcionaram melhor foi quando mostrámos o texto no quadro interativo ou fizemos exercícios com jogos (feitos manualmente, com os conteúdos a lecionar em determinadas aulas). Por exemplo, numa das aulas de língua portuguesa, para trabalhar palavras com al, el, ce, ci, ge, nh, lhe, ch, construímos sete puzzles, tamanho de uma folha A4, com oito ou nove imagens. Cada folha tinha o fundo de uma cor, por exemplo, as palavras com al, el, ul (alface, pulseira, anel, balde, polvo, sol, caracol, mel) estavam numa folha de cor azul, as palavras com ss (osso, pêssago, passadeira, gesso, massa, pássaro, girassol) estavam de cor vermelha, as palavras com nh tinham uma folha verde, etc. Explicámos aos alunos que, a pares, teriam de construir os puzzles, escrever as palavras referentes a cada imagem no caderno e descobrir o que tinham em comum essas palavras. Depois de escreverem as palavras que as imagens ilustravam no caderno, individualmente, teriam de escolher quatro ou cinco palavras e elaborarem duas ou três frases com essas palavras.

Penso que esta atividade funcionou bem, porque conseguimos que os alunos apreendessem os conteúdos programáticos que queríamos transmitir. Os alunos conseguiram realizar esta tarefa sem dificuldade, estavam motivados e entusiasmados com a mesma, havendo até alguma competição, pois queriam ser os primeiros a construir o puzzle. Constatei que atingiram os objetivos pretendidos, que eram identificar as palavras com: al, el, il; ss; ce e ci; ge e gi; nh, lh; ch, elaborar e escrever frases e articular corretamente as palavras, pois, a maioria das crianças conseguiu descobrir o que tinham em comum as palavras do puzzle que construíram e elaboraram facilmente frases com essas palavras.

Houve apenas dois ou três alunos que tiveram alguma dificuldade para elaborar as frases, pois têm alguma dificuldade na área do Português e tivemos de os ajudar,

dialogando com eles ou incentivando o par a dialogar entre si e assim, conseguirem elaborar as frases.

Com a realização das diversas atividades, percebemos que, por vezes uma simples cartolina com imagens fazia com que os alunos estivessem mais interessados pelos conteúdos que estávamos a transmitir e ficavam atentos ao que dizíamos. Foi o que aconteceu numa aula Língua Portuguesa, quando levámos uma cartolina com imagens para apresentar as letras K, Y, W e eles tinham de associar as imagens à palavra. Nesta aula, à medida que mostrávamos as imagens que ilustravam palavras com as consoantes K,Y,W perguntávamos aos alunos se sabiam o que era; caso não soubessem então nós dizíamos. Depois, mostrámos uma cartolina com as mesmas imagens e uns cartões onde estavam as palavras, lemos as palavras em voz alta e os alunos tinham de ir ao quadro, colocar a palavra ao lado da imagem correspondente, na cartolina. Foi uma aula dinâmica e divertida, os alunos estavam atentos ao que dizíamos e interessados em participar, todos queriam ser o primeiro a ir ao quadro.

Quando os alunos realizaram as Fichas Sumativas de Matemática, Português e Estudo do Meio, em março, as atividades que planeámos para essa semana foram de expressão plástica e expressão motora.

Assim, enquanto a turma do 2º ano estava na sala a ouvir o texto para realizar a Ficha Sumativa de Português a turma do 1º ano estava a realizar uma atividade de expressão plástica, fora da sala.

A realização da atividade de expressão plástica tinha como objetivo desenvolver a motricidade fina, manipular e explorar diferentes materiais, modelar e fazer dobragens. Esta atividade consistia na elaboração de um painel da primavera, feito em papel de cenário, que serviria para decorar uma parede da escola. O primeiro passo foi perguntar às crianças quais os elementos que deviam constar nesse painel e à medida que as crianças davam as suas opiniões, anotávamos o que era dito. Cada criança desenhou um pouco do painel, com referências da primavera.

Esta atividade correu bem, pois conseguimos orientar a turma na realização de tarefas diferentes, uma vez que enquanto algumas crianças (três/quatro) estavam a pintar o painel em conjunto, as outras estavam a realizar outra atividade, individualmente. Essa atividade consistia em fazer uma flor e um coelho através de dobragem de uma folha. As crianças tinham de estar concentradas para ouvir e seguir as indicações dadas, uma vez que tinham de executar os passos da dobragem ao mesmo tempo que as adultas.

Enquanto o 2º ano realizava a Ficha Sumativa de Matemática, o 1º ano realizou, no pátio da escola, uma atividade de expressão motora, que se chamava “Acerto na Flor”.

Esta atividade juntou a expressão motora com a consolidação de conteúdos programáticos lecionados, promovendo a cooperação entre as crianças e proporcionando alguma brincadeira. Este jogo teve como objetivo lançar uma bola à distância e com precisão a um alvo, praticar um jogo cumprindo as suas regras e executar ações durante a realização de um jogo.

A flor tinha cinco buracos e cada um tinha uma pontuação. O jogo era realizado por duas equipas e consistia em acertar, com uma bola de ténis, nos buracos da flor com maior pontuação. As equipas foram escolhidas aleatoriamente e, antes de atirarem as bolas, as crianças tinham de responder a algumas perguntas, por exemplo: quantos eram $5+10$?; soletrar a palavra menino; dizer uma palavra começada pela letra Z; cantar uma canção; imitar um leão; dizer o nome de uma planta; saltar ao pé cochino; dizer uma lengalenga; etc., abordando alguns conteúdos programáticos. Quando a criança acertava na resposta, atirava duas bolas ao alvo; se errasse a resposta, a equipa adversária podia responder à pergunta, e caso acertasse, era esta a equipa que atirava a bola ao alvo. Se a equipa errasse a resposta, só tinha a possibilidade de atirar uma bola ao alvo. As perguntas eram feitas alternadamente às equipas, primeiro à equipa A, depois à equipa B.

As atividades de expressão plástica e motora são importantes no 1º Ciclo porque despertam a imaginação e a criatividade dos alunos; permite-lhes desenvolver a destreza manual e a expressar o seu mundo interior; ajuda-os a desenvolver o espírito de interajuda e a cooperação e a compreender regras que têm de ser cumpridas e auxilia-os a controlar a postura e a orientação espacial.

As Metas Curriculares do Ensino Básico (Ministério da Educação, 2015), referem que, relativamente à Expressão Plástica, “a exploração livre de meios de expressão gráfica e plástica contribui para despertar a imaginação e a criatividade dos alunos, possibilitando o desenvolvimento da destreza manual”. Relativamente à Expressão e Educação Físico-Motora, o Bloco 4- Jogos, menciona que as crianças devem “praticar jogos, cumprindo as suas regras, realizando com intencionalidade lançamentos de precisão à distância e posições de equilíbrio”.

Para que as minhas intervenções didático-pedagógicas decorressem da melhor maneira, tive sempre em conta as competências enumeradas no projeto de turma, tais como a abordagem dos temas com base nas situações do dia-a-dia, o ensino individualizado, a gestão das diferenças no grupo, a valorização das motivações e interesses dos alunos e dos seus conhecimentos prévios, a estimulação da linguagem verbal e escrita, cooperação entre os alunos em tarefas comuns, a utilização e manipulação livre de diferentes materiais e a realização de atividades de forma autónoma e responsável. Para além destas competências, respeitei sempre as

planificações e prioridades da professora cooperante, seguindo os seus conselhos e ideias sobre as estratégias para trabalhar com as crianças os conteúdos programáticos e outras atividades que iríamos desenvolver. Por exemplo, a professora cooperante disse que, para trabalhar o tema “Medida” numa aula de Matemática, deveria utilizar objetos reais, existentes na sala. Assim, para explicar esse conteúdo programático, medi, com os alunos, a mesa da professora, o quadro preto, a mesa dos alunos, a porta da sala, um caderno. Para medir estes objetos utilizei ainda diferentes instrumentos de medição, tais como régua, clipes, mão e pé do aluno.

Este estágio permitiu-nos analisar a forma como os alunos interagem entre si dentro e fora da sala de aula, a forma como a professora transmitia os conteúdos programáticos, resolvia situações/conflitos do dia-a-dia e arranjava estratégias para motivar as crianças para a aprendizagem. Por exemplo, uma das estratégias que a professora usou foi a de sentar alunos que tinham alguma dificuldade de aprendizagem junto a alunos com mais facilidades de aprendizagem, para que estes ajudassem os colegas. Um exemplo de como a professora cooperante resolvia os conflitos entre os alunos era falar com eles individualmente, dando a oportunidade a cada de um explicar o seu ponto de vista sobre a situação e depois juntava os alunos envolvidos nesse conflito para que pudessem resolver a situação.

Durante este estágio verificámos que a relação entre a professora e os encarregados de educação era próxima e sempre que alguma situação urgente tivesse de ser comunicada aos encarregados de educação, a professora ligava ou mandava mensagem via telemóvel. Por exemplo, houve um aluno que não tinha realizado os exercícios para a preparação da ficha de avaliação que a professora tinha mandado fazer em casa. A professora perguntou-lhe a razão de ele não os ter realizado e de seguida mandou uma mensagem ao encarregado de educação desse aluno a comunicar a situação

1.3. Contexto de estágio em Creche

O estágio em contexto de creche (sala de 1 ano) decorreu de 22 de outubro 2014 a 16 de janeiro de 2015, numa IPSS na cidade de Santarém. Esta Instituição, que agrega duas valências (Creche e Pré-Escolar), foi inaugurada em 1998 e sofreu obras de remodelação em 2001 e 2004.

O edifício é composto por dois pisos, sendo que o pré-escolar funciona no rés-do-chão e a creche no primeiro andar. No rés-do-chão situava-se as salas de 4 e 5 anos,

existia uma zona de cabides, uma casa de banho (comum às duas salas) e uma arrecadação. No 2º piso funcionava a sala dos 3 anos (pré-escolar) e a Creche, que era composta por quatro salas de atividades: Berçário, sala de 1 Ano, sala dos 2 Anos e sala Familiar.

Existe ainda um Refeitório, uma Copa, três casas de banho e um fraldário, um gabinete de atendimento, uma zona de cabides, um vestiário para as funcionárias e duas casas de banho para adultos.

Junto ao edifício existem espaços exteriores, com equipamento e piso adequado às brincadeiras e atividades realizadas pelas crianças

Nesta Instituição trabalham seis Educadoras de Infância, nove Auxiliares de Ação Educativa, três Auxiliares de Serviços Gerais e uma Psicóloga que é a Diretora da Instituição.

Na Creche o trabalho pedagógico das educadoras baseia-se no Modelo Curricular High-Scope, uma abordagem aberta de teorias de desenvolvimento e práticas educacionais que se baseiam no desenvolvimento natural das crianças.

Post e Hohmann (2011, citando Powell) referem que na abordagem High Scope, as crianças constroem uma compreensão própria do mundo através do envolvimento ativo com pessoas, materiais e ideias. Este princípio tem como base as teorias construtivistas de Piaget e sugere que todas as crianças aprendem ativamente, adquirem conhecimento experimentando ativamente o mundo à sua volta, escolhendo, explorando, manipulando, transformando, fazendo experiências.

O horário de funcionamento da Instituição é das 7h 45m às 19h.

A sala de 1 ano era ampla e possui duas janelas grandes, que possibilitavam uma iluminação natural. O mobiliário disponível era adequado a esta faixa etária, existindo poucos móveis para não atrapalharem a mobilidades das crianças. Possuía três móveis, um para arrumação de materiais de desperdício, outro para arrumação de livros e caixas para guardar bonecos e legos e um, com prateleiras abertas, que serviam para arrumar diversos brinquedos; uma mesa de trabalho e três cadeiras. Na sala existia um fraldário (comum à sala de berçário), com um móvel para arrumação de fraldas das crianças, duas bancadas muda fralda, uma banheira, duas sanitas e um móvel de parede com duas prateleiras. Na sala existia ainda uma despensa onde estavam guardados os colchões que serviam de camas para a sesta das crianças.

O grupo da sala de 1 ano era constituído por doze crianças, quatro meninos e oito meninas, com idades compreendidas entre os doze e os dezoito meses. A nível motor apenas três ainda não tinham adquirido a marcha; a nível cognitivo e de linguagem, seis crianças já diziam algumas palavras e todas percebiam pequenas instruções, como arrumar os brinquedos, mudar a fralda, sentar, beber água. Na hora da refeição,

quase todas as crianças comiam o segundo prato sem ajuda do adulto, exceto a sopa, que era dada pelos adultos.

As crianças desta sala residem em Santarém ou áreas envolventes.

Era um grupo interessado, extrovertido, curioso e comunicativo, quer com os adultos, quer com as outras crianças. Gostavam de brincar individualmente com os diferentes materiais existentes na sala e apreciavam realizar atividades de expressão plástica e de exploração de materiais.

Apesar de existirem pequenos desentendimentos entre as crianças (batiam, puxavam o cabelo e mordiam quando queriam algo que um colega tinha), já se começava a notar amizades e preferências entre elas para brincar e interagir. Algumas crianças já tinham a noção do que estava certo e errado, tanto nas coisas que faziam como nas que os outros faziam e, quando achavam necessário, pediam a intervenção do adulto para as ajudar.

Nas atividades livres exploravam a sala e os materiais com entusiasmo e alegria. Relativamente às atividades orientadas, o grupo era recetivo às mesmas, pois assim que viam algum material na mesa de trabalho, iam a correr para a mesa ou para o pé do adulto. Alguns tinham receio quando lhes apresentava materiais novos/diferentes, tendo medo de lhes pegar. No entanto depois de observarem os colegas a fazer experimentavam e gostavam de realizar a atividades. Isto acontece, normalmente, com as três crianças mais novas da sala.

O projeto educativo da sala de 1 ano intitulava-se “A Música como meio interativo entre a criança e o adulto” e pretendia sensibilizar a criança para os diversos sons, estilos de música que a rodeiam; despertar a curiosidade e interesse, relativamente às diversas áreas de desenvolvimento, introduzindo a música como meio de estimulação e promover a participação ativa das crianças, encorajando o desenvolvimento da sua autonomia, independência, capacidade de escolha, de experimentar e produzir (sons, movimentos). O projeto da sala referia que a música desenvolve e estimula a criança ao longo das atividades, trabalhando deste modo, as diversas áreas de desenvolvimento, influencia a postura e comportamento da criança; cantar, ouvir diversos sons, ouvir um CD, reproduzir um som, são interações privilegiadas ao longo das rotinas e durante as diversas atividades

O projeto que realizámos intitulava-se “Explorar e Sentir para Crescer” e foi baseado no Projeto de Sala. Este projeto pretendia explorar os cinco sentidos (visão, tato, audição, olfato, paladar) e proporcionar às crianças situações diversificadas de aprendizagem, de forma a estimular o seu desenvolvimento físico, motor e cognitivo, dando à criança a oportunidade de experimentar novas situações e vivências, promovendo assim a sua autonomia.

As atividades que realizámos envolviam a música para que as crianças explorassem o corpo, a voz e os sons que podiam produzir e pretendiam estimular o desenvolvimento global das crianças, proporcionando novas sensações e exploração de materiais, objetos e sons, dando primazia às experiências sensoriais, pois a primeira visão que o bebé tem do mundo que o rodeia são os cinco sentidos e é através deles que a criança experiencia o mundo que o rodeia.

Das atividades realizadas, saliento duas, pois penso que foram as que as crianças mais gostaram, uma vez que as exploraram durante muito tempo, demonstrando que estavam concentradas na realização das mesmas. Essas atividades foram “Exploração dos sons”, e “Chegaram balões à nossa sala”.

A atividade “Exploração dos sons” tinha como objetivos estimular a audição, desenvolver a coordenação motora e a concentração, explorar sons diferentes, manusear e explorar materiais sonoros, partilhar objetos e interagir com os colegas. Esta atividade consistia na exploração de vários objetos que faziam diferentes sons (copos de plástico, caixas e latas com arroz, massa, botões, tampas de plástico). Inicialmente demos um objeto a cada criança e explicámos que faziam barulho, ao mesmo tempo que o manuseávamos e cantávamos uma canção, incentivando-os a agitá-los, para ouvirem o som que ele produzia. Depois colocámos vários objetos espalhados pela sala e deixámos as crianças explorá-los livremente durante alguns minutos. As crianças manuseavam os objetos que tinham na mão e, de um modo geral, perceberam quais os que faziam mais barulho, pois agitavam esses com mais força.

A atividade “Chegaram balões à nossa sala” teve como objetivos desenvolver a coordenação motora, partilhar materiais (balão), repetir gestos corporais e faciais para acompanhar uma canção e explorar a sala e o balão livremente. Esta atividade consistia na audição da canção “O Balão do João” enquanto as crianças estavam sentadas na manta, acompanhando a música com o bater de palmas e repetindo algumas palavras da canção. De seguida, as crianças exploraram livremente balões (cheios) que estavam pela sala, atirando-os ao ar. Esta atividade foi divertida, pois os balões eram de várias cores e nem sempre as crianças conseguiam apanhá-los, pois os adultos atiravam-nos para o ar e as crianças seguiam o movimento que ele fazia.

Penso que gostaram muito de realizar estas atividades porque eram atividades sensoriais, de exploração e de expressão motora, objetivos fundamentais que se devem desenvolver com crianças desta faixa etária. A atividade “Exploração dos sons” permitiu às crianças terem a perceção de que alguns objetos faziam mais barulho que outros e constatei que exploravam esses objetos durante um período maior. Para além de agitarem os objetos, algumas crianças perceberam que os podiam utilizar para criar

outras brincadeiras, como por exemplo, a construção de uma torre. Houve uma criança que começou a construir uma torre com os objetos que estavam perto dela e foi interessante observar que dois colegas se aperceberam disso e ajudaram – no a construir a torre, indo buscar mais objetos que estavam espalhados pela sala.

Com a atividade dos balões, as crianças, assim que começaram a ouvir a canção “O balão do João” começaram a bater palmas e a imitar-nos, reproduzindo algumas palavras, sons e os gestos que fazíamos com o corpo. Inicialmente houve duas crianças que choraram quando viram os balões e não quiseram mexer, mas com o desenvolver da atividade, foram ficando curiosos e aos poucos, também eles quiseram mexer nos balões. Não insistimos com as crianças que estavam a chorar para participarem na atividade, pois as crianças apenas devem participar nas atividades que lhes suscitem alegria. No entanto foi curioso observar que um colega se aproximou à criança que estava a chorar e deu-lhe um balão. Aos poucos, começaram os dois a brincar e foi assim que, uma das crianças, que inicialmente não mexeu no balão, começou a explorá-lo.

Houve dias que algumas crianças trouxeram livros para a sala e a educadora aproveitava a iniciativa e mostrava, na hora da manta, o livro ao grupo, mesmo que tivesse de mudar o que inicialmente tinha planificado. Ao mostrar o livro que as crianças traziam para a sala elas ficavam alegres, concentradas enquanto viam a história e queriam participar, agarrando no livro e mostrando aos colegas.

Penso que o objetivo da educadora, ao mostrar ao grupo o livro trazido por uma criança, era fazer com que ela se sentisse importante, envolvendo-a na participação da rotina da sala.

Nesta faixa etária, as crianças gostam de ouvir histórias, de ver as imagens de um livro e explorá-lo, daí ter realizado algumas atividades neste sentido.

As atividades realizadas com histórias começavam na área da reunião, onde mostrávamos a capa do livro às crianças e dizíamos o título do mesmo.

Uma das atividades que realizámos foi a leitura do livro “A minha roupa”, e à medida que mostrávamos as imagens do livro (várias peças de vestuário), incentivávamos as crianças a repetir a palavra que dizíamos e pedíamos-lhes que identificassem essa peça de vestuário no seu corpo. A cada apresentação da peça de vestuário no livro, a criança tinha a possibilidade de tocar no livro de forma a sentir as diferentes texturas. Foi gratificante perceber que a maioria das crianças conseguiram identificar as várias peças de vestuário e tentaram pronunciar o nome das mesmas. No final desta atividade um pequeno grupo ficou sentado na área de reunião a explorar o livro durante um tempo. De seguida, e aproveitando o fato de na sala existirem vários bonecos e peças de roupa, incentivámos as crianças a vestir e despir os bonecos,

uma forma de trabalharem a motricidade fina. Enquanto as crianças faziam esta atividade, na mesa de trabalho, duas crianças de cada vez, fizeram uma atividade de expressão plástica, em que tinham de colar pequenos quadrados de tecido num desenho (camisola) em tamanho A4. Algumas, ao sentirem a cola nos dedos ficaram irrequietas, tentando tirá-la, mas conseguiram preencher o desenho com o tecido.

Esta atividade teve como objetivo desenvolver a concentração, estimular o interesse pela audição de histórias, dialogar com o grupo, trabalhar a motricidade fina e explorar diferentes materiais. Depois de ler a história, incentivei as crianças a repetir palavras relacionadas com a história, desenvolvendo assim a linguagem. Ao dar os bebés e as peças de roupa às crianças para elas os vestirem procurei estimular a autonomia das crianças e desenvolver a motricidade fina, dialogando com as crianças sobre o que estavam a fazer. Com a atividade de expressão plástica pretendi oferecer às crianças a descoberta de novas experiências e sensações, com a utilização de novos materiais e estimulei a concentração, uma vez que tinham de colar quadrados de tecido num espaço limitado pelo desenho.

O meu papel nestas atividades foi o de promover o desenvolvimento do vocabulário das crianças, promover interações entre o grupo e com os adultos, estimular a curiosidade, incentivar a autonomia e ajudar as crianças a expressar e compreender emoções, favorecendo o seu bem-estar e alegria, pois como diz Portugal (1998) “as crianças desenvolvem-se através das interações, atividades, cuidado e jogos”, referindo ainda que o educador tem um importante papel ao nível da estimulação da curiosidade da criança, de novas capacidade e impulsos de autonomia e independência.

As atividades desenvolvidas foram sempre pensadas no grupo e de forma a estimularem o seu desenvolvimento global e permitiram às crianças desenvolver a motricidade fina e a coordenação motora, manusear e explorar materiais de diferentes texturas, desenvolver a imaginação e criatividade, promover a concentração, favorecendo a interação e cooperação entre o grupo.

As atividades realizadas em Creche foram sempre planeadas tendo em conta o ritmo de aprendizagem das crianças. Nesta faixa etária, as crianças necessitam de oportunidades para experimentar uma variedade de experiências sensoriais e motoras, sem esquecer que necessitam de um ambiente organizado, em que as rotinas diárias não sejam alteradas. Post e Hohmann (2011) referem que as rotinas permitem que as crianças explorem, treinem, e ganhem confiança nas suas competências em desenvolvimento, permitindo que as crianças passem de uma experiência interessante para outras.

2. Percurso de desenvolvimento profissional

Analisando o meu percurso de desenvolvimento profissional ao longo dos estágios em Creche, Pré-Escolar e 1º Ciclo, considero que foi um percurso de muito trabalho e aprendizagens. Estes estágios serviram para perceber melhor o que implica o trabalho de educador/professor, as relações existentes com crianças, pais e outros agentes educativos, as estratégias e metodologias usadas no processo de ensino e aprendizagem.

Relativamente às competências curriculares e pedagógico-didáticas, penso que consegui desenvolver a consciência linguística nas crianças, enriquecendo o seu vocabulário através das atividades que realizei e da leitura de histórias. Como diz Portugal (1998) o educador deve ser alguém verbalmente estimulante, com capacidade de empatia, promovendo a linguagem da criança através de interações recíprocas e o seu desenvolvimento socio emocional.

Adaptei o meu discurso e tom de voz na leitura de histórias e nos momentos de comunicação às diferentes faixas etárias com que estagiei. Por exemplo, quando lia às crianças do pré-escolar ou do 1º ciclo, mostrava a capa do livro e havia um diálogo com o grupo sobre a imagem da capa do livro e qual seria o tema da história. Depois deste diálogo inicial, começava a ler a história e ia fazendo, com as crianças, uma reflexão sobre o que já tinha lido.

Na creche, antes de mostrar o livro, cantava, por exemplo, uma canção, (num tom baixinho, quase em segredo e dizia: no bibinho da surpresa, ninguém sabe o que lá vem, tão calados, tão quietinhos, vamos ver o que lá vem.....surpresa!!). Esta canção era uma forma de os manter envolvidos e atentos para a audição da história. Depois desta pequena canção, mostrava então o livro e, à medida que lia a história, mostrava as imagens. No final, as crianças podiam explorar o livro durante alguns minutos, sendo esta uma forma de os colocar em contacto direto com os livros.

No decorrer dos três estágios foram surgindo algumas dificuldades, nomeadamente as planificações e avaliação das atividades, como gerir o tempo que cada atividade demorava e as estratégias para iniciar uma aula no 1º Ciclo.

O estágio no pré-escolar foi desafiante, pois estagiei numa sala em que a educadora regia a sua ação pedagógica pelo Movimento da Escola Moderna (MEM). Não conhecia o método de trabalho do MEM e, nos primeiros dias, parecia-me algo confuso, pois como trabalho numa IPSS estava muito “agarrada” ao que conhecia.

À medida que os dias foram passando pude observar a forma como a educadora cooperante tratava dos temas que iam surgindo na conversa em grande grupo e arranjava estratégias para trabalhar esses temas com as crianças e depois de realizar

leituras sobre este modelo curricular, consegui perceber a maneira como o MEM funciona.

Aprendi que o MEM promove a autonomia e a aprendizagem ativa das crianças nas suas escolhas diárias, quer a nível das aprendizagens, quer da escolha das áreas onde vão brincar; privilegia o que a criança sabe ou quer saber, valoriza a expressão de opiniões e sentimentos de cada criança, as suas criações artísticas, o diálogo e a cooperação entre o grupo.

Segundo Niza (1996) a aprendizagem é impulsionada mais pelo grupo do que pelo professor ou por cada criança individualmente. A comunicação e trocas entre o professor e as crianças e entre as crianças são uma maneira de construir a aprendizagem através de processos cooperativos e assim, todos ensinam e todos aprendem. Os educadores do MEM centram a sua ação pedagógica na comunicação assente em circuitos de informação e de trocas sistemáticas entre as crianças do grupo.

Estas premissas do MEM eram visíveis ao longo de todo o dia na sala, por exemplo, todos os dias havia um chefe, que um pouco antes da hora do almoço ia para o refeitório com um colega, o ajudante, e colocavam os talheres e guardanapos em todas as mesas, de todos os grupos da instituição.

Niza (1996) refere que a ação pedagógica assenta em circuitos de informação e de trocas sistemáticas entre as crianças do grupo. Na sala onde estagiei, pude constatar que essa troca de informação entre educadora e crianças acontecia no Acolhimento, feito de manhã, onde eram delineadas as atividades e projetos a ser desenvolvidos. Essas atividades e projetos surgiam das sugestões das crianças, feitas ou no Acolhimento ou na Reunião em Conselho (feita todos os dias, no final da tarde). Nesta Reunião, as crianças falavam da atividade que tinham realizado durante a manhã e a educadora escrevia, no Diário do Grupo, o que as crianças diziam, dando a oportunidade a todas as crianças de darem a sua opinião. Ao escrever no Diário o que as crianças diziam sobre a atividade realizada, os educadores do MEM valorizam assim os sentimentos de cada criança, o diálogo e a cooperação entre o grupo, assim como valorizam as suas criações artísticas, pois nesse Diário existe sempre um desenho que ilustra a atividade realizada nesse dia, feito por uma, duas ou três crianças.

Para que as minhas intervenções fossem ao encontro das premissas deste modelo, observei como a educadora geria o momento do Acolhimento, como interagia com as crianças, como transmitia as informações ao grupo, como delineava as atividades que iriam ser desenvolvidas, como era feita a Reunião em Conselho.

Aquando das minhas intervenções com as crianças, procurei agir da mesma maneira que a educadora cooperante, valorizando o que elas sabiam, estimulando a expressão oral, a autodescoberta de conhecimentos e exposição das suas ideias, auxiliando as crianças a participarem e a tomarem decisões sobre as atividades que se iriam desenvolver.

A primeira dificuldade com que me deparei neste estágio foi o fato de não haver Projeto Pedagógico de Sala. Sendo o primeiro estágio de longa duração e uma vez que teria de elaborar planificações e implementar um projeto, como iria fazer? Inicialmente fiquei assustada, no entanto, com o passar do tempo, com a realização de leituras sobre este modelo pedagógico e em conversas com a educadora cooperante, que me explicou o seu modo de trabalhar na sala e um pouco sobre o Movimento da Escola Moderna, percebi que tinha de estar atenta ao que as crianças diziam e escreviam no Diário, pois só assim conseguiria elaborar o projeto.

Este projeto tinha como finalidade desenvolver ações educativas que promovessem o contacto com as diferentes formas de arte, despertando a sensibilidade estética. Tinha como objetivos educar a sensibilidade estética e desenvolver a capacidade crítica das crianças; desenvolver a expressão e a criatividade; desenvolver a motricidade e a autonomia.

Na primeira semana de observação reparei que uma criança disse no diário que queria fazer um “trabalho de pintores como o da Mona Lisa” e a educadora explicou que já tinha abordado o tema da pintura com a obra da Mona Lisa, do pintor Leonardo da Vinci. Conversei sobre isso com a minha colega de estágio e foi este o ponto de partida para o tema do nosso projeto de estágio. Escolhido este tema, decidimos que iríamos elaborar uma Enciclopédia da Arte, surgindo a dúvida de como apresentar os autores que iriam fazer parte da Enciclopédia. Assim, às segundas-feiras, na Reunião de Conselho, apresentávamos a vida e obra de um artista, dialogávamos com as crianças, pedindo para recolherem informações em casa sobre o mesmo, para depois apresentarem ao grupo.

A primeira atividade que realizei com o grupo do pré-escolar foi a mais difícil, pois não sabia como iniciar a explicação da mesma e à medida que ia explicando, pareceu-me que as crianças não estavam entusiasmadas, talvez por não perceberem o que iriam fazer. Iniciei a atividade perguntando se sabiam o que era arte e se conheciam algum artista. As crianças diziam que não e aí perguntei se já tinham visto alguma obra de pintura de algum artista. Houve uma criança que disse que sim, a Mona Lisa e a partir deste momento, outras crianças diziam que também tinham visto essa. A seguir mostrei a imagem do pintor Guioseppe Arcimboldo, apresentei um pouco sobre a vida e obra dele e expliquei em que consistia a atividade. As crianças tinham de

preencher a imagem do rosto humano com desenhos de frutos de outono (por estarmos nesta estação do ano), que teriam de recortar de panfletos de hipermercados. No final, depois de cada criança explicar a escolha dos frutos para a realização do seu trabalho, percebi que as crianças tinham gostado de o realizar, pois todas elas queriam explicar o seu trabalho e ser a primeira a fazê-lo.

A avaliação que fiz desta atividade foi através de observação direta, dialogando com as crianças, depois da realização da mesma, como correu, se gostaram, o que aprenderam, o que faltou saber, o que melhorariam. Constatei que fazer uma observação direta não seria suficiente para avaliar o desenvolvimento da atividade e percebi que teria de elaborar outro tipo de registo das atividades. Assim, quando elaborei as planificações seguintes, elaborei uma tabela com alguns itens para avaliar, nomeadamente as atividades, pois, e segundo a Circular nº. 4 /DGIDC/DSDC/2011, o educador avalia a sua intervenção, o ambiente e os processos educativos adotados, assim como o desenvolvimento e as aprendizagens de cada criança e do grupo.

As Orientações Curriculares para o Pré-Escolar (2016) referem que planejar permite não só antecipar o que é importante desenvolver para alargar as aprendizagens das crianças, como também agir, considerando o que foi planeado.

Assim, a avaliação de cada atividade era feita nessa tabela, depois da realização da mesma, por escrito, quando as crianças mostravam o que tinham feito, diziam como o fizeram, o porquê da escolha de determinado material, o que aprenderam com a realização da atividade, quais as dificuldades que sentiram durante a realização da mesma e qual o momento da atividade que mais gostaram. Estas grelhas de avaliação eram úteis na elaboração da planificação da atividade seguinte, pois podia melhorar alguns aspetos, pois como diz Leite (2010), avalia-se o processo desenvolvido em relação com os resultados e reformula-se a ação, não sendo possível avançar para a situação seguinte sem uma avaliação mais ou menos consciente e fundamentada.

Penso que avaliação é útil e indispensável a todo o processo de planeamento e melhoria das atividades na educação de infância. É da responsabilidade do docente avaliar as crianças e as suas aprendizagens e responder às suas necessidades. Cardona, citada por Portugal (2012), diz que a avaliação enriquece o currículo, as interações entre adulto e crianças, as respostas educativas, podem servir para identificar o que as crianças sabem, o que vão aprender.... deve estar presente em todas as atividades de aprendizagem e deve fundamentar qualquer reorientação no processo de ensino e aprendizagem. Esta autora menciona que importa trabalhar com vista a ajudar as crianças a desenvolver competências, e não tanto trabalhar naquilo que se espera que as crianças realizem com 2, 3,4 ou 5 anos de idade.

A atividade em que me senti mais à vontade foi a realização de um vitral, feito em cartolina, quando apresentei a artista plástica Joana Vasconcelos. Cada criança teria de fazer um desenho abstrato num quadrado de cartolina preta, utilizando formas geométricas. Para preencher os espaços, as crianças cortaram o papel celofane a gosto. Depois de concluída a atividade, cada criança mostrou ao grupo o seu vitral e explicou quais as figuras geométricas utilizadas na elaboração do seu desenho. Esta atividade aliou a Expressão Plástica à Matemática, possibilitando a criatividade e desenvolvendo o sentido estético das crianças. É fundamental que o educador promova atividades em que haja uma transversalidade de conteúdos, sempre com uma finalidade educativa.

A realização deste estágio permitiu-me conhecer uma nova realidade, uma maneira diferente de trabalhar no pré-escolar e aprender algumas estratégias sobre como lidar com crianças desta faixa etária, tais como fazer jogos para desenvolver a concentração e audição quando as crianças estão um pouco desatentas, quer na realização de atividades livres, quer durante a execução dos projetos diários, jogos para que o educador perceba quais as competências adquiridas pelas crianças sobre um determinado tema/ área curricular, para que as crianças ouçam o educador quando este explica uma atividade. Por exemplo, uma estratégia que pude observar foi antes de as crianças irem à casa de banho fazer a sua higiene pessoal, antes do almoço, a educadora fez o jogo do silêncio (têm de estar em silêncio e ouvir a pergunta que ela faz) e ia perguntando a cada um o nome dos sólidos; se a criança a quem ela fez a pergunta acertasse podia ir à casa de banho se errasse ficava no lugar a pensar na resposta e passado algum tempo a educadora voltava a fazer-lhe a mesma pergunta. Percebi que assim, a educadora verificava se as crianças iam adquirindo os conteúdos programáticos das várias áreas curriculares, havendo uma transversalidade de conteúdos, pois a educadora fazia perguntas de Matemática, Português.

Pude observar a forma como a educadora cooperante tratava dos temas que iam surgindo na conversa em grande grupo e arranjava estratégias para trabalhar esses temas com as crianças. Por exemplo, durante a semana de observação, na Reunião de Grupo, houve uma criança que contou que no fim-de-semana tinha ido passear a um parque e tinha visto folhas no chão. A educadora aproveitou este momento e perguntou em que estação do ano estávamos (outono), o que acontecia às folhas, porque estavam no chão e as crianças iam respondendo. No dia a seguir, houve uma criança que levou algumas folhas que tinha apanhado a caminho do jardim e mostrou aos colegas.

Com o passar dos dias, ao observar a rotina da sala e as crianças compreendi o funcionamento deste modelo pedagógico e constatei que o educador consegue encaminhar as crianças para atingir os objetivos que ele considera fundamentais para o seu desenvolvimento global. Formosinho (1998), citando Niza, refere que os professores do MEM são agentes cívicos e morais num contexto de vida democrática. O papel do professor é promover uma organização participativa, a cooperação e a cidadania democrática, ouvindo e encorajando a liberdade de expressão, as atitudes críticas, a autonomia e a responsabilidade.

O estágio no 1º Ciclo do Ensino Básico foi um pouco difícil e moroso, mas também gratificante pois aprendi muito sobre a prática pedagógica de um professor.

Foi difícil devido ao fato de ser trabalhadora-estudante e estar na sala de aula durante as manhãs (maioritariamente) e à tarde ir para o meu local de trabalho e porque o período de estágio prolongou-se até junho para poder cumprir o número total de horas estabelecido pela ESES.

Foi difícil porque não sabia como planear as aulas, onde e como arranjar atividades para transmitir os conteúdos programáticos aos alunos, pois a professora titular não usava o manual escolar para lecionar os conteúdos e tive de pesquisar. Para além de ser um trabalho que demorou muito tempo, pois tinha de pesquisar em vários manuais, nem sempre sabia se eram adequados à faixa etária ou se os alunos já conheciam os termos (palavras) que estavam nesses exercícios.

Citando Leite (2010), para planear, o professor mobiliza um conjunto de conhecimentos, experiências e procedimentos relativos ao saber disciplinar, didático e pedagógico, que justificam e apoiam as decisões a tomar, prevendo técnicas e procedimentos a utilizar, sequências de atividades organizadas e formas de avaliação pertinentes.

Durante as primeiras aulas que lecionei, tive algumas dificuldades em gerir o tempo que dedicava a explicar os conteúdos programáticos e os exercícios. Por exemplo, falava depressa quando explicava qual o conteúdo que iria ser abordado nessa aula e depois entregava os exercícios, numa folha A4, às crianças, lendo o enunciado todo seguido. Depois, as crianças realizavam os exercícios sozinhos, enquanto eu circulava pela sala, verificando quais as dúvidas que eles tinham.

Apercebi-me que havia crianças que realizavam os exercícios num curto espaço de tempo e depois ficavam sem nada para fazer e havia outras que demoravam muito tempo. Devido a esta situação, por vezes, havia exercícios que tinha na planificação, que não eram realizados por todos os alunos e, enquanto as crianças estavam no recreio, eu colava-os no caderno para que eles os fizessem em casa, por exemplo.

No entanto, à medida que os dias passaram, percebi que tinha de mudar de estratégia e deveria falar pausadamente, perguntar se tinham dúvidas, dar tempo aos alunos para assimilarem o que eu dizia e dar-lhes mais tempo para realizarem os exercícios ou, para os que acabam os exercícios primeiro, ter outros de reserva. Assim, comecei a entregar um exercício de cada vez aos alunos, lia-o em voz alto e perguntava se alguém tinha dúvidas sobre o que era para fazer. Dizia-lhes que tinham, por exemplo, cinco minutos para o realizarem e depois faríamos a correção (umas vezes em grande grupo, outras vezes, corrigia os exercícios enquanto os alunos os iam fazendo).

A partir do momento em que comecei a estabelecer quanto tempo as crianças tinham para realizar cada exercício, consegui, quase sempre, cumprir a planificação.

Percebi que nem sempre é fácil gerir o tempo que cada atividade dura e seguir a planificação, pois as crianças têm ritmos de aprendizagem diferentes e, por vezes, a professora precisava de explicar os conteúdos programáticos mais do que uma vez. Outras vezes, as crianças demoravam mais tempo do que a professora pensava ao realizar os exercícios na sala de aula. Percebi que, o professor tem de saber quanto tempo demorará a explicar determinado conteúdo programático e que tem de auxiliar as crianças que têm mais dificuldade em executar as tarefas na sala de aula.

Conclui que há crianças que precisam de mais tempo para realizar um trabalho, há outras que estão distraídas e não ouvem a explicação dada pela professora, há outras que não percebem a explicação e a professora tem de mudar de estratégia, explicando de outra forma. Quando os alunos não apreendem determinado conteúdo programático, o docente tem de modificar a sua estratégia, adotando uma metodologia de trabalho diferente, adequada aos objetivos que pretende transmitir, podendo, por exemplo, abordar os conteúdos com base em situações do dia-a-dia.

Roldão (2009) afirma que o elemento definidor da estratégia de ensino é o seu grau de conceção intencional e orientadora de um conjunto organizado de ações para melhor consecução de uma determinada aprendizagem. Esta autora refere que estratégia não é uma tarefa nem uma técnica e que depende da finalidade que o professor pretende alcançar. Não existe um modelo para definir as estratégias de ensino e como tal, o professor deve ir ajustando a sua ação pedagógica, de forma a maximizar a aprendizagem que pretende.

Na primeira semana de intervenção não fiz tudo o que tinha planeado numa aula (Português), pois os alunos começaram a falar sobre o conteúdo programático (palavras com az, ez, iz) a lecionar nesse dia e esqueci-me de fazer a divisão silábica das palavras (que era um dos objetivos desta aula). Pensei que era uma coisa que não aconteceria, mas depois, no desenrolar da aula, esqueci-me. Percebi que as planificações têm de ser detalhadas, têm quem mencionar o que o professor diz em

cada momento da aula, como vai fazer as atividades que pensou, como é que os alunos vão fazer o trabalho, se a pares, se individualmente e que é importante ter uma cópia da planificação à mão, para não se esquecer da sequência da aula.

Januário (1988) menciona que, através da planificação, o professor delinea uma linha orientadora que lhe deve servir de guia. É essencial que esta seja coerente, possuindo conteúdos, objetivos, atividades, estratégias, recursos e avaliação bem definida.

Seguindo a ideia deste autor, para me ajudar em sala de aula, nas planificações constava a área curricular a lecionar, a hora, os domínios e conteúdos a abordar, os objetivos (descritores de desempenho), as estratégias utilizadas, os recursos e a avaliação (grelha de observação direta e grelha de verificação de conhecimento).

Como começar as aulas foi outra dificuldade que me apoquentou durante algumas semanas. Por exemplo, nas aulas de Educação Literária, não sabia como apresentar a história. Por indicação da professora cooperante, comecei por mostrar a imagem da capa do livro no quadro interativo e fazer perguntas aos alunos sobre a imagem da capa, o que é que eles pensavam que iria ser a história, o que lhes transmitia o título ou a imagem da capa e deixava os alunos falassem sobre a mesma. Com o passar do tempo, consegui arranjar várias estratégias para iniciar estas aulas e, por vezes mostrava o livro, dizia o título ou mostrava a imagem em digital ou papel, seguida sempre de um diálogo com os alunos sobre o título, para que eles tivessem a oportunidade de expressar sobre qual seria o tema da história.

Inicialmente pensei que teria mais dificuldade em planificar e lecionar Matemática, pois enquanto estudante era o meu ponto fraco, onde tinha mais dificuldades e notas mais baixas. Pensei que as aulas de português iriam ser mais fáceis de planificar e lecionar, no entanto nem sempre foi assim e tive dificuldade em pensar como iria iniciar a aula de português sem ser sempre a ler o texto. Descobri que até era mais divertido planear as aulas de matemática, pois poderia usar diversos materiais (MAB, geoplano, régua, jogos), enquanto que para as aulas de português teria de recorrer sempre a um texto. Com o passar do tempo é que me consegui libertar do texto e apresentar os conteúdos programáticos de outra forma, por exemplo com o recurso a imagens numa cartolina ou ao quadro interativo.

Em Matemática, quando apresentava algum conteúdo novo tornava-se mais fácil iniciar a aula, pois podia partir de algo concreto. Por exemplo, ao apresentar as medidas de comprimento, fiz a medição da mesa com palmos da mão e o quadro com passos, o que os alunos assimilaram bem, pois viram-me a fazer a medição.

As situações pedagógico-didáticas em que me senti mais à vontade e mais confiante foram as aulas em que usei objetos reais para explicar os conteúdos programáticos, como por exemplo uma aula de Estudo do Meio. O objetivo desta aula era realizar

uma experiência com materiais de uso recorrente (sal, açúcar, leite, madeira, barro, cortiça, areia, papel, cera, objetos variados), comparar e agrupar os materiais segundo as suas propriedades (forma, textura, cor, sabor, cheiro). Iniciei a aula dialogando com os alunos, mencionando que no dia-a-dia, existiam alimentos com sabor diferentes, alguns com um sabor agradável e outros nem por isso. Pedi aos alunos para mencionarem alguns alimentos que tivessem um sabor doce, salgado, ácido e amargo e distribuí uma tabela (com imagens dos alimentos acima citados) onde os alunos tinham de assinalar os alimentos salgados, doces, amargos, ásperos, macios, lisos. De seguida coloquei numa mesa alguns alimentos (mel, sal, açúcar, café, limão, vinagre, água), que os alunos saborearam, para que conseguissem identificar o paladar e corrigissem as respostas erradas que tinham assinalado.

Nas aulas de Matemática, em que usava o Material Multi Básico (MAB) ou usava jogos para eles resolverem os exercícios também consegui estar muito à vontade e explicar bem os objetivos pretendidos. Numa dessas aulas (para o 1º ano), expliquei aos alunos em que consistia o Jogo do Banqueiro, que serviu para que os alunos trabalhassem, em grupo, a adição e subtração. A turma foi dividida em grupos de 4 (grupos da mesa) e cada um dos grupos nomeava um banqueiro, que era responsável pelo material e registava os valores obtidos em cada jogada por elemento da equipa. Cada um dos elementos do grupo, na sua vez, lançava dois dados e pedia ao banqueiro o número de palhinhas igual à soma dos pontos indicados pelos dados. À medida que cada jogador conseguisse 10 palhinhas, atava-os com um elástico. Quando cada jogador tivesse 5 “molhos” de palhinhas, juntava-os com outro elástico. O jogo acabava quando cada jogador tivesse lançado o dado 5 vezes e ganhava a equipa que obtivesse maior pontuação. Eu ia registando no quadro as pontuações de cada equipa e no final dialoguei com os alunos sobre os resultados, perguntando qual tinha sido a equipa que obteve mais molhos de palhinhas; nessa equipa qual foi o jogador que obteve mais pontos, tendo ido ao quadro alguns alunos para realizar a soma dos pontos.

As crianças estavam entusiasmadas com esta atividade e pediram para a repetir, porque tinha sido divertido. Expliquei que fariam o jogo novamente depois de realizarem alguns exercícios no caderno sobre a adição e subtração. Reparei que, na maioria, as crianças realizaram estes exercícios mais depressa e em silêncio (para estarem concentradas) do que o habitual e os que acabaram em primeiro lugar, ajudaram os colegas na execução dos exercícios, porque queriam fazer o jogo novamente. Concluí que iniciar uma aula com uma dinâmica, neste caso um jogo, motiva as crianças para as aprendizagens, ajuda-as a concentrarem-se na execução das tarefas da aula, pois querem repetir o jogo.

Houve algumas aulas de Educação Literária que correram muito bem, pois gosto de ler histórias para as crianças e perceber o que elas retêm sobre a mesma e porque penso que a partir de uma história, professores e educadores, podem trabalhar outras áreas curriculares, como por exemplo a Expressão Plástica, a Matemática e até Estudo do Meio. Houve uma aula em que li o conto “O Coelho Branco”, de António Torrado, e depois os alunos escreveram um texto narrativo, dando continuação à história ouvida. O objetivo desta aula era identificar aspetos nucleares do texto, formular ideias-chaves para a elaboração do texto, respeitando as regras de concordância entre sujeito e verbo (descritores de desempenho) e tendo em atenção as regras de construção de texto (introdução, desenvolvimento e conclusão). Depois de escreverem o texto, cada aluno leu o seu em voz alta para os colegas e, posteriormente dialogaram sobre os mesmos, verificando se existiam fatores em comum entre eles, se tinham personagens diferentes ou iguais, se o final da história divergia uns dos outros, etc.

Nestas aulas, senti que as crianças estavam motivadas e empenhadas na elaboração da história, estando ansiosas para lerem a sua aos colegas. Estavam concentradas a escrever, pedindo ajuda ao adulto quando não conseguiam prosseguir, mas mostrando-se empenhadas na realização da mesma. Havia sempre dois ou três alunos que tinham mais dificuldade na execução desta tarefa, no entanto, pude observar que tinham sempre ajuda de um ou outro colega, o que mostrava a relação de amizade e cooperação entre eles.

A ajuda da professora cooperante foi uma mais-valia para que as minhas intervenções corressesem da melhor maneira possível, seguindo os seus conselhos, quer na elaboração das atividades, quer nas estratégias para trabalhar com as crianças.

O estágio em Creche proporcionou-me diversas aprendizagens e maneiras diferentes de trabalhar em creche, pois tive a oportunidade de ver como a educadora cooperante trabalhava com as crianças, como se relacionava com os pais e até com as outras colegas educadoras. Aprendi estratégias para usar enquanto se canta o *bom dia* para que as crianças estejam atentas. Por exemplo, dar uma bolacha ou fruta enquanto se canta a canção do bom dia, ajuda as crianças a estarem atentas e a trautearem as canções.

A educadora cooperante explicou-me que todos os dias fazia um pequeno registo diário das atividades de sala, acompanhado com uma ou duas fotografias, que estava exposto junto à porta da mesma, para que os pais soubessem o que as crianças faziam diariamente. Percebi que era uma maneira de os pais ficarem a saber o que se passava diariamente na sala e quais as aprendizagens que as crianças tinham feito, pois alguns, quando iam buscar o seu educando à sala, a educadora já tinha saído, e

não tinham oportunidade de falar com ela. Para além destes registos, a educadora possuía um dossier com informações de cada criança (Perfil de Desenvolvimento) e com a avaliação, que era feita de três em três meses e depois discutida com os pais. Acho importante fazer esta avaliação, pois assim, pais e educadores podem trabalhar em conjunto para que a criança se desenvolva harmoniosamente a todos os níveis (motor, cognitivo, afetivo, relacional)

Segundo a Circular nº4/DGIDC7DSDC/2011, a avaliação em educação é um elemento integrante e regulador da prática educativa. A avaliação permite uma recolha sistemática de informação, uma vez analisada e interpretada, sustenta a tomada de decisões adequadas e promove a qualidade das aprendizagens.

Aprendi a encontrar estratégias para determinadas situações de birra ou disputa de brinquedos entre as crianças, a gerir o tempo para planear e realizar atividades pedagógicas, a ter serenidade na resolução de conflitos entre as crianças, a perceber que é importante incentivar as crianças a realizarem as suas tarefas sozinhas para serem autónomas e perceber que se existir um relacionamento cordial e afetivo entre educadora e pais é benéfico para o bom funcionamento da sala e desenvolvimento da criança.

Não senti grandes dificuldades em escolher as atividades que realizei no decorrer deste estágio, pois sabia que teriam de ser atividades simples, que não podiam demorar muito tempo a serem realizadas, pois as crianças desta faixa etária podem ter períodos de concentração mais curtos. No entanto sabia que as atividades deveriam desenvolver a criança a vários níveis (motor, cognitivo, social, emocional), daí que as atividades realizadas fossem na sua maioria sensoriais, pois como diz Avô (1996), o desenvolvimento do equipamento sensorial e motor da criança permite-lhe assimilar uma grande quantidade de informações que utilizará mais tarde. O desenvolvimento das suas capacidades motoras levam a que a criança explore o ambiente, pois quer conhecer tudo o que a rodeia.

Neste estágio, as situações pedagógico-didáticas em que me senti mais à vontade foram a leitura de histórias e a realização de atividades de expressão plástica relacionadas com a mesma, por exemplo, na época de natal, li a história “O Natal do Bolinhas”, de Eric Hill sobre o natal de um cão. Depois de ler a história, na manta, mostrei as imagens do livro e ia dialogando com as crianças sobre as mesmas, perguntando e dizendo o nome das imagens (pinheiro, presentes, amigos a cantar, pai natal). De seguida, as crianças exploraram o livro, desfolhando as páginas, enquanto uma de cada vez, foi para a mesa de trabalho e esponjou uma parte de uma árvore de natal, que estava desenhada em papel de cenário.

De um modo geral, não tive grandes dificuldades em planear as atividades para a creche, pois como trabalho numa IPSS, sei que estas devem promover o desenvolvimento motor, a motricidade fina, a autonomia, a linguagem e a expressão de sentimentos.

Em relação às minhas intervenções e à escolha das atividades que realizei, penso que, de uma maneira geral, correram bem, tendo alcançado os objetivos que tinha delineado. Penso que os objetivos das atividades foram alcançados, pois as crianças estavam concentradas na realização das atividades, mostravam-se envolvidas na realização das mesmas, interessavam-se pelo que eu dizia ou mostrava, gostaram de experimentar novos materiais e utensílios e, por vezes, não queriam acabar o que estavam a fazer.

Ao planear as atividades tive em conta que, além de terem como objetivo desenvolver aspetos físicos e cognitivos, teriam também de satisfazer as crianças, serem prazerosas e estimulantes. Como referem Portugal & Laevers (2010), as crianças só estarão disponíveis para se implicar em atividades que contribuem para o seu desenvolvimento e aprendizagem se as suas necessidades (físicas, de afeto, segurança) forem satisfeitas, garantindo o seu bem-estar.

Para melhor planear as atividades, elaborei uma tabela, onde constavam os domínios (Expressão Oral, Expressão Plástica, Expressão Motora), os objetivos, a atividade, as estratégias, os recursos e avaliação. Para avaliar as atividades desenvolvidas, utilizei a observação direta, o registo fotográfico e uma grelha de observação, onde anotava como tinha corrido a atividade, se as crianças estavam envolvidas na realização da atividade e quais foram as dificuldades sentidas. Estas grelhas ajudaram-me a melhorar as planificações seguintes, pois retificava os aspetos que tivessem corrido menos bem.,

Segundo Cardona (2007), a avaliação consiste na reflexão sobre o processo educativo abrangendo vários aspetos: objeto, funções, metodologia e aplicações. Na avaliação, as principais estratégias incidem na observação (in) direta do ambiente educativo, das crianças e dos resultados das atividades que vão sendo realizadas.

Em relação à elaboração das planificações, consegui perceber o que estas devem conter, que devem incluir os objetivos principais a desenvolver nas atividades a realizar com as crianças e que esses objetivos devem articular as várias áreas de conteúdo de aprendizagem.

Percebi que, por vezes, não se cumprem sempre as planificações devido a vários fatores (haver outros trabalhos para fazer, a disponibilidade das crianças e da professora/educadora). No entanto, as planificações não são para serem seguidas à

risca, são apenas um plano que serve para orientar no trabalho educativo a desenvolver determinadas competências nas crianças.

Com estes estágios, aprendi que com o tempo e com o conhecimento que o educador/professor tem do grupo, consegue gerir o tempo de duração das atividades que tem de desenvolver e que por vezes, por diversos fatores, nem sempre estas duram exatamente o tempo previsto, mas temos de nos adaptar às situações. Aprendi que nem sempre é fácil manter as crianças interessadas no que se está a explicar e é preciso arranjar estratégias para cativar a atenção delas e que todas as crianças são diferentes e têm ritmos de aprendizagem diferentes, tendo o educador/ professor que respeitar o ritmo de aprendizagem de cada um.

Penso que, de forma geral, cumpri os objetivos que me propus nas planificações, sentindo que os alunos alcançaram as aprendizagens definidas. No 1º Ciclo, essas aprendizagens foram comprovadas pela avaliação formativa e pelas grelhas de observação/ avaliação que defini, onde constatavam as dificuldades que os alunos sentiram na realização de cada atividade e se tinham atingido os objetivos. Em Pré-Escolar e Creche, a avaliação das atividades com as crianças era feita através da observação direta e de grelhas de observação, onde registava as dificuldades que as crianças sentiam, o envolvimento das mesmas na realização das atividades e se os objetivos que tinha planeado tinham sido alcançados.

Hatch (2010), citado por Portugal (Cardona, 2012, p.236) assume que a avaliação não tem de ser algo que surge separado do currículo e do processo de ensino, deve estar presente em qualquer atividade de aprendizagem e fundamentar qualquer reorientação no processo de ensino e aprendizagem. Esta autora refere ainda que uma avaliação com sentido é aquela em que se aprecia e compreende o que as crianças sabem, os seus sucessos e as suas características individuais.

Constatei que as atividades onde me senti mais à vontade nos diversos estágios foi na leitura de histórias para as crianças, pois sempre achei importante as crianças ouvirem histórias e terem contacto, desde a creche, com livros. As histórias ajudam as crianças a adquirirem vocabulário, a desenvolver a concentração, a imaginação e a memória, transportam-nas para um mundo mágico, permitindo-lhes resolver conflitos internos, a expressar sentimentos e ideias.

Segundo Bettelheim (2002), para que uma criança esteja atenta a uma história, esta deve despertar a sua curiosidade. Mas para enriquecer a sua vida, deve estimular-lhe a imaginação, ajudá-la a desenvolver o seu intelecto e a tornar claro as suas emoções, reconhecer as suas dificuldades e sugerir soluções para os problemas que a perturbam.

Integrei-me bem nas rotinas das salas e da Instituição, pois como trabalho há alguns anos numa IPSS, as rotinas de sala e de Instituição não eram novidade para mim. Em relação à integração na escola de 1º ciclo, apesar de não conhecer bem as rotinas, adaptei-me bem às mesmas. As crianças acolheram-me bem e em nenhum dos estágios senti que elas estranharam a minha presença.

As dificuldades que senti no início dos estágios foram ultrapassadas durante a realização dos mesmos. Para isso contribuiu o relacionamento afetivo que estabeleci com as crianças e com os adultos, que foi sempre harmonioso, a ajuda das educadoras/ professora cooperantes, assim como as supervisoras da ESES, que estiveram sempre disponíveis a atentas às minhas dificuldades.

Como Educadora tenho ainda um longo caminho a percorrer nesta profissão, pois ser educador é estar constantemente a inovar, é ser capaz de estimular as crianças, desenvolvendo as suas competências psicológicas, cognitivas e motoras, fomentando o seu desenvolvimento equilibrado como pessoa. É meu dever criar um ambiente que favoreça a comunicação com o grupo, ter intervenções estimulantes durante as atividades que realizarei com as crianças, evitar perturbar a exploração e brincadeira escolhidas pelas crianças e criar ambientes seguros onde as atividades possam ocorrer.

Segundo Portugal (Cardona, 2012) é tarefa do educador atender à experiência da criança e pensar o que poderá fazer para estimular, amplificar, complexificar as competências da criança, investindo na identificação de pontos de ação para promoção do seu bem-estar e de níveis elevados de implicação da criança.

Ainda citando Portugal (1998), o educador deve ser alguém verbalmente estimulante, com capacidade de empatia e de responsividade, promovendo a linguagem da criança através de interações recíprocas e o seu desenvolvimento sócio emocional.

3. Percurso investigativo

Durante os estágios realizados em Creche, Pré-Escolar e 1º Ciclo, chamou-me à atenção a relação das crianças com os livros e quais as suas páticas e hábitos de leitura. Em Creche e Pré-Escolar, verifiquei que as crianças se interessavam bastante pelas histórias, pois era hábito levarem livros para que a educadora os lesse. No 1º Ciclo, o interesse pelas histórias não era tão grande, sendo as histórias apenas trabalhadas na Educação Literária, de acordo com o Plano Nacional de Leitura (PNL). Alguns objetivos do PNL são promover a leitura, criar um ambiente social favorável à leitura, incentivar e valorizar práticas pedagógicas e outras atividades que estimulem o prazer de ler entre crianças. O Programa *Está na Hora da Leitura*, do PNL, define uma hora por dia dedicada à leitura orientada na sala de aula e a atividades centradas em livros.

Quando uma criança ouve a leitura de uma história, o centro de percepção é o auditivo e ela interioriza as funções sintáticas da língua, aumenta o seu vocabulário e seu campo semântico, descobrindo outros lugares, pessoas, maneiras de agir e de ser, sem sair do lugar. Coelho (2005) afirma que quem lê para crianças não lhe transmite apenas o conteúdo da história, promove seu encontro com um modelo de leitor, ao fazê-la captar a entonação, as pausas, a posição do corpo, a maneira de segurar o livro, os comentários que o adulto faz ao ler, para logo poder imitá-lo em atividades de simulação de leitura.

Quando uma criança lê uma história, o centro de percepção é o visual. A história é apresentada preservando as palavras do autor e o leitor mantém-se fiel ao que está escrito. Ao ler a história, as crianças conhecem o texto e as imagens e aprendem a emitir opiniões sobre o que leram.

No decorrer da realização dos estágios, estas situações fizeram-me pensar na importância das histórias na formação da criança, desenvolvendo uma pesquisa no âmbito da Literatura Infantil, mais concretamente quais as potencialidades pedagógicas das histórias em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico.

Pela minha experiência pessoal e pelo que pude observar ao longo dos estágios que realizei, as educadoras têm como rotina a leitura de histórias às crianças, quer na Creche, quer no Pré-Escolar.

Na Creche e Pré-Escolar, a leitura das histórias às crianças ocorria durante a manhã, na área da reunião, e tinha como objetivo estimular o interesse pela leitura, desenvolver a concentração e a aquisição de vocabulário, demonstrar o que aprendeu com a audição da história e realizar atividades de expressão plástica, trabalhando a motricidade fina. Para ouvirem a histórias, as crianças estavam sentadas na manta da

sala (creche) ou à volta da mesa (pré-escolar), de forma a conseguirem ver as imagens do livro. Depois da leitura das histórias, seguia-se um diálogo sobre as histórias, quem eram as personagens, onde se passava a história, o que tinha acontecido a determinada personagem, o que mais tinham gostado, etc.

No 1º Ciclo, na Área Curricular de Português, domínio da Educação Literária, as histórias surgiam na sala de aula para trabalhar as obras propostas pelo Plano Nacional de Leitura, adotadas pela escola, sendo uma atividade semanal. A leitura de histórias/ poemas/ contos tinha como objetivo que os alunos lessem e interpretassem um texto literário, articulassem corretamente as palavras, referissem o essencial de textos ouvidos; elaborassem e escrevessem frases; respondessem adequadamente a perguntas; identificassem, por expressões equivalentes, a informação de um texto; e recontassem uma história ouvida. Apresentava o livro aos alunos, referindo o autor e o título do mesmo e mostrando a capa (ou em fotocópia, ou livro original, ou no quadro interativo), havendo de seguida um diálogo com os alunos sobre a imagem da capa. De seguida, lia a história (ou pedia aos alunos) fazia perguntas sobre a mesma, por exemplo, quem eram as personagens, onde decorria a ação, quais as atitudes das personagens. Por fim, entregava exercícios práticos de Português, que eram realizados pelos alunos, individualmente ou a pares.

Comecei a questionar-me se a leitura de histórias nestes contextos é apenas lúdica ou tem finalidades pedagógicas? Que tipo de finalidades e intenções pedagógicas? O que podem transmitir as histórias às crianças? Como trabalham as educadoras as histórias? Que estratégias usam para a transmissão de conceitos/ conteúdos pedagógicos? Se as educadoras e professoras fazem alguma reflexão com as crianças depois de lerem a história

Durante o estágio no Pré-Escolar, ao ler uma história, percebi que as crianças gostavam, pois mostraram-se interessadas, estavam atentas à leitura, faziam perguntas sobre o livro e estavam motivadas na exploração do livro.

A partir deste momento comecei a ter em atenção se as crianças exploravam os livros da sala (havia uma pequena biblioteca) ou se era hábito a educadora ler histórias para eles. Percebi que raramente as crianças exploravam a biblioteca, preferindo brincar noutros locais da sala. Por vezes, as crianças traziam livros de casa para mostrarem aos colegas, e no final do dia, a auxiliar mostrava o livro, lia a história e as crianças recontavam por palavras suas a história, ficando por aqui a atividade.

As atividades que desenvolvi nos estágios, referentes à leitura de histórias, tinham sempre uma atividade de expressão plástica (desenho, colagem, recorte, construção de algo a ver com a história) sobre a mesma, pois considero importante as crianças fazerem algo relacionado com a história, de modo a reterem o que acharam mais

importante e para avaliar o que aprenderam com a história. Penso que desta maneira as crianças sistematizam melhor os conceitos, ideias e valores que a história transmite.

Por exemplo, no Pré-Escolar, aquando da leitura da história “A Lagarta Comilona”, as crianças falaram sobre o que aprenderam com a história, se a lagarta tinha procedido bem, se devíamos ou não fazer o mesmo que ela, exploraram o livro e realizaram atividades de expressão plástica (construção de uma lagarta em cartolina), em grupo, tendo que partilhar materiais e a decidir como elaborar o trabalho final.

Depois da análise das reflexões realizadas nos três estágios, foi-se delimitando a questão de pesquisa: as potencialidades pedagógicas das histórias no Pré-Escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico.

Parte II – Trabalho de pesquisa

1. Enquadramento da questão

O presente exercício investigativo desenvolve-se em torno da questão “As potencialidades pedagógicas das histórias em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico”. Esta questão emergiu pois em todos os estágios pude observar que as educadoras cooperantes tinham como rotina contar uma história às crianças.

O interesse por este assunto surgiu durante a realização do estágio em Pré-Escolar, a partir do momento em que observei como a educadora leu uma história para as crianças, fazendo, no final da leitura, uma reflexão sobre a mesma. Neste momento de reflexão conjunta, todo o grupo participou, expressando e partilhando as suas ideias, decorrentes da interpretação da história contada.

Em creche e pré-escolar, a leitura de histórias às crianças é uma rotina diária, incentivando assim o aumento do seu vocabulário e o desenvolvimento da linguagem.

As histórias despertam a curiosidade, estimulam a imaginação, desenvolvem a atenção, a observação e a memória das crianças.

Através das histórias, as crianças descobrem outros lugares, pessoas e culturas, assim como modelos de comportamentos e maneiras de agir em diversas situações.

2. Fundamentação teórica

2.1. Literatura infantil

O termo Literatura Infantil abarca um conjunto de géneros literário, podendo apresentar-se sob a forma de conto, histórias, rimas, poemas, poesias, fábulas, lendas e designa uma literatura criada especificamente para crianças.

São características usuais da literatura infantil o privilégio do estímulo, pelo livro, de impressões sensoriais, com um investimento nos valores fónicos e visuais, táteis e olfativos ou o recurso a personagens que encarnam o maravilhoso. Inicialmente, a literatura reunia excertos de autores consagrados e antologias organizadas com fim

pedagógico, como histórias derivadas de fábulas, destinadas à educação moral das crianças.¹

Em Portugal, foi na segunda metade do século XIX que apareceram autores como Antero, Eça de Queirós e Junqueiro que contribuíram para o aparecimento de uma literatura para crianças.

A partir do século XX surgem as primeiras produções concebidas para a leitura das crianças, com autores como João de Deus, Guerra Junqueiro, Ana de Castro Osório. A tradução da obra da Condessa de Ségur e os contos de Andersen marcaram a entrada do maravilhoso na narrativa infantil, orientando-a para o divertimento e para o imaginário infantil. Ao longo deste século, vários autores assumiram a dupla faceta de autores para adultos com incursões na escrita para crianças, como Raul Brandão, Aquilino Ribeiro e ainda autores que se dedicaram privilegiadamente à literatura infantil, como Luísa Dacosta, Maria Alberta Menéres ou Esther de Lemos.

Marc Soriano (1975) diz que a literatura infantil é uma comunicação histórica (localizada no tempo e espaço) entre um locutor ou escritor adulto (emissor) e um destinatário criança (receptor).

Veloso (1994), considera que na literatura infantil existe uma certa abundância de diálogos, um protagonista frequentemente jovem, um certo otimismo implícito, linguagem de acordo com a competência linguística da criança, o fantástico e a magia como componentes significativas.

Parafita (2002) refere que um texto de literatura infantil deverá confirmar junto da criança a aquisição e potenciação de esquemas mentais, a aquisição da linguagem e a aquisição e implementação de experiências estéticas e éticas.

2.2. Importância da literatura infantil

Em todos os Jardins-de-Infância existem livros de histórias à disposição das crianças, que os exploram livremente, e das educadoras que os usam no seu dia-a-dia, com o objetivo de proporcionarem às crianças momentos lúdicos e de aprendizagem de conceitos e conteúdos. Contar histórias às crianças estimula o imaginário, soluciona problemas, dá-lhes a possibilidade de descobrir o mundo, de solucionar conflitos internos, permite a descoberta de outras maneiras de ser e agir. Como refere Bettelheim (2002), uma história, para prender a atenção da criança, deve entretê-la e despertar a sua curiosidade, mas para enriquecer a sua vida deve estimular-lhe a

¹ [https://www.infopedia.pt/\\$literatura-infantil](https://www.infopedia.pt/$literatura-infantil)

imaginação, ajudá-la a desenvolver o seu intelecto e a tornar claras as suas emoções, reconhecer as suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam.

Nas escolas do 1º Ciclo, os alunos têm contacto com as histórias infantis através da Educação Literária, incluída no currículo, que segundo o Programa de Português do Ensino Básico “vem dar mais consistência e sentido ao ensino da língua, fortalecendo a associação curricular da formação de leitores com a matriz cultural e de cidadania”

A audição e leitura de histórias, assim como a exploração dos livros, trazem benefícios para o desenvolvimento (motor, cognitivo, linguístico) das crianças. Como diz Sequeira (2000), a leitura desenvolve e enriquece a personalidade do indivíduo, promove a autonomia, a aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento do espírito crítico.

Ouvir histórias é importante para o desenvolvimento cognitivo, emocional, físico e social da criança, pois estimula o imaginário, responde a perguntas, desperta o intelecto e a formulação de hipóteses, desenvolve o potencial e as habilidades das crianças, fazendo-as pensar, questionar, duvidar e compreender o mundo que as rodeia.

Segundo as Orientações para Atividades de Leitura, do Plano Nacional de Leitura, do Ministério da Educação, “ouvir histórias na infância leva à interiorização de um mundo de enredos, personagens, situações, problemas e soluções, que proporciona às crianças um enorme enriquecimento pessoal e contribui para a formação de estruturas mentais que lhes permitirão compreender melhor os acontecimentos do seu quotidiano.”

Bettelheim (2002) menciona que para que uma história prenda a atenção das crianças, esta deve entretê-la e despertar a sua curiosidade. Este autor menciona que a história deve estimular a imaginação da criança e ajudá-la a desenvolver o seu intelecto e a tornar clara as suas emoções, ajudando-a a reconhecer as suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam.

Bastos (1999) menciona que a escola é um dos locais privilegiados onde o encontro da criança com o livro se pode concretizar, de forma cativante. Assim, educadores e professores devem trabalhar as histórias como uma atividade lúdica e de rotina, quer no pré-escolar, quer no 1º ciclo, uma vez que estas estimulam o imaginário das crianças, ajudam a solucionar e refletir sobre problemas, dá-lhes a possibilidade de descobrir o mundo de conflitos internos e permite a descoberta de outras maneiras de agir e de ser.

A leitura de histórias deve ser implementada desde as primeiras idades, pois é essencial para o posterior processo de aquisição da leitura e da escrita das crianças. Segundo Sim Sim, é através da leitura que a criança desenvolve a criatividade, a

imaginação, adquire novo vocabulário. Esta autora refere que ler deve ser um hábito inculcando às crianças desde pequenos, pois, quando frequenta a escola, ajuda-a a familiarizar-se com a escrita, facilitando a alfabetização e a fixar a grafia correta das palavras.

Através das histórias que ouvem, as crianças aprendem a designar as coisas que as rodeiam, os elementos da natureza, objetos do uso quotidiano e até os elementos da sua família, compreendendo assim as relações familiares e de pertença a um grupo ou comunidade. As histórias, ao representarem o mundo, contribuem para alargar os horizontes das crianças, a conhecerem algumas noções de tempo e espaço, regras de convivência, o certo e errado, adquirindo assim uma visão global do mundo onde estão inseridas. Ouvir histórias desperta as crianças para o mundo em que vivem, desenvolvem o espírito crítico da criança, o pensamento lógico, ajuda-as a resolver conflitos internos, próprios das diferentes fases do seu desenvolvimento. É importante que as crianças ouçam histórias desde muito cedo, uma vez que desenvolve a linguagem, a capacidade de imaginação, a concentração, a criatividade e a curiosidade, despertando-as ainda para o interesse e gosto para a leitura.

Coelho (2009) diz que a literatura, em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto pela escola....é no sentido dessa transformação necessária e essencial que vemos a literatura infantil o agente ideal para a formação da nova mentalidade.

2.3. A literatura infantil na Educação Pré-Escolar

Segundo as OCEP (2016), a educação pré-escolar é considerada, como “a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida”. As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar referem que é importante desenvolver competências essenciais nas crianças, de forma articulada e transversal. Assim, podemos utilizar as histórias para incentivar as crianças para determinadas aprendizagens, “não apenas conhecimentos, mas também atitudes, disposições e saberes-fazer” (OCEPE).

A leitura de histórias em contexto pré-escolar é de extrema importância no desenvolvimento da formação pessoal e social da criança, pois através delas podem-se exemplificar comportamento e atitudes, ajudando as crianças a desenvolverem a

sua capacidade de tomar decisões. “Tal deve-se ao facto de esta área ter a ver com a forma como as crianças se relacionam consigo próprias, com os outros e com o mundo, num processo de desenvolvimento de atitudes e valores, assim como o desenvolvimento estético e da criatividade.” (OCEPE 2016)

“O desenvolvimento motor, social, emocional, cognitivo e linguístico é um processo que decorre da interação entre a maturação biológica e as experiências proporcionadas pelo meio físico e social” (OCEPE 2016), cabendo ao educador escolher as histórias em função do que pretende que as crianças aprendam.

Ao ler uma história e ao explorá-la, o educador está a favorecer a formação pessoal e social da crianças, na medida em que “esta área incide no desenvolvimento de atitudes, disposições e valores, que permitem às crianças continuar a aprender com sucesso e a tornarem-se cidadãos autónomos, conscientes e solidários.” (OCEPE.2016:6)

Sendo no período do pré-escolar que as crianças desenvolvem as primeiras capacidades de narração e em que o aumento do vocabulário é mais significativo, é importante que o educador proporcione às crianças experiências literárias ricas e diversificadas.

Quando lê uma história, o educador deve, segundo Mateus (et al)², criar “um ambiente de encantamento, suspense, surpresa e emoção, no qual o enredo e as personagens ganham vida.” Este autor menciona que, ao contar uma história, o educador deve atingir objetivos como educar, instruir, socializar, desenvolver a inteligência e a sensibilidade das crianças, assim como proporcionar-lhe um momento de diversão.

Para que estes objetivos sejam alcançados, o educador deve preocupar-se com a entoação da voz quando lê a história, utilizar recursos ao contar a história, falar com clareza, preparar o ambiente, considerando as idades, começar e finalizar a história.

O educador pode utilizar as histórias na sua prática pedagógica como meio de despertar a curiosidade nas crianças para certos temas, esclarecer dúvidas e questões que surjam no dia-a-dia ou podem ser o ponto de partida para o desenvolvimento de outras atividades.

2.4. A literatura infantil no 1º Ciclo do Ensino Básico

As Metas e Programas Curriculares de Português do Ensino Básico (2015) referem que o 1º Ciclo do Ensino Básico constitui uma etapa fundamental no percurso escolar

² <http://tinyurl.com/owrhugj>

dos alunos e que “o domínio da Educação Literária (nos dois primeiros anos de escolaridade, denominado de Iniciação à Educação Literária) vem dar mais consistência e sentido ao ensino da língua.... ouvir ler e ler textos de literatura infantil é um percurso que conduz ao objetivo prioritário de compreensão de textos e é um estímulo à apreciação estética. O contacto com textos literários.... amplia o espectro de leituras e favorece a interação discursiva e o enriquecimento da comunicação.”

As Metas e Programas Curriculares de Português do Ensino Básico (2015) elucidam quais os objetivos que os alunos devem atingir no que diz respeito à Educação Literária. Assim, os alunos do 1º Ciclo devem ouvir e ler obras de literatura para a infância (sob orientação do Plano Nacional de Leitura), compreender o essencial do texto, recontar uma história ouvida, recitar trava línguas, lenga lengas e poemas, produzir histórias inventadas e recriar textos.

O Plano Nacional de Leitura (PNL) foi lançado em junho de 2006, por iniciativa dos Ministérios da Educação, da Cultura e dos Assuntos Parlamentares e visa promover hábitos e competências de leitura em crianças em idade escolar e ressalva a importância das histórias e a relação destas com o desenvolvimento da criança, pois através das histórias, a criança enriquece o seu vocabulário, toma o gosto pela leitura, amplia o seu conhecimento e desenvolve a linguagem e o pensamento. O PNL elaborou uma brochura, *Está na Hora da Leitura*, que auxilia o professor a trabalhar a leitura em sala de aula, possuindo orientações para a realização de diversas atividades.

As histórias podem ser utilizadas em contexto de sala de aula de diversas maneiras, contribuindo assim para o processo de ensino-aprendizagem das crianças, pois para além de divertirem, podem auxiliar as crianças na aprendizagem de conteúdos, na socialização, na comunicação, ajudando a desenvolver a motricidade, o raciocínio, a sensibilidade, a criatividade e a imaginação das crianças. As histórias, ao proporcionar o contacto com o livro, ajudam os alunos a expandir o seu universo cultural, levando as crianças a novas descobertas.

As histórias podem ser utilizadas em sala de aula como metodologia para o desenvolvimento dos alunos e da sua personalidade, melhorando o desempenho escolar dos alunos. Miguez (2000) refere que em alguns casos, a escola acaba sendo a única fonte de contato da criança com o livro e, sendo assim, é necessário estabelecer-se um compromisso maior com a qualidade e o aproveitamento da leitura como fonte de prazer.

Segundo Roldão (1995), as histórias constituem um meio de organizar o conhecimento, de estruturar o currículo, de captar a atenção dos alunos e de facilitar a comunicação e a apropriação de significados. Esta autora refere ainda que as

histórias, escritas e orais, têm sido utilizadas em diversas culturas como instrumentos educativos, constituindo artefactos culturais com potencialidades na organização do pensamento e da realidade e na estruturação de aprendizagem.

Segundo Zilberman (1987), a presença da literatura infantil na sala de aula promove o alargamento dos horizontes cognitivos do aluno, uma vez que proporciona o questionamento dos valores vigentes na sociedade,

3. Metodologia

Este estudo baseou-se numa abordagem metodológica de tipo qualitativa com recurso a entrevistas semiestructuras para a recolha de dados.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), a metodologia qualitativa facilita um conhecimento mais aprofundado do objeto de estudo na medida em que a recolha de dados é feita mediante o contacto direto com os sujeitos.

A investigação qualitativa privilegia a compreensão dos problemas a partir da perspectiva dos sujeitos de investigação. Bogdan e Biklen (1994) consideram que esta abordagem permite compreender as perspetivas e os pontos de vista dos indivíduos sobre determinado assunto.

A investigação qualitativa interessa-se mais pelos processos do que pelos produtos, preocupando-se mais, como refere Serrano (2004), com a compreensão e interpretação dos fatos e fenómenos do que em determinar causas para os mesmos.

Deste modo, entre as técnicas de pesquisa qualitativa, a técnica da entrevista poderá dar uma melhor resposta para a questão deste estudo, pois, como referem Bogdan e Biklen (1994), a entrevista coloca o investigador em contacto direto e aprofundado com os indivíduos e permite compreender o que eles pensam sobre determinado assunto ou o que fazem em determinadas circunstâncias.

3.1. Questão pesquisada

Tal como tem vindo a ser referido, a questão que originou este trabalho de pesquisa foi “Quais as potencialidades pedagógicas das histórias infantis na Educação Pré-escolar e 1º Ciclo”, na perspectiva de educadoras e professoras entrevistadas.

3.2. Objetivos da pesquisa

O objetivo principal desta pesquisa foi conhecer as concepções das educadoras e professoras no que diz respeito às potencialidades pedagógicas das histórias infantis em contexto educativo.

Este estudo pretende ainda:

- saber como educadoras e professoras planificam e desenvolvem, em contexto educativo, a leitura de histórias;
- conhecer as estratégias que utilizam para trabalhar as histórias em contexto educativo.

3.3. Tipo de estudo

Sendo este um estudo de natureza qualitativa, foi usado também um instrumento de recolha de dados característico de uma abordagem qualitativa: a entrevista semiestruturada.

Para este estudo, as entrevistas semiestruturadas são o método mais adequado para obter respostas ao que se pretendia saber. Assim, foi construído um guião da entrevista com perguntas consideradas pertinentes para obter informação necessária à investigação.

O guião da entrevista, segundo Quivy e Campenhoudt (1995) deve conter “uma série de perguntas guias, relativamente abertas, a propósito das quais é imperativo receber uma informação da parte do entrevistado. Tanto quanto possível, deixará andar o entrevistado para que este possa falar abertamente.”

Haguette (1997) define a entrevista como um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado.

Segundo Vidigal (1994), a entrevista é um encontro entre duas ou mais pessoas, com o objetivo de conhecer as suas opiniões sobre alguns pontos ou fatos que lhe interessam, favorece a expressão livre e a recolha de dados pessoais significativos, sendo rica na recolha de vivências.

O objetivo da entrevista é obter informação detalhada sobre um determinado tema, segundo a visão do entrevistado. Segundo Minayo (1993), a entrevista é utilizada geralmente na descrição de casos individuais, na compreensão de especificidades culturais para determinados grupos e para comparabilidade de diversos casos.

Triviños (1987) refere que na entrevista semiestruturada, embora exista um conjunto de questões previamente definidas, o entrevistado tem liberdade para discorrer sobre o tema proposto e conduzir a conversa, permitindo um maior aprofundamento do tema, referindo que o roteiro das perguntas é um guia para evitar lacunas. Este autor acredita que a entrevista semiestruturada valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspetivas possíveis para que o informante disponha de liberdade e espontaneidade necessária que enriquecerão a investigação

Um ponto fundamental a ser considerado ao se realizar uma entrevista é o guião. Vidigal (1994) refere que para elaborar um guião, o investigador deve realizar algumas leituras prévias sobre o tema a pesquisar, fazendo uma pesquisa bibliográfica. Carmo e Ferreira (1998) referem que para o guião de entrevista ficar pronto a ser utilizado as questões devem ser encadeadas de forma adequada ao objetivo da pesquisa.

É fundamental que, no início da entrevista, o entrevistado fique a saber o que pretende o entrevistador e porque está fazendo a entrevista. Gil (1999) menciona que se deve deixar o entrevistado à vontade, criando uma atmosfera de cordialidade e simpatia e livre de qualquer intimidação ou pressão.

Richardson (1999) enumera algumas instruções para auxiliar no processo de entrevista: explicar o objetivo e a natureza do trabalho; assegurar o anonimato do entrevistado e o sigilo das respostas; solicitar a autorização para gravar a entrevista, explicando o motivo da gravação; solicitar a colaboração nas respostas, dando a sua opinião e relatando experiências; deixar o entrevistado sentir-se livre para interromper ou pedir esclarecimentos e deixar falar o entrevistado sobre a sua formação, experiências e áreas de interesse. Este autor refere ainda que o encerramento da entrevista deve ser realizado em clima de cordialidade, terminando a entrevista quando o interrogado mantém ainda o interesse em conversar sobre o assunto.

Após a entrevista, referem Carmo e Ferreira (1998), é útil registar as observações sobre o comportamento verbal e não-verbal do entrevistado, bem como sobre o ambiente em que a mesma decorreu, pois permite levantar hipóteses sobre a autenticidade das respostas obtidas e o grau de liberdade com que foram dadas.

Depois de realizada a entrevista, é necessário fazer a transcrição da mesma e analisá-la. Bauer e Gaskell (2002) afirmam que ao ler as transcrições, são lembrados aspetos da entrevista que vão além das palavras e o pesquisador quase revive a entrevista. Após a transcrição da entrevista, inicia-se a análise dos dados, que consiste, segundo Bardin (1995) na leitura detalhada de todo o material transcrito e na identificação de palavras que tenham sentido para a pesquisa.

3.4. Participantes do estudo

Os participantes desta investigação foram duas Educadoras do Pré-Escolar e duas Professoras do 1º Ciclo do Ensino Básico, com idades compreendidas entre os 45 e os 55 anos.

Os participantes exerciam as suas funções num jardim-de-infância e escola do 1º ciclo da rede pública, no concelho do Cartaxo, distrito de Santarém.

Estes participantes foram escolhidos devido à sua experiência profissional, pois exercem a sua profissão há vários anos e pela proximidade de localidade da residência do investigador, uma vez que as entrevistas foram realizadas já depois de ter finalizado os estágios curriculares.

Para a realização deste estudo foi realizada ainda uma entrevista a uma especialista em Literatura Infantil, docente de uma Escola Superior de Educação, do distrito de Santarém. A realização desta entrevista teve como objetivo saber a opinião de uma especialista sobre a utilização da literatura infantil na prática pedagógica de educadoras e professora, corroborando as suas conceções com as das educadoras e professoras entrevistadas.

- Educadora 1 - Bacharel em Educação de Infância e Licenciada em Animação de Adultos, exercendo a sua função como educadora há 27 anos.
- Educadora 2 - Licenciada em Educação Pré-Escolar, exercendo a sua função como educadora há 33 anos.
- Professora 1 - Licenciada em 1º Ciclo do Ensino Básico e exerce a sua função como professora há 32 anos.
- Professora 2 - Mestre em 1º Ciclo do Ensino Básico e exerce a sua função como professora há 22 anos.
- Especialista em Literatura Infantil - Mestre em Literatura, em Estudos da Literatura, estando a finalizar a dissertação de Doutoramento na área da Literatura. Exerce a sua função como professora na Escola Superior de Educação há 25 anos.

3.5. Recolha e análise de dados

A recolha de dados foi feita através de cinco entrevistas semiestruturadas a duas educadoras de pré-escolar, a duas professoras do 1º ciclo e a uma especialista em literatura infantil, que possuíam um guião próprio. As entrevistas foram realizadas e

gravadas em áudio no local de trabalho dos participantes, em hora acordada previamente com os mesmos.

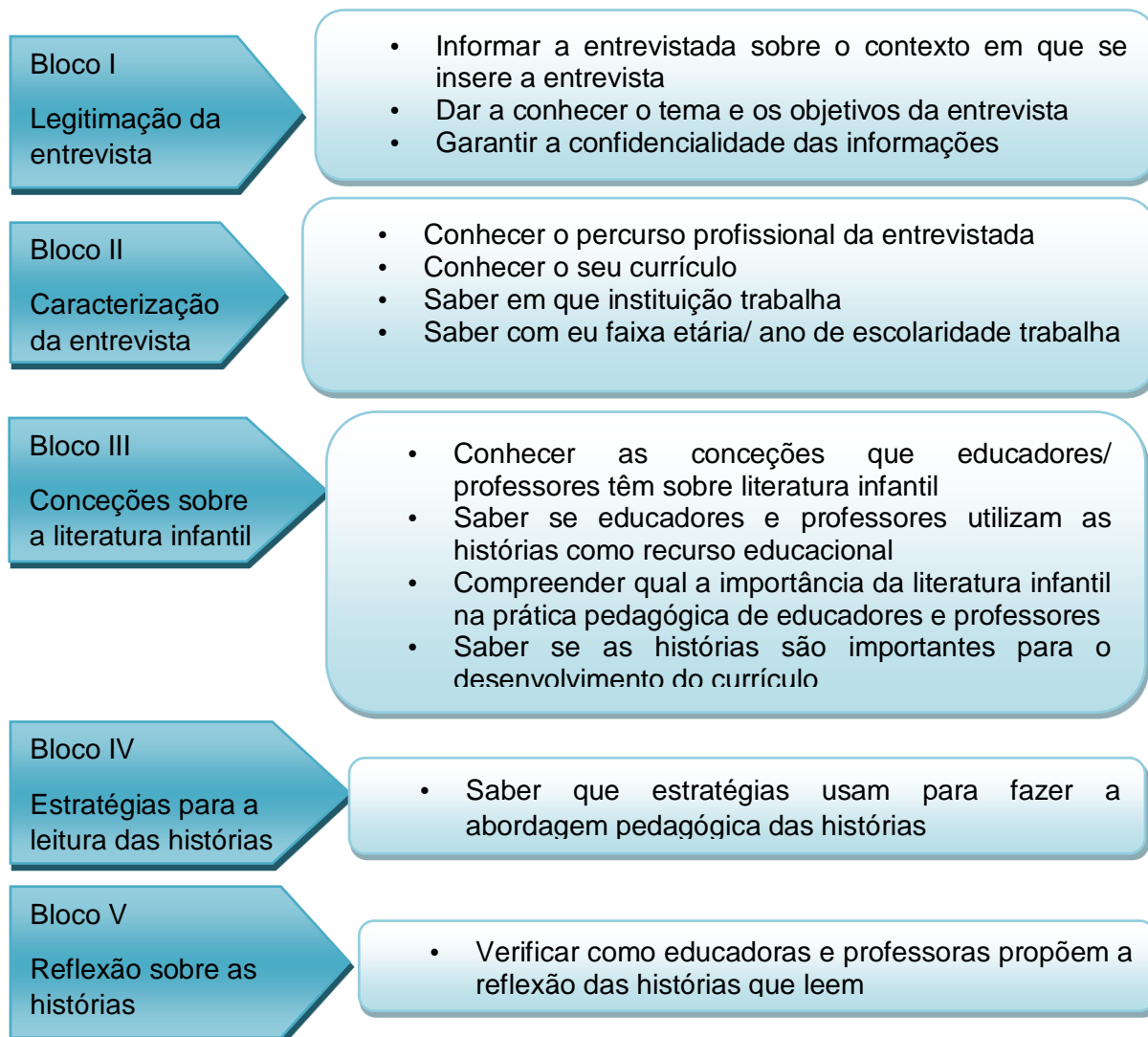
No guião da entrevista estão operacionalizados os objetivos e as questões que decorreram da questão de pesquisa.

O guião da entrevista (Anexo 1) realizada a educadoras e professoras está estruturado em seis blocos, cada um com questões e objetivos específicos.

O guião da entrevista realizada à especialista em literatura infantil (Anexo 2) está estruturado em cinco blocos, cada um com questões e objetivos específicos.

Estes dois guiões têm perguntas em comum, uma vez que se pretende fazer uma comparação entre as conceções que educadoras/ professoras têm sobre as potencialidades pedagógicas das histórias infantil e a conceção que a especialista tem sobre a questão.

Guião de entrevista - Educadoras e Professoras



Bloco VI
Finalização da entrevista

- Concluir a entrevista
- Agradecer a disponibilidade da entrevistada

Guião de entrevista – Especialista em Literatura Infantil

Bloco I
Legitimação da entrevista

- Legitimar a entrevista
- Informar a entrevistada sobre o contexto em que se insere a entrevista
- Dar a conhecer o tema e os objetivos da entrevista
- Garantir a confidencialidade das informações

Bloco II
Caracterização da entrevista

- Conhecer o percurso profissional da entrevistada
- Conhecer o seu currículo

Bloco III
Conceções sobre a literatura infantil

- Conhecer as conceções que a entrevistada tem sobre literatura infantil
- Compreender qual a importância da literatura infantil na prática pedagógica de educadores e professores
- Saber quais as vantagens das histórias no processo educativo das crianças

Bloco IV
Utilização da literatura infantil na prática pedagógica de educadoras e professoras

- Saber que estratégias devem as educadoras e professoras usar para fazer a reflexão sobre a história

Bloco V
Finalização da entrevista

- Concluir a entrevista
- Agradecer a disponibilidade da entrevistada

4. Tratamento dos dados

Os dados recolhidos foram trabalhados e analisados, procedendo assim à sua sistematização, através de uma análise de conteúdo. Para fazer a análise de conteúdo, foi elaborado um Guião de Análise de Conteúdo (anexo 5), onde os dados recolhidos foram divididos em categorias e indicadores, com o intuito de responder aos objetivos delimitados para o estudo.

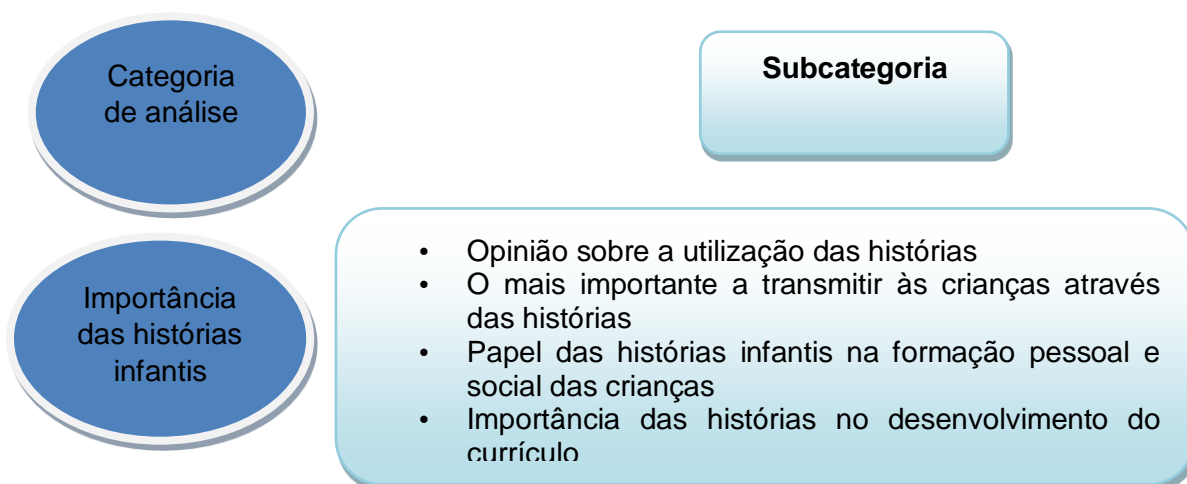
Segundo Bardin (2009), a análise de conteúdo é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de receção das mensagens. Para este autor tratar o material é codificá-lo e essa codificação corresponde a uma transformação dos dados, permitindo atingir uma representação do conteúdo.

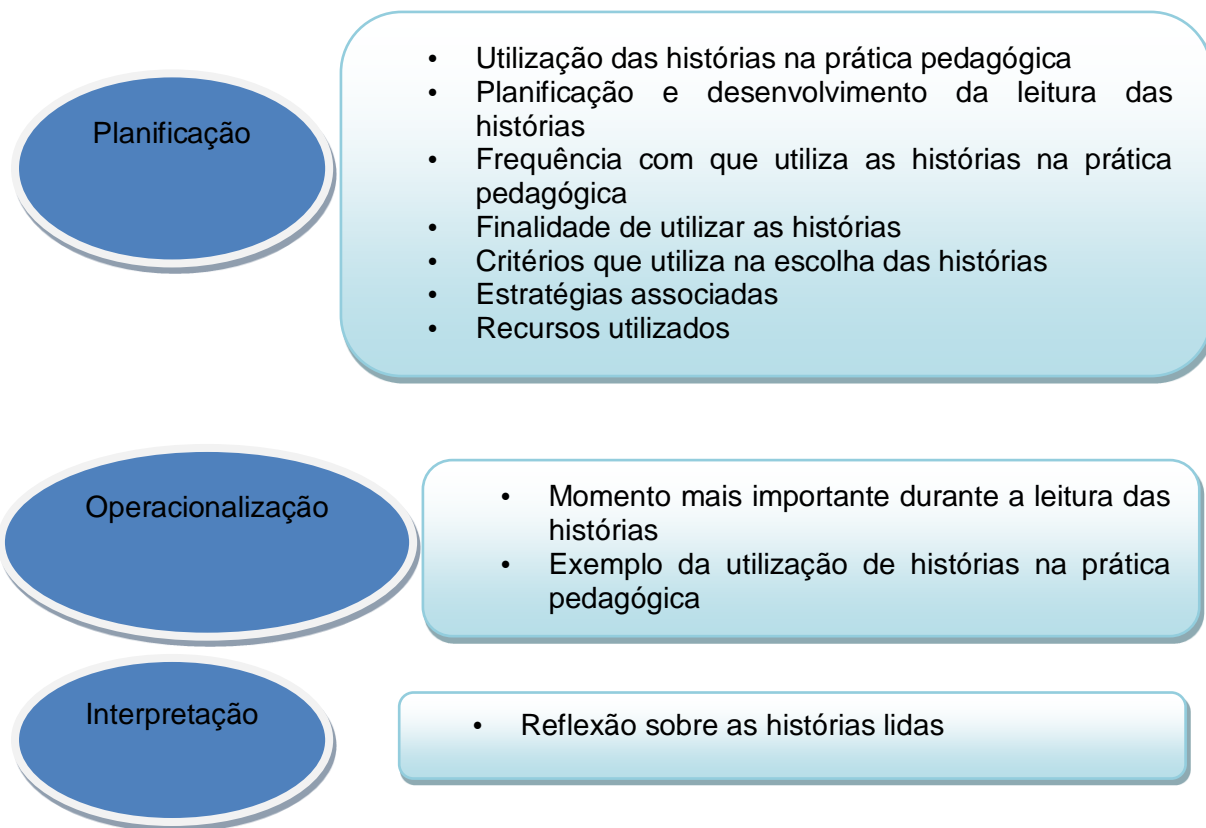
Segundo Bardin (2004) a análise de conteúdo deve ser constituída por:

- Categorias, onde se inserem os temas que rodeiam a entrevista e que seguem o mesmo padrão do Guião da entrevista;
- Subcategorias, que especificam e diluem os temas das categorias, tornando a análise da entrevista mais fácil de perceber;
- Indicadores ou unidades de contexto, que dão a conhecer as ideias apresentadas pela entrevistada em mais pormenor, de modo a que o leitor possa perceber o que foi dito na entrevista, sem ter que a ler na íntegra.

Para analisar os dados obtidos através das entrevistas realizadas a educadoras e professoras, foi elaborado um guião de análise de conteúdo, o qual se apresenta de seguida:

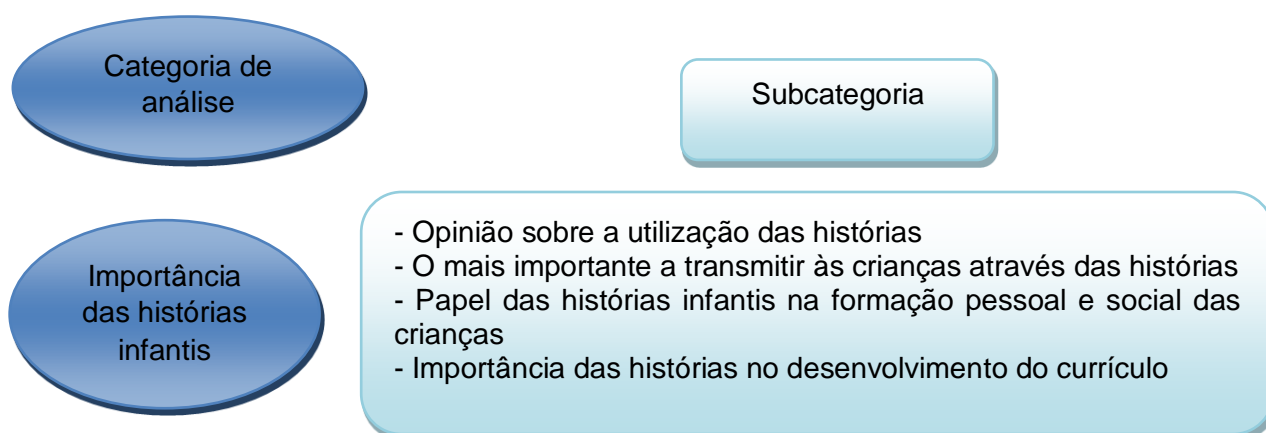
Guião de Análise de Conteúdo de Entrevista – Educadoras e Professoras

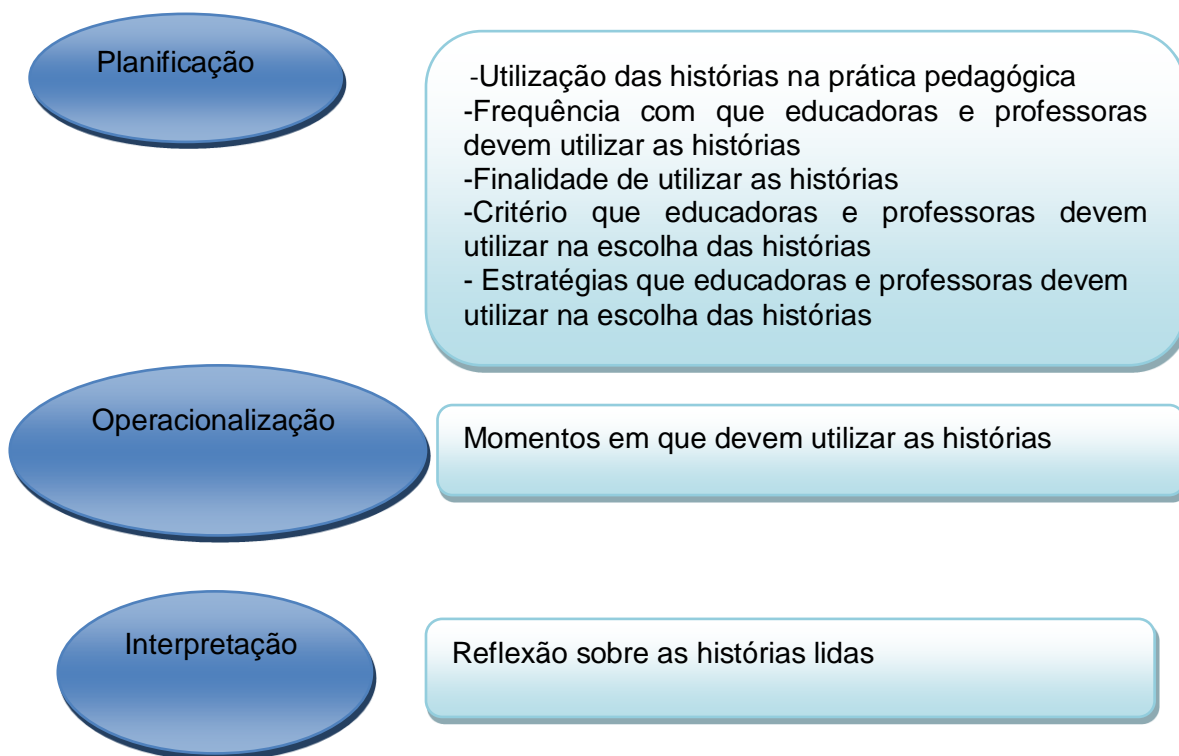




Para analisar os dados obtidos através da entrevista realizada à especialista em literatura infantil, foi elaborado um guião de análise de conteúdo, o qual se apresenta de seguida:

Guião de Análise de Conteúdo de Entrevista – Especialista em Literatura Infantil





O Guião de Análise de Conteúdo foi um instrumento bastante importante porque permitiu fazer uma análise mais sistemática e objetiva das entrevistas, onde estão expressas todas as ideias e opiniões das entrevistadas.

5. Apresentação e análise dos resultados

A análise de dados tem como objetivo compreender o que foi recolhido e confirmar ou não os pressupostos da pesquisa.

De seguida apresentam-se os resultados das entrevistas feitas às Educadoras do pré-escolar e Professoras do 1º ciclo e da entrevista à Especialista em Literatura Infantil.

5.1. Concepções das Educadoras do Pré-Escolar

Quando questionadas sobre a utilização das histórias infantis, ambas as educadoras referiram que as utilizam diariamente e que são fundamentais em contexto de jardim-de-infância, pois como diz a educadora 1 servem de mote para desenvolverem as atividades de sala, pois “as histórias são boas no sentido de apelar à criatividade deles e à imaginação”, referindo ainda que os contos tradicionais são importantes, porque “desmistificam muitas coisas e ao mesmo tempo, na medida em que lhes encarnam

personagens e essas personagens dão-lhes a capacidade ou competência de eles saírem, em caso de medos, em caso de aflições”.. A educadora 2 afirmou que a história “é uma forma que nos leva a poder dinamizar todas as áreas de formação que tenhamos para fazer” e “há depois o trabalhar muito com eles a parte do reconto”.

Relativamente ao que é mais importante transmitir às crianças através das histórias infantis, a educadora 1 referiu que “o que nós fazemos é pôr a sementinha da importância do ler, do que está escrito”, pois é através de histórias que “eles vão querer saber o que está lá escrito”, mencionando que diz às crianças que elas sabem ler uma história, “não sabes é ler as letras, mas tu sabes ler a história, porque tu sabes ler as imagens“. A educadora 2 disse que “uma das coisas que considero mais importante é a capacidade de podermos imaginar, de reinventar, de podermos rever no que ali está escrito, a capacidade de podermos aprender e ficarmos despoletados para ir à pesquisa sobre assuntos que estão a ser tratados”.

A educadora 1 mencionou que a literatura infantil capta a atenção das crianças e que ajuda a “desenvolver o saber estar, o saber ouvir, o saber escutar, o esperar pela sua vez. A educadora 2 referiu que a literatura infantil tem um papel fundamental na formação pessoal e social das crianças, porque ao “despoletar nas crianças um interesse por ler, o quanto é importante ler, o quanto aprendemos, o quanto viajamos” com as histórias, consegue-se com que as crianças tenham interesse por outros assuntos, explicando que ao trabalhar o inverno e os animais que hibernam, através da leitura de uma história, houve crianças da sala que levaram livros “não propriamente histórias”.

Quando questionadas se as histórias são importantes no desenvolvimento do currículo, a educadora 1 disse que sim e que depois de contar a “história podemos recorrer a ela para dar uma abrangência às várias áreas do currículo”.

A educadora 1 referiu que recorre a histórias no seu trabalho com as crianças porque “trabalhamos muito as áreas transversalmente, apesar de termos alguma intencionalidade quando desenvolvemos uma determinada atividade.

Relativamente à pergunta “em que momento utiliza as histórias e com que finalidade”, as educadoras responderam que as utilizam todos os dias, apesar de nem sempre lerem uma história. Como explicou a educadora 1 “às vezes não leio todos os dias...umas vezes a gente dramatiza, outras vezes são eles que dramatizam, outras vezes sou eu que apresento a história a dramatizar”. A educadora 2 referiu que utiliza as histórias em termos de rotina diária, “tanto pode ser de manhã para despoletar uma atividade que quero desenvolver” como pode ser um momento de relaxamento, em que apenas estão a ouvir a história.

Relativamente à pergunta “com que frequência utiliza as histórias na sua prática pedagógica”, as educadoras disseram que recorrem diariamente às histórias, “ou fazendo a história, ou dramatizando uma histórias ou contando uma história ou um livro”. (educadora1).

Exemplificando uma situação onde utiliza as histórias, a educadora 1 disse que “ a hora do conto é sempre a seguir ao almoço, que é para eles acalmarem”, referindo no entanto que “às vezes troca-se, às vezes dá-me mais jeito ser de manhã para o desenvolvimento das atividades”.

A educadora 2 referiu que utiliza as histórias em termos de rotina diária, “tanto pode ser de manhã para despoletar uma atividade que quero desenvolver” como pode ser à tarde um momento de relaxamento, em que apenas estão a ouvir a história.

Relativamente à planificação da leitura das histórias em contexto educativo, as educadoras referiram que tinham histórias planificadas para determinada “altura do ano ou para aquilo que eu quero abordar”, (educadora 1), referindo ainda que de uma maneira geral, a “gente planifica ao encontro do que estamos a trabalhar”. Ambas as educadoras mencionaram que, por vezes, as crianças traziam livros de casa e tinham de “saber dar a volta, porque é importante valorizá-los e então tenho de encaixá-los de alguma maneira” (educadora 2).

As principais estratégias associadas ao desenvolvimento de atividades de leitura de histórias usadas pela educadora 1 são os fantoches e as dramatizações. A educadora 2 utiliza como estratégia o reconto em grande grupo, o reconto individual, o registo por desenho, o registo escrito e o registo gráfico, a pintura ou a construção com material de desperdício das personagens.

As educadoras mencionaram que o momento mais importante é o início da história. A educadora 1 mencionou que “se nós não os conseguirmos agarrar aí, dificilmente conseguimos captar a atenção deles”, dando um exemplo do que costuma fazer, que é dizer “tenho ali uma historia muitoooo giraaaa...vamos tar todos caladinhos”. A educadora 2 referiu que “para se começar a contar a história tem-se primeiro de criar um ambiente..... seja de manhã, seja à tarde, eles sentam-se em grande grupo, de forma a todos me verem, a verem a história. A partir daí começo a contar a história. Acho que quando começamos “era uma vez” ou “certo dia”, pronto, cria-se ali um ambiente”.

Em relação aos critérios que as entrevistadas utilizam quando escolhem as histórias que leem às crianças, a educadora 1 disse que “às vezes são conhecidas”, referindo-se aos contos tradicionais, que considera importantes porque “encarnam personagens e essas personagens dão-lhes a capacidade ou competência de eles saírem, em caso de medos, em caso de aflições”. Mencionou também que utiliza muitas histórias

novas, “destas histórias novas, que são muito engraçadas no sentido que não são coisas que ele estão à espera”, mencionando uma história recente, *O Lobo Mau e o Pai Natal*, que mistura várias histórias e no final, o lobo mau não morre. Esta educadora mencionou ainda que escolhe as histórias “ou porque ouço falar nelas, ou porque vou a uma livraria e vou sempre àquela secção e, olha, esta história é tão gira e vou levar.... ou porque as colegas me indicam”.

A educadora 2 referiu que “tenho mais ou menos histórias para determinadas situações”, e que quando não tem escolhe-as pelos autores.

Depois da leitura da história, a educadora 1 disse que faz uma reflexão sobre a mesma, para “falamos sobre a história, até para perceber se eles perceberam qual era o contexto, quem eram as personagens, quem fazia o quê, e muitas vezes, o que faço, é o registo, é aí é que também nós tiramos muito daquilo que eles captaram da história. É o desenho ou pintura ou a 3D, às vezes fazem coisas em plasticina em vez de fazerem o registo em desenho”. A educadora 2 relatou que, normalmente, a reflexão é feita em grande grupo, mencionando também que “há o reconto, há o falar sobre a atividade, falar sobre a história, o que é que aconteceu, o que é importante, o que eles acharam, o que gostaram.”

Os recursos disponíveis das educadoras para trabalhar a literatura infantil são essencialmente os livros, fantoches e utensílios da sala.

5.2. Concepções das Professoras do 1º Ciclo do Ensino Básico

Quando questionadas sobre a utilização das histórias infantis, a professora 1 referiu que utiliza as histórias em sala de aula pelo menos uma vez por semana porque “são muito importantes....desenvolvem a imaginação, o vocabulário e as crianças identificam-se com as personagens”. A professora 2 disse que utiliza as histórias com muita frequência na sala de aula porque “são um instrumento multifacetado a nível de estratégia de ensino, um excelente recurso para diversas temáticas” e podem promover a oralidade, a interpretação e o conhecimento da língua.

Relativamente ao que é mais importante transmitir às crianças através das histórias infantis, a professora 1 afirmou que através das histórias “as crianças poderão compreender e explorar situações reais e imaginárias, interiorizar mensagens, retirar conclusões, desenvolver as capacidades de análise e crítica”. A professora 2 mencionou que a mensagem que as histórias transmitem é o que considera mais importante, referindo que “muitas vezes relacionada com as emoções na relação com o próximo.”

Para a professora 1, a literatura infantil contribui para a socialização das crianças e para formar cidadãos críticos e reflexivos. A professora 2 referiu que é através das histórias e das mensagens que elas transmitem que as crianças conhecem o mundo que as rodeia.

Quando questionadas se as histórias são importantes no desenvolvimento do currículo, a professora 2 referiu que que as histórias “são um campo imenso, existe sempre uma história que se pode articular” com o currículo. A professora 1 mencionou que “ouvir histórias é o caminho para formar leitores”.

Relativamente à pergunta “em que momento utiliza as histórias e com que finalidade”, a professora 1 indicou que as utiliza para introduzir assuntos na sala, pois ajudam no “desenvolvimento do pensamento, da compreensão leitora, da oralidade, da argumentação”. A professora 2 mencionou que a finalidade de usar histórias se prende com “tornar os conteúdos mais próximos, que permitam a apropriação, por parte das crianças, dos assuntos abordados na aula.”

A professora 1 deu o exemplo de uma história que trabalhou em sala de aula. essa história foi a “A Menina Gotinha de Água” e serviu para ela “dar o ciclo da água”. A professora 2 mencionou que utiliza as histórias para “trabalhar emoções e sentimentos, caracterizando a personagem principal e a sua ação na história” e que a última que trabalhou na sala de aula foi na semana passada e falava sobre a timidez.

Relativamente à planificação da leitura das histórias em contexto educativo a professora 1 mencionou que “há obras do Plano Nacional de Leitura obrigatórias”, tendo por isso que planificar aulas com essas obras, referindo também, como as educadoras, que por vezes os alunos levavam livros de casa. A educadora 2 mencionou que planificação da leitura das histórias “depende dos momentos e dos fins e que pode ser integrada nos temas ou conteúdos em estudo como forma de os enriquecer, ilustrar e aprofundar, ou pelo contrário, pode ser a história a mobilizar diversos temas e conteúdos”.

As estratégias associadas ao desenvolvimento de atividades de leitura de histórias usadas pela professora 1 são o reconto, as dramatizações, o registo em desenho ou texto narrativo e a reflexão da história. A professora 2 mencionou que “questiono os alunos sobre a história”, havendo uma discussão, análise e interpretação do texto

Os critérios usados pelas professoras na escolha das histórias que leem às crianças são a qualidade do texto e da imagem, a pertinência do tema e a adequação à realidade das crianças, a idade delas, os seus conhecimentos e interesses, podendo incidir, como disse a professora 1, nos “problemas familiares e comportamentais dos alunos”

A professora 1 referiu que faz uma reflexão, pois “ajuda o aluno a reconstruir a sua maneira de pensar e de ver o mundo” e considera a reflexão o momento mais importante quando lê uma história. A professora 2 consignou que “a literatura proporciona momentos de reflexão, que são o motor de crescimento e desenvolvimento pessoal.”

Os recursos disponíveis das professoras para trabalhar a literatura infantil são os livros da Biblioteca Escolar ou dos próprios alunos e a internet.

No final da entrevista, a professora 1 mencionou que “gostaria de ter mais tempo para trabalhar obras, pois considero muito importante os alunos conhecerem vários autores e histórias diversificadas, assim como poemas”.

5.3. Perspetiva da Especialista em Literatura Infantil

A professora da Escola Superior de Educação mencionou que as histórias têm um grande potencial pedagógico, “que se prende com possibilidades mais técnicas de desenvolvimento do cérebro das crianças, nomeadamente o contacto com estruturas de causa-efeito. As histórias ajudam a perceber que existem cadeias de causalidade entre os eventos, que existe um antes, um presente, um futuro possível”.

Segundo a professora da ESE, a literatura infantil tem um papel importante na expansão do que a criança pode conhecer sobre o mundo, pois põe-na em contacto com formas diferentes de viver, com experiências diferentes das suas experiências quotidianas. O papel da literatura infantil na formação pessoal e social da criança é o “de ajudar a prever cenários possíveis para diferentes comportamentos”, ajudando-as a decidir os comportamentos mais adequados sem precisarem de os experimentar por si, uma vez que as põe em contacto com formas diferentes de viver e com experiências diferentes das suas experiências quotidianas. Para esta professora, as histórias são representações de outros universos em que as personagens desempenham papéis e agem de formas que permitem ver às crianças o que lhes aconteceria se agissem das mesmas maneiras. Com as histórias, as crianças aprendem “modelos de comportamento a que vêm agregadas respetivas consequências sendo que as crianças, porque nas histórias veem esses comportamentos como os seus desfechos, não precisam já de os experimentar.”

Para esta entrevistada, a literatura infantil deve ser trabalhada com as crianças de uma forma orgânica e desde que as crianças nascem” e é de opinião de que não

existe uma idade padrão e que “ o contacto com as histórias para crianças deve ser um contacto tão espontâneo como o contacto das crianças com outros tipos de textos” Para a professora da ESE, as educadoras e professoras devem utilizar as histórias para “proporcionarem acesso a formas diferentes de viver a realidade, de expandir as hipóteses de comportamento que as crianças têm, as hipóteses de relação com a realidade, para desenvolverem as capacidades de equação lógica entre a realidade e para criarem o sentido de pertença a uma comunidade”. Para esta professora, a finalidade com que as educadoras e professoras devem utilizar as histórias infantis “prende-se com o que será mais importante a transmitir às crianças através das histórias infantis e que será a de que existem várias formas de atingir um objetivo, várias formas boas de agir, várias possibilidades de melhorar progressivamente os nossos comportamentos”

Esta professora mencionou que atualmente existe uma prática positiva, “que é que é a de apresentar às crianças, em contexto pedagógico, livros que falam do quotidiano das crianças e livros em que as crianças contactam com a tradicional história de uma princesa e de um príncipe.” Segundo a opinião desta especialista, “é útil esta diversidade, gostaria de pensar que as histórias que trabalham o quotidiano das crianças as ajudam também a tomar decisões do dia-a-dia e que as histórias que falam de príncipes e princesas as podem ajudar a viver num mundo que não é apenas o seu”.

Relativamente ao que considera mais importante transmitir às crianças através das histórias infantis é “que existem várias formas de atingir um objetivo, ou seja, que não há uma forma de ser feliz, que podemos atingir a felicidade através da tentativa e erro, ou seja, que não existe uma forma boa e uma forma má, existem várias formas boas de agir, cada qual mais adequada ao temperamento. Existem várias possibilidades de melhorar progressivamente os nossos comportamentos e por aí em diante.”

A professora da ESES menciona que, no seu ponto de vista, existem dois critérios a ter em conta quando educadoras e professoras escolhem uma história: o potencial de formação ética e o potencial de formação estética. O primeiro refere-se à mensagem implícita e explícita que a história transmite” e se “estes estão de acordo aos valores que o nosso sistema educativo procura implementar; o segundo é verificar se as histórias são atraentes para as crianças e se lhes dão a “possibilidade de encontrarem algo com que elas se identifiquem e que vá um pouco além da sua experiência habitual ou seja, se uma história apenas repetir aquilo que a criança já conhece ou já conhece sobre o mundo a partir dessa história.” A professora referiu que “uma história tem de ser ao mesmo tempo formativa, mas ao mesmo tempo capaz de potenciar o

desenvolvimento da criança, que é o que a criança sabe do mundo, do que o que a criança aprende de diferente sobre a maneira de ver o mundo.”

Segundo esta entrevistada, as histórias “têm um excelente potencial e devem ser utilizadas na prática pedagógica porque, ajudam as crianças a expandir o seu mundo e devem ser utilizadas na prática pedagógica como alavancas de explicitação do quotidiano, ou seja as histórias podem constituir um conjunto de personagens de referência”, servindo para “aumentar as nossas famílias imaginárias e para recorrer a elas como exemplo do que será mais adequado ou menos adequado, o mais eficaz ou menos eficaz.

Em resposta à pergunta com que frequência devem as educadoras e professoras utilizar as histórias na sala, a especialista em literatura infantil considera “importante que haja diariamente um espaço em que professoras e educadoras leem histórias”, criando um espaço de exceção, em que as crianças deixam o quotidiano e entram na vida das personagens.

Para esta especialista, a reflexão da história é importantíssima, referindo que “além da contação de histórias, deve haver o espaço de reflexão sobre essas mesmas histórias. Para esta professora, esse momento pode ser paralelo à contação ou ser feito no final da mesma, depende dos grupos/turmas e conforme a técnica de contar.

Para a professora da escola superior de educação, as estratégias usadas por educadoras e professoras quando contam histórias devem estimular a participação das crianças, referindo que “a contação de histórias deve ser acompanhada de um estímulo à participação infantil para melhorar a apreensão pelas crianças das histórias e para desenvolver a capacidade que as crianças têm de prever os comportamentos dos outros”.

Por fim, a entrevistada salientou que “a grande vantagem do contacto das crianças com histórias infantis que tenham sido seleccionadas, de acordo com os dois parâmetros que eu referi acima, será o desenvolvimento da teoria da mente.” e que “se nós criarmos nas crianças o hábito de contactarem e refletirem com histórias para crianças, nós, pelo menos estamos a aumentar as hipóteses de que essa criança desenvolva essa empatia e se torne não só uma melhor cidadã, mas também uma melhor pessoa em geral.”

Síntese dos dados

Através das entrevistas realizadas a educadoras de infância e a professoras do 1º ciclo pude analisar os dados recolhidos e perceber qual a importância das histórias em contexto educativo.

Com base nestes dados concluí que todas as entrevistadas consideram que as histórias são muito importantes nas suas práticas pedagógicas e no desenvolvimento do currículo e por isso as usam diariamente (educadoras) ou uma vez por semana (professoras), pois despertam a imaginação e curiosidade das crianças sobre o mundo que as rodeia; despertam-nas para novas descobertas; desenvolvem a oralidade, a argumentação e as capacidades de análise e crítica de situações reais. Como disse a educadora 1 “podemos agarrar numa história e desenvolver tudo o resto, porque no pré-escolar trabalhamos muito as áreas transversalmente”, apesar de haver uma intencionalidade quando desenvolvem uma determinada atividade.

A especialista em literatura infantil refere que as histórias têm um “grande potencial pedagógico, que se prende com o desenvolvimento do cérebro das crianças”, ajudando-as a perceber que existem cadeias de causalidade entre os eventos.

De uma maneira geral, todas as entrevistadas referem que as histórias são importantes porque transmitem sempre uma mensagem. Segundo as entrevistadas essa mensagem pode servir para despoletar nas crianças o interesse por outros assuntos, para compreenderem e resolverem situações reais e conflitos interiores e que afetam alguma criança. Para a especialista em literatura infantil, a mensagem que a história transmite deve ser um dos critérios que as profissionais de educação devem ter em conta quando escolhem as histórias e verificar se “estão de acordo com os valores que o nosso sistema educativo procura implementar”.

O mais importante a transmitir às crianças através das histórias é, segundo as entrevistadas, o desenvolvimento da imaginação, o interesse por diversos assuntos, a aprendizagem de determinados conteúdos e conceitos, o despertar da curiosidade sobre o mundo que as rodeia, a exploração e compreensão de situações reais, o imaginar outras realidades e comportamentos, o reinventar da realidade, o interiorizar mensagens e desenvolver as capacidades de análise e crítica

Bettelheim (2002) refere que para prender a atenção de uma criança, a história deve entretê-la e despertar a curiosidade, deve estimular-lhe a imaginação, ajudá-la a desenvolver o seu intelecto, a tornar clara as suas emoções e sugerir soluções para os problemas que a perturbam.

Também a especialista em literatura infantil refere que as histórias ajudam as crianças a “decidir os comportamentos mais adequados sem precisarem de os experimentar

por si”, pois as histórias são representações de outros universos e permitem que as crianças vejam o que lhes aconteceria se agissem de determinada maneira.

Como afirma a professora da ESES, “as histórias têm um grande potencial pedagógico” e tanto educadoras como professoras as usam nas suas práticas pedagógicas. No entanto há uma diferença na justificação de porque as usam. Enquanto as educadoras utilizam as histórias para iniciarem ou desenvolverem uma atividade de expressão plástica ou motora, para dramatizarem ou para fazerem o reconto e como momentos de prazer, para as crianças relaxarem; as professoras utilizam-nas para promover a oralidade, a interpretação e o conhecimento da língua.

As histórias infantis têm um papel fundamental na formação pessoal e social das crianças, pois contribuem para a socialização das crianças, ajudando-os a serem cidadãos críticos e reflexivos, ajudando-as a terem noção de regras de convivência na sociedade, ajudando-as a decidir quais os comportamentos mais adequados a determinadas situações, uma vez que contactam com diferentes formas de viver e com experiências diferentes das suas. Como referem as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, a área de formação pessoal e social “incide no desenvolvimento de atitudes, disposições e valores, que permitam às crianças continuar a aprender com sucesso e a tornarem-se cidadãos autónomos, conscientes e solidários”.

As histórias infantis são importantes no desenvolvimento do currículo, pois como refere a professora 2 “existe sempre uma história que se pode articular com o currículo, pois promovem a oralidade, a interpretação e o conhecimento da língua”. As Metas do 1º Ciclo do Ensino Básico mencionam que “é missão do 1º Ciclo aprofundar o conhecimento e o domínio da linguagem oral”, devendo o ensino incidir no “desenvolvimento da fluência de leitura, no alargamento do vocabulário, na compreensão da leitura, na progressiva organização e produção de texto”. A professora 2 referencia que “ouvir muitas histórias é o caminho para formar leitores”, indo assim ao encontro dos objetivos da Iniciação à Educação Literária, do Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico, que referem que “ouvir ler e ler textos de literatura infantil é um percurso que conduz aos objetivos prioritários de compreensão de textos e é um estímulo à apreciação estética”.

Para as professoras, a finalidade de contar histórias infantis é ajudar a introduzir assuntos em sala de aula e tornar os conteúdos mais próximos das crianças, permitindo assim a apropriação dos assuntos abordados. As educadoras referiram que utilizam as histórias como rotina na sala, para relaxarem as crianças ou para desenvolverem uma determinada atividade.

A professora 1 deu um exemplo da utilização de uma história para abordar um conteúdo programático. Para ensinar o ciclo da água aos seus alunos, contou a história *A Menina Gotinha de Água*. Também a educadora 1 exemplificou uma situação onde utiliza as histórias, mencionando que para demonstrar como se fazem as sementeiras, leu a história *O Nabo gigante* às crianças da sua sala.

Os critérios usados pelas educadoras na escolha das histórias infantis que leem às crianças são serem de autores conhecidos ou por existirem na biblioteca do jardim-de-infância ou por indicação de colegas. As professoras mencionaram que escolhem as histórias pela qualidade do texto e da imagem, pela pertinência do tema, pela adequação à realidade das crianças e pelos conhecimentos ou problemas familiares dos alunos.

Tanto educadoras como professoras vão ao encontro da opinião da especialista em literatura infantil relativamente às estratégias usadas para o desenvolvimento de atividades sobre a história. Esta professora referiu que é importante estimular a participação das crianças nas atividades que se realizam depois da audição das histórias, “para desenvolver a capacidade que as crianças têm de prever os comportamentos e a motivação dos outros. As entrevistadas explicaram que realizam o reconto da história, o registo por desenho, as dramatizações e o questionamento sobre a história e sobre as personagens e o que elas fizeram. Estas estratégias permitem às crianças uma participação ativa de cada uma, quer seja individual, por exemplo quando fazem o registo gráfico, quer seja em grupo, por exemplo quando dramatizam a história.

Educadoras e professoras consideram importante fazer uma reflexão sobre a história pois assim compreendem se as crianças perceberam o contexto da mesma, quem eram as personagens e o que faziam, o que aconteceu na história, o que de mais importante captaram da mesma, o que gostaram. Como diz a professora 1, a reflexão sobre a história ajuda as crianças a reconstruírem a sua maneira de pensar e de ver o mundo.

Com este trabalho de pesquisa percebi que as potencialidades das histórias em contexto educativo, quer no pré-escolar, quer em 1º ciclo, são infinitas e desenvolvem determinadas competências, consoante as idades das crianças.

É notória a importância das histórias, em contexto educativo, pois ajudam as crianças a adquirir vocabulário, a desenvolverem a atenção e a imaginação, a descobrirem novas realidades, a terem novas experiências, a decidir comportamentos e atitudes.

O educador/ professor pode e deve utilizar as histórias como um meio para despertar a curiosidade nas crianças para determinados temas, esclarecer dúvidas e opiniões ou ser o ponto de partida para determinadas atividades de sala, assim como levar as

crianças a ultrapassar obstáculos e dificuldades que surjam no dia-a-dia. Como diz Bettelheim (2002) é “importante prover a criança com imagens de heróis que partiram para o mundo sozinhos e que, apesar de inicialmente ignorando as coisas, encontram lugares seguros no mundo seguindo seus caminhos com uma profunda confiança interior”.

É de destacar que “a leitura da história é uma estratégia de sucesso, pois abre espaço para o imaginário e permite ao mesmo tempo pensar o real”, disse a professora 1.

Depois de realizar leituras sobre Literatura Infantil e de ter desenvolvido este estudo sobre “As Potencialidades Pedagógicas das histórias infantis no Pré-escolar e 1º Ciclo”, tenho a convicção de que a leitura de histórias infantis às crianças é de suma importância, pois promove o desenvolvimento intelectual, físico, afetivo, cognitivo e social das crianças.

Coelho (2009) acredita que a escola é hoje um espaço privilegiado, em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo. Nesse espaço deverão ser privilegiados os estudos literários, pois, de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente, a percepção do real, a consciência do eu em relação ao outro, a leitura de mundo nos seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da língua e da expressão verbal.

Reflexão Final

Ao longo do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, realizei um percurso de muito trabalho, adquiri novas experiências e conhecimentos, conheci pessoas que me ajudaram a superar dificuldades e a compreender melhor todos os procedimentos inerentes à profissão docente.

Os desafios durante este percurso foram bastantes e com eles consegui adquirir novos saberes que utilizarei no meu futuro como educadora de infância. Os estágios que realizei, as crianças que conheci, as equipas técnicas e educativas com quem estagiei, os docentes com quem interagi ajudaram-me a ultrapassar algumas dificuldades sentidas, ajudando-me a crescer pessoal e profissionalmente, nomeadamente na superação das dificuldades em arranjar estratégias para apresentar conteúdos programáticos e estratégias que me permitissem perceber quais as competências adquiridas pelas crianças.

Avaliando o percurso que fiz ao longo do Mestrado, as aprendizagens que adquiri resultaram da observação do trabalho das educadoras e professora cooperantes, das conversas informais e conselhos das mesmas e, acima de tudo, da interação educativa com as crianças.

Procurei promover aprendizagens significativas, recorrendo a saberes adquiridos e a uma partilha de conhecimentos e opiniões das educadoras e professora cooperantes e das professoras supervisoras da Prática de Ensino Supervisionada e que fossem ao encontro dos objetivos definidos no projeto da instituição escolar e de sala onde me encontrava a estagiar. Sempre que possível, trabalhava os conhecimentos de forma transversal, abordando as várias áreas do currículo.

De uma maneira geral penso que consegui cumprir os objetivos definidos nos projetos de intervenção, fomentei a autonomia das crianças, auxiliando-as a alcançarem as aprendizagens pretendidas e valorizando os seus conhecimentos pessoais; promovi atividades de trabalho em grupo e individual, promovendo a partilha de ideias nas aprendizagens das crianças, ajudando-os a tornar cidadãos mais solidários e tolerantes com as opiniões dos outros.

Todas as práticas em estágio foram construídas com base nos conhecimentos adquiridos no Mestrado e na Licenciatura em Educação Básica. Em todos os estágios houve uma preocupação em fazer uma reflexão do meu desenvolvimento profissional, assim como de aspetos de dimensão ética inerentes à profissão docente.

A maior dificuldade sentida, no estágio de 1º Ciclo, foi com a planificação das aulas e a gestão do tempo ao explicar os exercícios, em sala de aula. Depois de refletir sobre a estratégia usada, de realizar leituras e de conversar com a professora cooperante,

consegui ultrapassar esta dificuldade, tendo mudado de estratégia na apresentação dos conteúdos programáticos.

Em contexto de Pré-Escolar, uma das dificuldades sentidas prendeu-se com o fato de não conhecer muito bem o modelo pedagógico com o qual a educadora cooperante realizava o seu trabalho na sala, o Movimento da Escola Moderna. No entanto, com o passar dos dias, ao observar a maneira como a educadora trabalhava com as crianças, ao realizar leituras sobre este modelo pedagógico e ao inteirar-me sobre os instrumentos que o regulamentam, consegui ultrapassar esta dificuldade.

Durante a prática pedagógica fui-me deparando com algumas questões relacionadas com a forma como as educadoras apresentavam as histórias às crianças e questionei-me sobre o que podem as histórias transmitir às crianças, quais os objetivos de contar histórias, que estratégias usam as educadoras e como promovem a leitura e reflexão das histórias.

O trabalho de pesquisa foi uma mais-valia para mim enquanto futura educadora/professora, pois contribuiu, através do testemunho de educadoras e professoras, para responder às questões que me foram surgindo durante os estágios realizados quer no Pré-escolar, quer no 1º Ciclo. Este exercício investigativo pretendeu responder à questão inicial “As potencialidades pedagógicas das histórias em pré-escolar e 1º ciclo do ensino básico”. Com base nos resultados obtidos, as histórias possuem um grande potencial pedagógico, pois através delas podem ser trabalhadas as várias áreas curriculares, bem como desenvolver diversas competências nas crianças.

Foi perceptível, através das entrevistas realizadas, que as educadoras e professoras, consideram a literatura infantil fundamental nas suas práticas pedagógicas, pois apelam à criatividade e à imaginação, desenvolverem a atenção, o vocabulário, o saber-estar, o saber ouvir, o saber escutar, o esperar pela sua vez e promovem a oralidade, a interpretação e conhecimento da língua, servindo também de mote para desenvolverem outras atividades na sala. Através das histórias, as crianças poderão compreender e explorar situações reais e imaginárias, interiorizar mensagens, estabelecer conclusões e desenvolver as capacidades de análise e crítica, contribuindo para a socialização das crianças e para formar cidadãos mais críticos e reflexivos.

Este trabalho permitiu-me perceber que a literatura infantil tem um papel primordial no desenvolvimento (cognitivo, pessoal, afetivo) da criança, pois permite-lhe ampliar, transformar e enriquecer a sua experiência de vida. Acredito que a literatura infantil, em contexto escolar, pode servir, para além de aquietar e distrair as crianças, como recurso significativo na aprendizagem das crianças.

Este trabalho poderia ter sido mais rico caso tivesse utilizado um número maior de participantes.

Como futura educadora de infância/ professora de 1º Ciclo, devo proporcionar momentos em que os alunos sintam prazer ao estar em contacto com a literatura, despertando o interesse pelos livros e planeando atividades lúdicas e pedagógicas, dinâmicas e criativas, estimulando assim a criatividade, a imaginação, a aquisição de vocabulário, a exploração do meio que os rodeia e a vivência de novas experiências.

De acordo com Oliveira (2009) o hábito de ler deve começar nos primeiros anos de vida da criança e mesmo antes de ingressar na escola. Pais e educadores/professores devem promover o interesse da criança pela leitura e pelos livros, o que, além de reduzir o tempo que passam em frente à televisão ou computador, dará uma bagagem muito maior de conhecimentos, estimulando a imaginação e a criatividade.

Ao contar uma história às crianças, o adulto proporciona-lhes um mundo imaginário, permitindo-lhes reverem-se nas personagens, nas suas atitudes e comportamentos e auxiliando-as a superar obstáculos ou encontrar soluções para conflitos internos.

A investigação fez-me perceber algumas estratégias e atividades que, futuramente, poderei desenvolver como profissional de educação, levando-me a considerar algumas questões para futuras investigações, tais como qual a importância das histórias infantis no desenvolvimento das crianças ou as histórias infantis devem fazer parte da rotina das crianças no Pré-escolar/ 1º Ciclo do Ensino Básico.

Todo este percurso de grandes aprendizagens será determinante no meu futuro profissional.

Referências Bibliográficas

- Avô, A. (1996). *O desenvolvimento da criança*. 1ª Edição. Texto Editora. Porto.
- Bardin, L. (2006). *Análise de conteúdo* (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trads.). Lisboa: Edições 70.
- Bastos, G. (1999). *Literatura infantil e juvenil*. Lisboa. Universidade Aberta.
- Bauer, M; Gaskell, G. (org.) (2002). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som : um manual prático*. Petrópolis: Vozes.
- Bettelheim, B. (2002). *A Psicanalise dos Contos de Fadas*. 16ª Edição- Paz e Terra.
- Bogdan, R. e Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora
- Cardona, Mª.J. (2007). *A avaliação na Educação de Infância*. Cadernos de Educação de Infância, nº81.
- Cardona, Mª J; Guimarães, C. (2012). *Avaliação na Educação de Infância*. Psicossoma, 1ª Edição.
- Carmo, H; Ferreira, M; *Metodologia da investigação. Guia para auto-aprendizagem*. Universidade Aberta. 1998.
- Coelho, N. (2009). *Literatura Infantil: teoria – análise – didática*. São Paulo: Moderna.
- Egan, K. (1994). *O uso da narrativa como técnica de ensino*. Lisboa: Publicações Dom Quixote
- Formosinho, J. O; Brown, P; Lino, D; Niza, S. Spodedeck, B. (1998). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância*. Coleção Infância. Porto Editora. 2ª Edição.
- Gil, A. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5.ed. São Paulo: Atlas.
- Haguette, T. (1997). *Metodologias qualitativas na Sociologia*. 5ª Edição. Petrópolis: Vozes.
- Januário, C. (1988). *O currículo e a reforma do ensino*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Leite, T. (2010). *Planeamento e conceção da ação de ensinar*. Coleção Situações de Formação; 1ª Edição. Aveiro.
- Mateus, A., Silva, A., Pereira, E., Souza, J., Rocha, L., Oliveira, M. & Souza, S.: Profa.(s.d.) *A importância da contação de história como prática educativa na educação infantil*. Consultado em: <http://tinyurl.com/owrhugj>
- Minayo, M. (1993). *O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde*. 2ª Edição. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco.
- Miguez, F. (2000). *Nas arte-manhas do imaginário infantil*. Ed. Rio de Janeiro: Zeus.
- Ministério da Educação/DGE. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*.

Ministério da Educação/DGE (2015) *Programas e Metas Curriculares do Ensino Básico*.

Ministério da Educação. *Ler+. Plano Nacional de Leitura. Orientações para Atividades de Leitura- Programa – Está na Hora dos Livros- Jardim de Infância*

Ministério da Educação. *Ler+ Plano Nacional de Leitura. Orientações para Atividades de Leitura- Programa – Está na Hora da Leitura- 1º Ciclo*.

Oliveira, M. (2009). *Dinâmicas em Literatura Infantil*. São Paulo. Paulinas

Parafita, A. (1999). *A comunicação e a literatura popular*. Plátano Edições Técnicas. Lisboa.

Portugal, G. (1998). *Crianças, Famílias e Creches*. Porto: Porto Editora.

Portugal, G. (2010). *No âmago da educação em creche: o primado das relações e a importância dos espaços*. Conselho Nacional de Educação, CNE (pp. 47-59). Lisboa: Educação das Crianças dos 0 aos 3.

Portugal, G. (2012). *Finalidades e Práticas educativas em creche - das relações, atividades e organização dos espaços ao currículo na creche*. Porto: CNIS.

Portugal, G. e Laevers, F. (2010). *Avaliação em Educação Pré-escolar – Sistema de acompanhamento das crianças*. Porto: Porto Editora.

Post, J., & Hohmann, M. (2011). *Educação de Bebés em Infantários*. 4ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Quivy, R.; Campenhoudt, L. (1995). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Gradiva. 4ª Edição

Revista.esepf.pt/index.php/sabereducar/article

Richardson, R; (1999). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3ª Edição. São Paulo: Atlas.

Roldão, M. (1995). *As histórias em educação: A função mediática da narrativa*. Ensinus.

Roldão, M. (2009). *Estratégias de ensino. O saber e o agir do professor*. Fundação Manuel Leão. V.N.Gaia.

Sequeira, F. (2000). *Formar leitores o contributo da biblioteca escolar*. Lisboa. Instituto de Inovação Educacional

Serrano, G. P. (2007). *Investigación cualitativa. Retos e interrogantes (4ª ed.)*. Madrid: Editorial La Muralla.

Sim-Sim, I. Silva, A. C. & Nunes, C. (2008). *Linguagem e comunicação no Jardim-de-Infância*. Lisboa: Ministério da Educação

Soriano, M. (1975) *Guide de littérature pour la jeunesse*. Flammarion. Paris.

Triviños, A. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.

Veloso, R. (1994). *A obra de Aquilino Ribeiro para crianças. Imaginário e escrita*. Porto Editora.

Vidigal, L. (1994) *A Entrevista: o que é preciso saber para originar testemunhos orais*. Edição do Projeto Museológico sobre Educação de Infância. ESES, Santarém.

Zilberman, R. (1985). *A literatura infantil na escola*. 5ª Edição. S.Paulo. Global.

Anexos

Anexo 1 – Guião da entrevista a Educadoras de Infância e Professoras do 1º Ciclo

Tema: Literatura infantil

Questão: Quais as potencialidades pedagógicas das histórias na educação pré-escolar e no 1º ciclo?

Entrevista a: Duas Educadoras de Infância (Pré-Escolar) e duas Professoras do 1ºCiclo do Ensino Básico

Objetivos:

- ✓ Conhecer as conceções das educadoras e professoras no que diz respeito às potencialidades pedagógicas das histórias em contexto educativo
- ✓ Saber como educadoras e professoras planificam e desenvolvem, em contexto educativo, a leitura de histórias
- ✓ Conhecer as estratégias que educadoras e professoras utilizam para trabalhar as histórias em contexto educativo

Blocos	Objetivos	Tópicos/ Questões
Bloco I Legitimação da entrevista	<ul style="list-style-type: none">- Legitimar a entrevista- Informar a entrevistada sobre o contexto em que se insere a entrevista- Dar a conhecer o tema e os objetivos da entrevista- Garantir a confidencialidade das informações	<ul style="list-style-type: none">- Informar a entrevistada sobre o trabalho de investigação- Pedir a sua colaboração, evidenciado a importância para a realização do trabalho- Assegurar a confidencialidade das informações recolhidas
Bloco II Caracterização da entrevista	<ul style="list-style-type: none">- Conhecer o percurso profissional da entrevistada- Conhecer o seu currículo- Saber em que instituição trabalha- Saber com que faixa etária/ ano de escolaridade trabalha	<ul style="list-style-type: none">- Qual é a sua idade?- Quais as suas habilitações académicas?- Qual é o seu percurso profissional?- Que função desempenha no seu local de trabalho?- Há quantos anos trabalha com crianças?- O seu trabalho tem sido sempre em contexto

		<p>de pré-escolar / 1º ciclo do ensino básico?</p> <p>-Com que faixa etária /ano de escolaridade se encontra a trabalhar atualmente?</p> <p>-Fez alguma formação específica na área da literatura para a infância?</p>
<p>Bloco III</p> <p>Concepções sobre a literatura infantil</p>	<p>- Conhecer as concepções que educadores/ professores têm sobre literatura infantil</p> <p>-Saber se educadores e professores utilizam as histórias como recurso educacional</p> <p>- Compreender qual a importância da literatura infantil na prática pedagógica de educadores e professores</p> <p>- Saber se as histórias são importantes para o desenvolvimento do currículo</p>	<p>- Qual a sua opinião sobre a utilização de histórias infantis?</p> <p>-O que considera mais importante transmitir às crianças através das histórias infantis?</p> <p>- Na sua opinião, que papel tem a literatura infantil na formação pessoal e social das crianças?</p> <p>- As histórias são importantes no desenvolvimento do currículo?</p> <p>- Costuma recorrer a histórias no seu trabalho com as crianças? Porquê?</p> <p>- Em que momentos as utiliza? Com que finalidade?</p> <p>- Com que frequência utiliza as histórias na sua prática pedagógica?</p>
<p>Bloco IV</p> <p>Estratégias para a leitura de histórias</p>	<p>- Saber que estratégias usam para fazer a abordagem pedagógica das histórias</p>	<p>- Como planifica e desenvolve, em contexto educativo, a leitura de histórias?</p> <p>- Quais as principais estratégias associadas ao desenvolvimento de atividades de leitura de histórias?</p> <p>- Quais os momentos mais importantes?</p> <p>- Lembra-se de alguma história que tenha trabalhado com as crianças que demonstre o que referiu anteriormente?</p> <p>- Exemplifique uma situação tipo onde utilize</p>

		<p>as histórias</p> <p>- Quais os critérios que utiliza quando escolhe as histórias que lê às crianças?</p>
<p>Bloco V</p> <p>Reflexão sobre as histórias</p>	<p>- Verificar como educadores e professores propõem a reflexão das histórias que leem</p>	<p>-Depois da leitura da história às crianças, propõe alguma reflexão sobre a mesma? Porquê? Para quê?</p> <p>- Quais os recursos de que dispõe para trabalhar esta temática?</p>
<p>Bloco VI</p> <p>Finalização da entrevista</p>	<p>- Concluir a entrevista</p> <p>- Agradecer a disponibilidade da entrevistada</p>	<p>- Gostaria de salientar algum aspeto que lhe pareça pertinente, relativamente a esta temática, que eu não tenha referido?</p> <p>- Obrigado pela disponibilidade</p>

Anexo 2- Guião da entrevista a Especialista em Literatura Infantil

Tema: Literatura infantil

Questão: Quais as potencialidades pedagógicas das histórias na educação pré-escolar e no 1º ciclo do ensino básico?

Entrevista a: Professora Teresa Cláudia, da ESES

Objetivos:

- ✓ Analisar o potencial pedagógico das histórias em contexto educativo
- ✓ Identificar e analisar as estratégias que educadoras e professoras devem utilizar para trabalhar as histórias na sala
- ✓ Identificar qual a finalidade do uso das histórias na prática pedagógica de educadoras e professoras.

Blocos	Objetivos	Tópicos/ Questões
Bloco I Legitimação da entrevista	<ul style="list-style-type: none">- Legitimar a entrevista- Informar a entrevistada sobre o contexto em que se insere a entrevista- Dar a conhecer o tema e os objetivos da entrevista- Garantir a confidencialidade das informações	<ul style="list-style-type: none">- Informar a entrevistada sobre o trabalho de investigação- Pedir a sua colaboração, evidenciado a importância para a realização do trabalho- Assegurar a confidencialidade das informações recolhidas
Bloco II Caracterização da entrevista	<ul style="list-style-type: none">- Conhecer o percurso profissional da entrevistada- Conhecer o seu currículo	<ul style="list-style-type: none">-Quais as suas habilitações académicas?-Qual o seu percurso académico e profissional?- Há quantos anos trabalha como professora na ESES?-Fez alguma formação específica na área da literatura para a infância?
Bloco III	<ul style="list-style-type: none">-Conhecer as conceções que a entrevistada tem sobre literatura infantil- Compreender qual a	<ul style="list-style-type: none">- Qual a sua opinião sobre as histórias infantis?- Na sua opinião, que papel tem a literatura infantil na formação pessoal

<p>Concepções sobre a literatura infantil</p>	<p>importância da literatura infantil na prática pedagógica de educadores e professores</p> <ul style="list-style-type: none"> - Saber quais as vantagens das histórias no processo educativo das crianças 	<p>e social das crianças?</p> <ul style="list-style-type: none"> - A partir de que idade considera que se deve trabalhar a literatura infantil com as crianças? Porquê? - Com que finalidade devem as educadoras e professoras utilizar as histórias infantis na sua prática pedagógica? - O que considera mais importante transmitir às crianças através das histórias infantis? Porquê?
<p>Bloco IV</p> <p>Utilização da literatura infantil na prática pedagógica de educadoras e professoras</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Saber que estratégias devem as educadoras e professoras usar para fazer a reflexão sobre a história 	<ul style="list-style-type: none"> - Quais os critérios que educadoras e professoras devem utilizar quando escolhem as histórias que leem às crianças? - Na sua opinião, devem as educadoras e professoras utilizar as histórias infantis na sua prática pedagógica? Porquê? Como? - Com que frequência devem as educadoras e professoras utilizar as histórias na sala? - Em que momentos devem as educadoras e professoras utilizar as histórias? - Qual a importância da reflexão na leitura das histórias? - Que estratégias devem, educadoras e professoras, utilizar para trabalhar as histórias infantis na sua prática pedagógica? Exemplos?
<p>Bloco V</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Concluir a entrevista - Agradecer a disponibilidade da entrevistada 	<ul style="list-style-type: none"> - Gostaria de salientar algum aspeto que lhe pareça pertinente, relativamente a esta temática, que eu

Finalização da entrevista		não tenha referido? - Obrigado pela disponibilidade
---------------------------	--	--

Anexo 3- Entrevista a Educadoras e Professoras

Educadora 1

Qual é a sua idade? 52 anos

Quais as suas habilitações académicas? Tenho Licenciatura na área de...sou educadora de bacharelato e depois tirei o complemento de formação. A Licenciatura é de Animação de Adultos, animação qualquer coisa de adultos, eu já nem lembro.

Qual é o seu percurso profissional? Estive sempre ligada ao Pré-escolar, tive num jardim-de-infância onde fui diretora pedagógica e depois tive num jardim durante 9 anos e depois vim para o público onde estou até agora.

Que função desempenha no seu local de trabalho? Educadora de Infância

Há quantos anos trabalha com crianças? Há 27 anos

O seu trabalho tem sido sempre em contexto de pré-escolar? Sim

Com que faixa etária se encontra a trabalhar atualmente? Os grupos no público são heterogéneos, vai dos 3 aos 6.

Fez alguma formação específica na área da literatura para a infância? Sim, ações de formação. Assim coisas mais profunda não.

Qual a sua opinião sobre a utilização de histórias infantis? São fundamentais em contexto...em jardim de infância são fundamentais. É através das histórias que nós utilizamos conceitos. As histórias servem de mote para desenvolvermos esta ou aquela atividade. Portanto, as histórias são muito boas no sentido de apelar à criatividade deles e à imaginação. Quando nós estamos a contar uma história, mais que contar do que a ler, na cabeça das crianças forma-se um imaginário, o sítio onde se desenvolve a história, as personagens, não é?, e isso é muito importante. É importante lermos histórias para eles perceberem qual é a utilidade da leitura, porque é que a gente tem de saber ler. As histórias são fundamentais no jardim de Infância. Através das histórias podemos dar noções de matemática, podemos dar conceitos mais científicos, podemos sei lá.... partir para a expressão plástica, a expressão motora, n de coisas.

O que considera mais importante transmitir às crianças através das histórias infantis? É tudo...é claro que o que nós fazemos a nível de literacia é exatamente o semear, o pôr a sementinha da importância do ler, do que está escrito, que é fundamental para a nossa vida. E portanto é através de histórias que eles vão querendo saber o que está lá escrito. No início, quando começamos a contar histórias, os meninos que vêm de novo dizem: mas eu não sei ler e eu: tu sabes ler, não sabes

é ler as letras, mas tu sabes ler a história, porque tu sabes ler as imagens. As histórias...é assim...uma base de trabalho.

Na sua opinião, que papel tem a literatura infantil na formação pessoal e social das crianças? A literatura infantil, no caso os contos e as histórias, são muito importantes porque captam-lhes a atenção, não é? é o momento em que eles estão mais sossegados para captar-lhes a atenção. Para desenvolver mais o período de atenção, o saber estar, o saber ouvir, o saber escutar, esperar pela vez, não é, tudo isso é abordado, é inerente à história, não é?

As histórias são importantes no desenvolvimento do currículo? Sim, como eu já referi atrás.

Costuma recorrer a histórias no seu trabalho com as crianças? Porquê? Sempre, sempre, porque são fundamentais. Nós podemos agarrar numa história e desenvolver tudo o resto, não é? porque nós, no pré-escolar, trabalhamos muito as áreas transversalmente, apesar de termos alguma intencionalidade quando desenvolvemos uma determinada atividade, mas é transversal sempre. No desenvolvimento do currículo é claro que são importantes porque nós contamos histórias e a partir da história nós podemos recorrer a ela mesma para dar uma abrangência às várias áreas do currículo, não é? exatamente como ao contrário,, nós podemos, por exemplo, eu tive crianças que são muito criativas e trazem ideias de casa para fazer, então, e querem fazer isto ou aquilo, nós aproveitamos isso e todos fazem e depois, a partir daí, podemos inventar uma história.

Em que momentos as utiliza? Com que finalidade? Bom, já disse, não é? é assim, nós todos os dias utilizamos histórias, nós temos um projeto que é “Ler um conto todos os dias”. É claro que eu, às vezes não leio todos os dias, não é? também não faço o registo do conto todos os dias, ou seja, eles não têm de fazer o registo gráfico todos os dias, se não coitadinhos, não pode ser, umas vezes a gente dramatiza, outras vezes são eles que dramatizam, outras vezes sou eu que apresento a história a dramatizar. Sei lá....

Como planifica e desenvolve, em contexto educativo, a leitura de histórias? É assim, algumas histórias eu tenho na manga, ou planificadas para aquela altura do ano ou para aquilo que eu quero abordar, aquela história vai ao encontro deo que não quer dizer nestas atividades, que nós temos que é todos os dias ler um conto, aí, muitas vezes eu não vou rebuscar todas, às vezes é um conto que vem e eu conto sem ter nada a ver, mas de uma maneira geral, é claro que a gente planifica ao encontro do que estamos a trabalhar. Nós temos ideia...olha vamos contar esta história....mas se surgir outra, nós contamos-la na mesma. Eles trazem os livros de casa e querem.

Com que frequência utiliza as histórias na sua prática pedagógica? Diariamente, é constante. Ou fazendo a história, ou dramatizando uma história, ou contando uma história ou um livro. Por exemplo, numa das áreas da sala é a biblioteca, em que eles têm as histórias todas, que são cá do Jardim e eu trouxe as minhas histórias, para ver, para ler e não sei quê. Muitas vezes eu digo- olha, vai lá buscar ma história para contar e eles é que escolhem.

Lembra-se de alguma história que tenha trabalhado com as crianças que demonstre o que referiu anteriormente? Sei lá, por exemplo, o Nabo Gigante, nós trabalhamos essa história, muitas pessoas trabalham essa história na altura da alimentação, em outubro, eu, às vezes, aproveito-a para trabalhar na altura da primavera, para fazer as sementeiras, por exemplo. Sei lá.... É todas as histórias.

Exemplifique uma situação tipo onde utilize as histórias. A hora do conto é sempre a seguir ao almoço, que é para eles acalmarem. Mas às vezes troca-se, às vezes dá-me mais jeito ser de manhã para o desenvolvimento das atividades, não é? portanto, às vezes é de manhã e é o mote para.... Outras vezes é à tarde, depois do almoço, para acalmarem um bocadinho.

Quais os critérios que utiliza quando escolhe as histórias que lê às crianças? Às vezes são conhecidas, é necessário, acho eu, todos os contos, aqueles contos que nós éramos miúdos, aqueles contos fantásticos desmistificam muitas coisas e ao mesmo tempo são importantes, na medida em que lhes encarnam personagens e essas personagens dão-lhes a capacidade ou competência de eles saírem, em caso de medos, em caso de aflições...não é? e portanto são de extrema importância as histórias tradicionais. É claro que também utilizo muitas outras histórias, destas histórias mais novas, que são muito mais engraçadas, entres aspas, engraçadas no sentido que não são coisas que eles estejam à espera. Também conto essas e eles gostam, mas não têm aquele..a moral (não quero dizer moral, é uma palavra muito forte para esta faixa etária não faz sentido) que tenha algum conceito do dia-a-dia. As outras, estas histórias mais novas não são tão pesadas, quer dizer, a do Capuchinho é porque desobedeceu e não sei o quê, a outra é porque também roubou e porque não sei o que, a outra é porque é má e se for boazinha as coisas acontecem muito bem e se for má, morre. É esse tipo de coisas que é muito forte, or exemplo, nas histórias de agora já não se vê tanto não é? Por exemplo, há uma história giríssima, que é o lobo e o pai natal. É uma história muito gira, que saiu à dois anos. É muito gira porque mistura as histórias todas e no final, o lobo não morre. É o lobo mau que encontra o pai natal e como o pai natal está vestido de vermelho, ele pensa que é o capuchinho vermelho e pergunta-lhe.....é muito gira a história. Digamos que é....é um bocadinho desmistificar aquilo do lobo mau. É uma série de histórias relativamente

novas que eles gostam muito e que nós também pegamos nelas, obviamente, agora, como é que eu as escolho? Ou porque ouço falar nelas, ou porque vou a uma livraria e vou sempre àquela secção e, olha, esta história é tão gira e vou levar.... ou porque as colegas me indicam.

Quais as principais estratégias associadas ao desenvolvimento de atividades de leitura de histórias? Pronto, já disse não é? os fantoches, dramatizações, às vezes é com coisas do nada, por exemplo, ainda hoje, umas meninas viram um papel que eu tenho ali aos buraquinhos que é para costurar, para enfiar, a motricidade fina e não sei quê, e eu estava-lhes a dizer que fazemos à tarde e depois pensei, vamos fazer à tarde mas isto vai cair assim do céu aos trambolhões. Fui buscar a caixa da costura onde tinha agulhas, a tesoura, que eu tenho isso na sala. Eu tinha linhas e então, dentro da caixa da costura, inventei uma história na altura, que era as linhas que estavam muito apertadinhas, e já não aguentavam tar lá dentro fechadas, era as agulhas também não conheciam outra coisa a não ser a caixa, era a tesoura que de vez em quando saía mas estava a maior pate...portanto misturei ali a coisa que era para dar o mote para a atividade a seguir

Quais os momentos mais importantes? O fundamental, e acho que isso é o mais importante, é nós conseguirmos agarrar a atenção deles, não é? portanto, e temo-la que agarrar logo na primeira, logo no início porque senão eles dispersam e portanto, esse momento, para mim, é crucial, não é? É aquele primeiro momento em que nós acalmamos e começamos a história. Eles respiram fundo, tão ali...um bocadinho, vamos acalmara, vamos respirar fundo, vamos pôr o cabelo atrás das orelhinhas e não sei o quê, e depois eu começo a história. Esse momento de início da história é muito importante para nós e para eles, porque se nós não os conseguirmos agarrar aí, dificilmente conseguimos captar a atenção deles. Portanto tem de ser ali uma coisa ou então tem de ser uma coisa disparatada e dizer assim: tenho ali uma historia muitoooo giraaaa...vamos tar todos caladinhos, vamos ouvir a história que é muito gira. Tem de ser logo ali no início e tem de ser assim.

Depois da leitura da história às crianças, propõe alguma reflexão sobre a mesma? Porquê? Para quê? Sim, falamos sobre a história, até para perceber se eles perceberam qual era o contexto da história, quem eram as personagens, quem é que entrava, quem fazia o quê, essas coisas normais da história e depois, o que eu faço, como disse à pouco, e não é sempre, mas muitas vezes, a maior parte das vezes, é o registo, e aí é que também nós tiramos muito daquilo que eles captaram da história. É o desenho, ou pintura, ou a 3D, às vezes faço coisas com plasticina, em vez de fazerem o registo em desenho, eu dou plasticina a cada um e fazem o que quiserem, mas relacionado com a história.

Quais os recursos de que dispõe para trabalhar esta temática? Livros, fantoches, o placard, sei lá... eles, eu, utensílios da sala, mesmo que não tenha nada a ver com a história, mas eles encaram...se eu disser assim (pega numa caneta que está em cima da mesa) “eu sou o capuchinho vermelho”, eles encaram isto como sendo o capuchinho vermelho.....e o capuchinho vermelho foi e não sei o quê... e apareceu o lobo mau, entende? Tudo o que há dentro da sala ajuda de certeza na contagem da história.

Gostaria de salientar algum aspeto que lhe pareça pertinente, relativamente a esta temática, que eu não tenha referido? Não, acho que disse o essencial, acho que é capaz de a ajudar, espero que ajude. Nós, através das histórias, a gente aborda tudo, todos os temas, desde o conhecimento do mundo, à história. Através da história a gente consegue trabalhar a matemática com uma história, consegue trabalhar a musicalidade, consegue trabalhar a consciência fonológica, a escrita, o saber estar, o saber ser, valorizá-los quando estão eles a contar a história, tudo isso é muito importante.

Educadora 2

Qual é a sua idade? 53 anos

Quais as suas habilitações académicas? Licenciatura em Educação Pré-Escolar

Qual é o seu percurso profissional? Ora bem, o meu percurso profissional. Já trabalho... é o meu trigésimo terceiro ano...como Educadora de Infância trabalhei sempre na rede de Jardins do Ministério da Educação. Tive no ano 2000/2001, arranquei com, fiz parte da comissão instaladora do Agrupamento D. Sancho I como Vice-Presidente, depois estive 8 anos como Vice- Presidente do Conselho Executivo, quando acabei essa legislatura, essas 3 legislaturas, achei que devia ir trabalhar com crianças, porque acho o contacto com crianças essencial. Decidi regressar e ser titular. Entretanto fui nomeada para ser coordenadora de departamento e estive 3 anos sem crianças. Entretanto, depois optei por pedir excusa de ser coordenadora de departamento, em parte por questões de saúde, minhas e de familiares, porque aquilo acabava por não ser, tinha-se horário de entrada e não de saída e depois a parte de ir aos jardins de infância, que eu achava importante e era com isso que eu me identificava. Regressei e portanto, nestes últimos anos estou a trabalhar com crianças.

Que função desempenha no seu local de trabalho? Neste momento, estou a ser só educadora titular de grupo, embora também faça parte da secção de formação do Agrupamento, é um grupo que é responsável por fazer formação para os docentes do departamento e também faço parte da Bolsa de Avaliação externa dos educadores de infância do Centro de Formação da Lezíria e Médio tejo.

Há quantos anos trabalha com crianças? Como disse à 33

O seu trabalho tem sido sempre em contexto de pré-escolar / 1º ciclo do ensino básico? Sim, embora estivesse na comissão executiva instaladora, no conselho executivo, depois fiz parte, nessas alturas, dos conselhos administrativos do agrupamento, mas o pelouro da educação pré-escolar era um dos que estava comigo, tinha mais, mas também tinha o da educação pré-escolar, até porque sempre fiz questão de acompanhar de perto o trabalho que se fazia nos jardins.

Com que faixa etária /ano de escolaridade se encontra a trabalhar atualmente? É 3, 4, 5. 25 crianças de 3, 4. 5.

Fez alguma formação específica na área da literatura para a infância? Tenho várias formações específicas nessa parte, porque é uma parte que me é muito querida, posso até dizer que no meu curso inicial tive de fazer um trabalho final de investigação e fiz um estudo de caso relacionado com uma criança que tinha problemas de linguagem por falta de estímulo e propôs-me, através de histórias, tentar desbloquear. Tive a sorte de ter como professora orientadora do meu trabalho a Maria Augusta Seabra Dinis que era na altura e é uma referência na parte de literatura

infantil e automaticamente o seu marido que é o psicanalista João Seabra Dinis, que também se interessou pelo meu caso e me acompanhou, portanto eu tive muito bem acompanhada a desenvolver o meu trabalho. Foi muito bom e a menina ficou, por acaso conseguimos fazer um trabalho espetacular com aquela família e com aquela criança.

Qual a sua opinião sobre a utilização de histórias infantis? É assim, eu diariamente utilizo o conto, leio, trabalho, faço histórias com eles. Pronto. Acho que se as histórias é uma forma que nos leva a poder dinamizar todas as áreas de formação que nós tenhamos para fazer. Uma história pode despoletar todo um projeto, outras histórias podem completar essa história ou o trabalho feito a partir dessa história e podemos construir histórias com eles. Portanto, eu neste momento e também porque trabalho com crianças já com cinco anos, já trabalho com eles desde os três, eu neste momento, dá-me muito gozo e prazer ver crianças do meu grupo, mais velhinhos, a agarrar em folhas e fazer desenhos sequenciais e depois pedirem me para contar histórias com principio, meio e fim que eles inventam. Eu tou com miúdos a fazer isto. Porque se faz histórias do nada, faz-se além do tradicional contar histórias com livro, com fantoches, com bonecos, sem nada, com outro tipo de materiais, adereços. Depende das situações, dos momentos e do que se está a fazer e quer diversificar. Há depois o trabalhar muito com eles a parte do reconto. Eles gostam e é muito engraçado porque até os mais pequeninos também querem contar histórias aos amigos, porque muitas vezes permite que sejam eles a agarrar num livro e lerem as imagens e a contarem. Tenho aqui o projeto, aliás temos o Projeto de leitura “vai e vem” que é o levarem uma história para casa e depois há um livro onde fazem o registo com os pais, da história e depois trazem. Eu decidi com os pais, eu tenho três sacos, um por idade, e à sexta-feira, é o dia em que se partilha o trabalho de quem levou a história, fala quem contou, quem fez, se fez sozinho, se fez com a mãe ou com o pai, como é que foi, e outro levará. Levam à sexta-feira para ter o fim de semana e só à sexta-feira é que voltamos a trocar

O que considera mais importante transmitir às crianças através das histórias infantis? Uma das coisas que considero mais importantes é a capacidade de podermos imaginar, de podermos reinventar, de podermos rever no que ali está, de forma indireta, a capacidade de podermos aprender e ficarmos despoletados para ir à pesquisa sobre assuntos que estão a ser tratados. Por exemplo, eu tenho seis crianças que vão nascer irmãos e portanto, ainda antes de ontem trouxe uma história que, e depois eu sou uma acérrima consumidora de comprar livros, e encontrei um sobre, no Mundo dos Mochos, que tinha a ver com um mocho bebé e como é que era, porque no fundo, muitas vezes é mais fácil eles falarem sobre o mundo dos mochos do que sobre

o mundo deles e a partir dali acaba por chegar a eles e portanto, eu tenho dois que vão nascer agora os irmãos e estão ali a ter alguma.... estão desejosos que nasçam, mas são filhos únicos, netos únicos, e estão a sentir, na casa, a aparecer o quarto, coisas, eles colaboram mas há ali, no fundo, alguma angústia do que vai acontecer, qual vais ser o meu lugar, não é, portanto e a partir daí consegue-se que eles falem, que ajude a resolver os problemas, isto serve, as histórias servem para resolver muitos conflitos interiores, portanto, tudo depende e ir tando alerta, porque há várias idades e vários problemas, há várias situações familiares, há várias fases de crescimento e nós temos de ir manobrando de um lado e outro, porque estão todos na sala.

Na sua opinião, que papel tem a literatura infantil na formação pessoal e social das crianças? Por tudo o que disse. Acho que tudo é importante mas para mim, a literatura é fundamental, eu acho que se nós conseguirmos despoletar nas crianças um interesse por ler, o quanto é importante ler, o quanto aprendemos, o quanto viajamos, até porque há os livros das histórias, mas também há livros de consultas e é interessante que eu já tenho miúdos a querer trazer livros de casa. Por exemplo, trabalhamos o inverno e os animais que hibernam e tenho miúdos a trazerem-me livros sobre isso, não propriamente histórias, há aqui todo um interesse pelo livro.

As histórias são importantes no desenvolvimento do currículo? Acho que sim, por tudo o que já disse. Para mim, as histórias servem para tudo.

Costuma recorrer a histórias no seu trabalho com as crianças? Porquê? Sim, diariamente há histórias.

Em que momentos as utiliza? Com que finalidade? É assim, tanto pode ser em termos de rotina diária, tanto pode ser de manhã para despoletar uma atividade que eu quero desenvolver a seguir, como pode haver uma sequência de uma atividade para amanhã e à tarde, ser ali, um momento de tar a ouvir a história, tarmos a relaxar .

Como planifica e desenvolve, em contexto educativo, a leitura de histórias? Tem a ver com o que estou a trabalhar e quero trabalhar no momento. Embora, por vezes, também acabo por ter de saber dar a volta, porque há crianças que trazem livros e é importante valorizá-los e então tenho de encaixá-los de alguma maneira.

Com que frequência utiliza as histórias na sua prática pedagógica? Diariamente.

Lembra-se de alguma história que tenha trabalhado com as crianças que demonstre o que referiu anteriormente? Olhe, por exemplo essa do Mocho, “Ainda gostas de mim”, acho que é assim que se chama. Porque o mocho chegou a perguntar se como já estava o bebé, ele perguntou se ainda gostam de mim. Era a avó que, tinha nascido uma netinha, uma mochinha e tinha outro mocho, habituado a brincar com a avó, ele fica muito encantado porque tinha nascido uma prima, mas muito de pé

atrás porque depois a avó disse que iam a um determinado parque para pôr a mochinha num baloiço e ele viu que já não cabia, já era grande e ficou muito triste e afastou-se por achar que a avó já não gosta dele, mas a avó explicou que podem fazer coisas juntos, fazer assim e assado, e é o integrar o mochinho nas atividades com ela.

Exemplifique uma situação tipo onde utilize as histórias. Já referi anteriormente. Ou de manhã para trabalhar algum tema.

Quais os critérios que utiliza quando escolhe as histórias que lê às crianças? Eu normalmente...tenho lá em casa uma biblioteca e tenho masi ou menos histórias para determinadas situações, vou adquirindo. Mas quando não tenho, acabo por não só ir por autores, mas também gosto de ir à FNAC ou à Bertrand. Este livro, por exemplo, foi um livro que saiu agora, é recente. Também já tem acontecido ter histórias que o texto em si, não acho grande nível, mas pela sequência de imagens, até dá para aquilo que eu quero e eu conto a histórias, não leio o livro. Já me tem acontecido essa situação.

Quais as principais estratégias associadas ao desenvolvimento de atividades de leitura de histórias? É assim, as estratégias pode-se fazer....há o reconto em grande grupo, há o reconto individual, há crianças, por exemplo, posso contar uma história de manhã e depois a mesma história à tarde voltar a ser contada, no fim da atividade, mas já não sou eu que a conto, ser um deles, individualmente ou a dois, é muito relativo. Há o registo da história por desenho, há o registo escrito e o registo gráfico, pode haver pintura, pode haver a construção com material de desperdício das personagens ou criar-se uma situação a partir dali, tantas.... Às vezes aparecem e depois é explorar em termos de matemática, por exemplo.

Quais os momentos mais importantes? Eu acho que para se começar a contar a história tem-se primeiro de criar um ambiente. Eu, para começar, seja de manhã, seja à tarde, eles sentam-se em grande grupo, o que não quer dizer que por vezes eles não estejam por áreas e eu esteja na biblioteca com dois ou três a contar uma história, mas pronto, em situações de grande grupo, eles têm de estar sentados de forma a todos me verem, a verem a história e no fundo é estarmos confortáveis e bem sentados, porque se estivermos todos torcidos daí a pouco estamos cheios de dores. A partir daí começo a contar a história. Acho que quando começamos “era uma vez” ou “certo dia”, pronto, cria-se ali um ambiente. As coisas decorrem por aí, não tenho grande problema.

Depois da leitura da história às crianças, propõe alguma reflexão sobre a mesma? Porquê? Para quê? Normalmente há a conversa em grande grupo, há o reconto, há o falar sobre a atividade, tarmos a ver a moral da história não, essa questão não, isso não há, pelo menos comigo. No fundo, o que eu acabo por fazer é

podermos falar sobre a história, o que é que aconteceu, o que é importante, o que eles acharam, o que gostaram.

Quais os recursos de que dispõe para trabalhar esta temática? Histórias. Aqui a escola tem alguns livros e muito material pessoal e investimento pessoal. Às vezes eles trazem livros de casa e vemos a capa, a contracapa, quem escreveu, quem ilustrou

Professora 1

Qual é a sua idade? 54 anos

Quais as suas habilitações académicas? Licenciatura em 1º ciclo

Qual é o seu percurso profissional? Sempre fui professora de 1º ciclo, desde que acabei o curso que dou aulas.

Que função desempenha no seu local de trabalho? Sou Professora titular de turma e responsável de Estabelecimento de Ensino

Há quantos anos trabalha com crianças? Dou aulas há trinta e dois anos

O seu trabalho tem sido sempre em contexto de 1º ciclo do ensino básico? Sim

Com que ano de escolaridade se encontra a trabalhar atualmente? Primeiro, segundo e quarto ano

Fez alguma formação específica na área da literatura para a infância? Não

Qual a sua opinião sobre a utilização de histórias infantis? Sei que as histórias são muito importantes e, ao longo do meu percurso profissional, tento sempre ter a “Hora do Conto”. Na minha opinião, as histórias desenvolvem a imaginação, o vocabulário e as crianças identificam-se com as personagens. Penso que as histórias encantam e ajudam no processo de aprendizagem da leitura, pois desenvolvem o prazer de ler e só assim é possível as crianças aprenderem a ler

O que considera mais importante transmitir às crianças através das histórias infantis? As histórias podem suscitar o prazer e emoções nas crianças, além do divertimento. Além disso, através delas, as crianças poderão compreender e explorar situações reais e imaginárias, interiorizar mensagens, estabelecer e retirar conclusões, desenvolver as capacidades de análise e crítica ou simplesmente sentir o fruir das narrativas.....

Na sua opinião, que papel tem a literatura infantil na formação pessoal e social das crianças? Contribui para a socialização das crianças e para formar cidadãos mais críticos e reflexivos.

As histórias são importantes no desenvolvimento do currículo? sim, ouvir muitas histórias é o caminho para formar leitores.

Costuma recorrer a histórias no seu trabalho com as crianças? Porquê? Sim, muitas vezes, pela sua vertente sensível e expressiva que melhor “agarra” as crianças.

Em que momentos as utiliza? Com que finalidade? Posso utilizar as histórias para introduzir assuntos em sala, pois muitas aprendizagens se podem retirar das histórias. Podem ajudar no desenvolvimento do pensamento, da compreensão leitora, da oralidade, da argumentação, da interiorização da própria estrutura narrativa, das

relações intratextuais, da apreensão de conceitos, realização de inferências...há tantas possibilidades

Como planifica e desenvolve, em contexto educativo, a leitura de histórias? Há obras do Plano Nacional de Leitura obrigatórias e com essas eu tenho de planificar as aulas. Há outras que conto porque me apetece e outras são as crianças que trazem de casa e querem mostrar aos colegas.

Com que frequência utiliza as histórias na sua prática pedagógica? Pelo menos uma vez por semana.

Lembra-se de alguma história que tenha trabalhado com as crianças que demonstre o que referiu anteriormente? Várias, O Gigante Egoísta, a Fada Oriana, o Senhor de seu Nariz, A maior Flor do Mundo, Menina Gotinha de Água. Como pode ver nas paredes da sala..... (a professora aponta para as paredes da sala onde estão expostas algumas destas histórias, recontadas, escritas e desenhadas pelos alunos. Cada criança reescreveu e desenhou uma parte da história)

Exemplifique uma situação tipo onde utilize as histórias. Por exemplo, para dar o ciclo da água. Explorámos a história "A Menina Gotinha de Água).posso também trabalhar, por exemplo, as crianças escrevem no caderno tempos verbais, adjetivos, substantivos que estão numa história.

Quais os critérios que utiliza quando escolhe as histórias que lê às crianças? Ter em consideração os conhecimentos da criança e os problemas familiares e comportamentais dos alunos, ter em conta a idade das crianças e os seus interesses.

Quais as principais estratégias associadas ao desenvolvimento de atividades de leitura de histórias? As estratégias que utilizo são a leitura, o conto, as dramatizações, o registo em B.D. ou texto narrativo, a caracterização das personagens e a reflexão sobre a história.

Quais os momentos mais importantes? Para mim é a reflexão que faço com os alunos sobre a história.

Depois da leitura da história às crianças, propõe alguma reflexão sobre a mesma? Porquê? Para quê? Sim, a reflexão ajuda o aluno a reconstruir a sua maneira de pensar e de ver o mundo. A leitura da história é uma estratégia de sucesso, pois abre espaço para o imaginário e permite ao mesmo tempo pensar o real.

Quais os recursos de que dispõe para trabalhar esta temática? Livros da Biblioteca Escolar ou dos próprios alunos.

Gostaria de salientar algum aspeto que lhe pareça pertinente, relativamente a esta temática, que eu não tenha referido? Gostaria de ter mais tempo para trabalhar

as obras, pois considero muito importante os alunos conhecerem vários autores e histórias diversificadas, assim como poemas.

Professora 2

Qual é a sua idade? A minha idade é 48 anos.

Quais as suas habilitações académicas? Tenho o Mestrado

Qual é o seu percurso profissional? Sempre fui docente do ensino básico, 1º, 2º e 3º ciclos do ensino recorrente.

Que função desempenha no seu local de trabalho? Atualmente sou professora titular de turma.

Há quantos anos trabalha com crianças? Trabalho com crianças há 22 anos.

O seu trabalho tem sido sempre em contexto de 1º ciclo do ensino básico? Não.

Com que faixa etária /ano de escolaridade se encontra a trabalhar atualmente?

Atualmente estou com uma turma com o primeiro e terceiro ano de escolaridade.

Fez alguma formação específica na área da literatura para a infância? Sim, fiz ações de formações nessa área.

Qual a sua opinião sobre a utilização de histórias infantis? Penso que são um instrumento multifacetado a nível de estratégia de ensino, são um excelente recurso para diversas temáticas, podem completar ou introduzir temas. Promovem a oralidade, a interpretação e o conhecimento da língua.

O que considera mais importante transmitir às crianças através das histórias infantis? Considero mais importante a mensagem que elas transmitem, muitas vezes relacionada com as emoções na relação com o próximo.

Na sua opinião, que papel tem a literatura infantil na formação pessoal e social das crianças? A literatura infantil proporciona momentos de reflexão, que são o motor de crescimento e desenvolvimento da pessoa. Através das histórias e das suas mensagens, as crianças podem conhecer o mundo que as rodeia

As histórias são importantes no desenvolvimento do currículo? Penso que sim, pois as histórias são um campo imenso, existe sempre uma história que se pode articular.

Costuma recorrer a histórias no seu trabalho com as crianças? Porquê? Sim, pelas razões enunciadas em questões anteriores

Em que momentos as utiliza? Com que finalidade? Posso mobilizá-las e utilizá-las como recurso nas diversas áreas em inúmeros momentos. A finalidade é tornar os conteúdos mais próximos, que permitam a apropriação por parte das crianças dos assuntos abordados na aula.

Como planifica e desenvolve, em contexto educativo, a leitura de histórias?

Depende dos momentos e dos fins. A leitura de histórias pode ser integrada nos temas ou conteúdos em estudo como forma de os enriquecer, ilustrar e aprofundar, ou pelo

contrário, pode ser a história a mobilizar diversos temas e conteúdos. Esta última é a minha estratégia mais frequente.

Com que frequência utiliza as histórias na sua prática pedagógica? Com muita frequência.

Lembra-se de alguma história que tenha trabalhado com as crianças que demonstre o que referiu anteriormente? A última, na semana passada falava sobre a timidez.

Exemplifique uma situação tipo onde utilize as histórias. Para trabalhar emoções e sentimentos, caracterizando a personagem principal e a sua ação na história.

Quais os critérios que utiliza quando escolhe as histórias que lê às crianças? Qualidade do texto e da imagem, a pertinência do tema e a adequação à realidade das crianças.

Quais as principais estratégias associadas ao desenvolvimento de atividades de leitura de histórias? A leitura feita por mim, ou pelas crianças, questiono os alunos sobre a história, há também a discussão, análise e interpretação do texto.

Quais os momentos mais importantes? As leituras individual e coletiva, seguidas de análise da história e sua recriação expressiva ou mesmo escrita.

Depois da leitura da história às crianças, propõe alguma reflexão sobre a mesma? Porquê? Para quê? Sim, sempre, como já referi anteriormente. *(A literatura infantil proporciona momentos de reflexão, que são o motor de crescimento e desenvolvimento da pessoa)*

Quais os recursos de que dispõe para trabalhar esta temática? Recursos bibliográficos, internet, projetor.

Gostaria de salientar algum aspeto que lhe pareça pertinente, relativamente a esta temática, que eu não tenha referido? A importância da ilustração nas histórias para as crianças, pois permite-lhes desenvolver também o sentido estético.

Anexo 4 – Entrevista a Especialista em Literatura Infantil

Quais as suas habilitações académicas?

Como habilitações académicas, tenho um Mestrado em Literatura, em Estudos da Literatura e estou a acabar a minha dissertação de Doutoramento também na área da Literatura.

Qual o seu percurso académico e profissional?

O meu percurso académico é um percurso académico padrão, Licenciatura, mestrado e estou agora a acabar o Doutoramento. Quanto ao percurso profissional, a seguir aos meus estudos, fui brevemente professora no Ensino, no Ensino Básico e Secundário, e depois vim para a ESES.

Há quantos anos trabalha como professora na ESES?

Trabalho como professora na ESES há cerca de vinte e cinco anos.

Fez alguma formação específica na área da literatura para a infância?

Quanto à formação específica na área da Literatura para a Infância, o que eu fiz foi organizar alguns eventos na área e também participei em eventos lançados por colegas meus de outras instituições de ensino superior.

Qual a sua opinião sobre as histórias infantis?

Quanto às histórias infantis....As histórias infantis, ou aquilo que nos consideramos como histórias próprias para a infância, abrangem um conjunto de narrativas, que são narrativas produzidas em tempos muito muito diversos e portanto, refletem as ideias, as mentalidades desses tempos. É difícil ter uma opinião sobre as histórias infantis como um todo, justamente porque elas são muito diferentes entre si. Histórias que vêm da literatura, da tradição oral, por exemplo, dificilmente se podem pôr a par, no que diz respeito a traços distintivos, com histórias produzidas por autores do século XIX como Cristian Andersen ou autores do século XX como Monteiro Lobato ou outros já do século XXI, portanto, como um todo é difícil encontrar-lhes traços, a não ser talvez, o serem relativamente mais breves do que os outros tipos de narrativas. De qualquer maneira, o que poderá caracterizar essas histórias do ponto de vista que nos interessa, que é analisar o potencial pedagógico destas histórias em contexto educativo, o que.....a minha opinião é que, (eh) as histórias têm um grande potencial pedagógico. Um potencial pedagógico que se prende com possibilidades, digamos, mais técnicas de desenvolvimento do cérebro das crianças, nomeadamente, por exemplo, o contacto com estruturas de causa-efeito.....(pausa) porque, por exemplo, ao contrários das lenga-lengas, ao contrário das adivinhas, que desenvolvem outras competências, as histórias ajudam as crianças a perceber que existem cadeias de causalidade entre os eventos e ajudam também as crianças a perceber que existem

uma coisa chamada fluxo temporal, que existe um antes, um presente, um futuro possível. Isso são aspetos muito técnicos mas muito produtivos.

Na sua opinião, que papel tem a literatura infantil na formação pessoal e social das crianças?

Em relação a um papel, do ponto de vista da formação pessoal e social das crianças, que não seja apenas este, o desenvolvimentos destas competências que eu, entre aspas, chamo de técnicas, a literatura infantil, ou o contacto com as histórias da literatura infantil (pausa), tem um papel importante na expansão do que ela pode conhecer sobre o mundo, e lá está, isso pode levantar também algumas questões, mas esse papel na formação pessoal e social das crianças, eu caracterizaria como um papel (eh) de ajudar a prever cenários possíveis para diferentes comportamentos.. O que eu quero dizer com isto, é o seguinte.... (pausa), nós podemos imaginar que as histórias, em relação ao universo de experiências das crianças, as histórias, diria eu, são representações de outros universos em que as personagens desempenham papéis e as personagens agem de formas que permitem ver às crianças o que lhes aconteceria a elas se agissem das mesmas maneiras. Aqui, eu estou a falar claro, da hipótese de Bettelheim, segundo o qual o que as crianças aprendem com as histórias é modelos de comportamento a que vêm agregadas respetivas consequências sendo que as crianças, porque nas histórias veem esses comportamentos como os seus desfechos, não precisam já de os experimentar por si, ou seja, as histórias podem funcionar para as crianças como, por assim dizer, o..... um espetáculo que lhes poderia acontecer caso agissem desta ou daquela maneira. É um papel importante no sentido de ajudar as crianças a decidir os comportamentos mais adequados sem precisarem de os experimentar por si. Por outro lado, por outro lado, precisamente porque as histórias para crianças podem ter este papel de permitir às crianças tomar opções sem terem de as experimentar, qualquer educador deve ter o cuidado de verificar qual é a mensagem explícita que uma história tem e qual é a sua mensagem implícita, que pode ser diferente da primeira. De facto, o que nós temos muitas vezes nas histórias, nomeadamente nas histórias que foram originadas em sociedades muito afastadas no tempo, o que nós temos nessas histórias são indicações que estão implícitas nas histórias e não explícitas, mas indicações de comportamentos que eram adequados no momento de produção dessas histórias, mas hoje efetivamente já não são. Por exemplo, na maior parte das histórias produzidas na Idade Média, e estou a falar de histórias que nós podemos considerar quase universalmente difundidas, como o Capuchinho Vermelho, a Branca de Neve, nós temos uma atitude de passividade da heroína, por exemplo, da heroína da Branca de Neve, que é recompensada no final. Ora, não é esta se calhar a mensagem explícita, mas a mensagem implícita da obra.

Talvez fosse adequada na altura em que a história foi produzida, mas a educadora deverá considerar que, sendo o papel da literatura infantil importante na forma de, vamos pôr aspas, programar o cérebro da criança para perceber qual é a melhor conduta a ter na realidade de hoje, portanto, a educadora tomando isso em conta, deve pensar até que ponto a mensagem implícita poderá ser adequada ou não nos dias de hoje, eu adianto desde já, que não quero com isso dizer, que se devam censurar ou modificar essas histórias. Penso que o repertório das crianças deve ser o mais vasto possível incluindo, lá está, esses clássicos das histórias infantis, porque isso permite criar uma consciência comum, um património comum com outras crianças, só que a educadora ou a professora ou o professor deve, por meio de uma reflexão, levar a criança também a, por assim dizer, pôr em perspectiva os conteúdos não só implícitos mas explícitos das histórias. Portanto, para resumir, eu penso que a literatura infantil tem um papel muito importante na formação pessoal e social das crianças, justamente porque as põe em contacto com formas diferentes de viver, com experiências diferentes das suas experiências quotidianas. Mas precisamente por causa do impacto que esse conhecimento pode ter na sua, na sua percepção do mundo deverá haver um cuidado em seleccionar e sobretudo a apresentar reflexivamente essas histórias.

A partir de que idade considera que se deve trabalhar a literatura infantil com as crianças? Porquê?

Penso que a literatura infantil deve ser trabalhada com as crianças de uma forma orgânica e desde que as crianças nascem. Para além de criar espaços, que são espaços delimitados de contacto com a literatura infantil, e estou a pensar na história antes da sesta, em.....uma historinha de manhã, estou a pensar em espaços mais ou menos ritualizados. Penso que as histórias podem ser utilizadas sempre que vem a propósito, justamente, usando as suas funções de exemplo. Não creio que exista uma idade padrão, penso que isso, o contacto com as histórias para crianças deve ser um contacto tão espontâneo como o contacto, como o contacto das crianças com outros tipo de textos. Se nós pensarmos que existem vários tipos de texto informativo, texto argumentativo, texto institucional, etc, nós pensamos que, fazendo parte das narrativas, então, não faz sentido pensarmos que as crianças devem de ter um contacto com as histórias a partir dos dois anos ou a partir dos três anos. Assim como não faz sentido pensarmos que elas, por exemplo, só devem ter contacto com um tipo de texto instrucional, que é o tipo de texto em que elas, por assim dizer, contactam com diretivas claras, vira à direita, depois vira à esquerda, vai em frente, não faz sentido nós marcarmos uma fronteira. Assim como nós usamos o texto instrucional com as crianças, desde que as crianças nascem, agora pega na bola, veste o casaco,

aperta os botões, também o contacto com o tipo de texto narrativo é um contacto que deve ser natural.

As histórias em si fazem parte das narrativas em geral, e é como eu estou a dizer, podemos criar desde pequeninos um, digamos um momento ritual, mas o contacto com as narrativas para crianças, com as histórias infantis, do meu ponto de vista não deve cingir-se apenas a esse momento...

Com que finalidade devem as educadoras e professoras utilizar as histórias infantis na sua prática pedagógica?

Como eu disse à pouco, as histórias infantis proporcionam acesso a formas diferentes de viver a realidade.....alternativas. As educadoras e as professoras podem utilizar, expandir as hipóteses de comportamento que as crianças têm. As hipóteses de relação com a realidade. Também podem expandir as tais competências técnicas das crianças, que eu falei acima, o conseguirem desenvolver capacidades de equação lógica entre a realidade, etc. Têm também finalmente, podem utilizar as histórias infantis para criarem o sentido de pertença a uma comunidade, que eu já falei à pouco, se todas as crianças conhecem a história da Branca de Neve, então isso é algo que elas têm em comum e pode ser importante.....mas sobretudo parece-se de destacar que tudo isto é muito dependente do tipo de histórias que as educadoras apresentam, as educadoras e professoras apresentam às crianças, ou seja, nós temos atualmente uma prática, que eu acho positiva, que é a de apresentar às crianças, em contexto pedagógico, livros que falam do quotidiano das crianças e depois temos aqueles livros em que as crianças contactam com a tradicional história de uma princesa e de um príncipe, etc, etc. Para mim é útil essa diversidade, gostaria de pensar que as histórias que trabalham o quotidiano das crianças as ajudam também a tomar decisões do dia-a-dia e que as histórias que falam de príncipes e princesas as podem ajudar a viver num mundo que não é apenas o seu. Agora (pausa) acho que a resposta `finalidade com que as professoras e educadoras as devem utilizar estas histórias infantis se prende com o que será mais importante transmitir às crianças através das histórias infantis e que será, do meu ponto de vista, a de que existem várias formas de atingir um objetivo, ou seja, que não há uma forma de ser feliz, que podemos atingir a felicidade através da tentativa e erro, ou seja, que não existe uma forma boa e uma forma má, existem várias formas boas de agir, cada qual mais adequada ao temperamento. Existem várias possibilidades de melhorar progressivamente os nossos comportamentos e por aí em diante.

O que considera mais importante transmitir às crianças através das histórias infantis? Porquê? Já respondi anteriormente

Quais os critérios que educadoras e professoras devem utilizar quando escolhem as histórias que leem às crianças?

Do meu ponto de vista, esses critérios de seleção são de dois tipos. Há histórias que devem ser contadas apenas quando estamos preparados para fazer as crianças refletir sobre o que as histórias nos dizem e quando estamos preparados até para levar as crianças a discordar do que as histórias nos dizem e isso é um trabalho muito difícil de ser feito. E, estou a pensar por exemplo, nas tais histórias, muitas delas também de fundo tradicional, em que a mensagem dada é uma mensagem que contraria os valores e os princípios orientadores do currículo. Por exemplo, estou a pensar numa história para crianças de um autor muito conhecido que pertence ao cânone literário, que é um autor chamado Abílio Guerra Junqueiro. O Abílio Guerra Junqueiro tem a seguinte história: há um rapazinho muito pobre que ganha a sua vida a fazer recados e um dia vê parar ao lado dele, numa carruagem, um rapazinho da mesma idade, que nem sequer desce da carruagem, vai um criado dele pedir uma ótima refeição e então, o primeiro rapazinho, o pobre, pensa “este mundo está muito mal feito, eu estou cheio de fome e ele nem sequer se dá ao trabalho de descer da carruagem para ir buscar a comida. E, o rapazinho, o rico, percebe o que é que o rapazinho pobre está a pensar e diz-lhe: então, queres trocar comigo? E o rapazinho pobre diz: claro que quero trocar contigo. Então, o rapazinho abre a porta da carruagem, vê-se que o rapazinho rico é paralítico, não pode andar. Então, o rapazinho pobre diz, não, não, eu prefiro ser pobre e ter saúde do que ser rico e não a ter. Ora bem....esta história, de facto, é uma história enganadora, porque nós sabemos que, pelo contrário, é mais fácil termos problemas de saúde se, justamente, formos muito pobres. E esta história aparece às crianças como dizer-lhes ninguém deve querer sair do seu lugar porque se uma pessoa é pobre pelo menos tem saúde, só que o contrário, não é verdade. Não é verdade e se uma pessoa é rica, então é paralítica, mesmo na altura e que a história foi feita. Os casos de paralisia infantil seriam muito mais comuns entre os rapazinhos pobres do que entre os rapazinhos ricos. Esta história, no fundo, é construída para impedir que as crianças desenvolvam o sentimento de injustiça em relação a uma economia que era uma economia de facto, era um sistema económico injusto e esta história é produzida numa altura em que havia os grandes movimentos operários de contestação a uma distribuição de riqueza que era muito muito injusta. Portanto, quando eu falo do cuidado e dos critérios que os educadores devem ter na escolha das histórias com que as crianças vão contactar e um critério também de atenção, lá está, que eram as mensagens explícitas, que neste caso é uma mensagem explícita perfeitamente adequada, apropriada, ou seja, a mensagem explícita é : vale mais a saúde do que o poder económico, perfeito! Mas a mensagem implícita é: a saúde está

ligada à pobreza e a doença está ligada ao poder económico, o que já não é de toda verdade. Portanto, para mim, o critério mais importante é verificar se, quer a mensagem explícita, quer a mensagem implícita, estão de acordo aos valores que o nosso sistema educativo procura implementar. Neste caso, obviamente, esta história tem uma mensagem implícita, que visa justificar a desigualdade, fazendo a criança pensar que essa desigualdade económica é a compensação para uma desigualdade no campo da saúde, mas não era a verdade. O acesso à saúde, sobretudo naquela altura em que a história foi produzida, também ele era dependente dos recursos económicos, senão é que continuam a ser. Mas portanto, para mim, os critérios de escolha devem ser, em primeiro lugar, essa adequação das histórias aos valores que nós queremos implementar nas crianças, ou seja, temos de perceber que as histórias têm o potencial para ser tão formativas quanto desformativas e, portanto, temos de tentar compreender que no caso de serem histórias desformativas isso tem de ser acompanhado do nosso processo de trabalho de reflexão. Um outro critério que eu acho, um critério tão importante quanto o primeiro, e portanto eles podem ser exclusivos mutuamente, é que essas histórias têm de ser atraentes para as crianças de que lhes darem a possibilidade de encontrarem algo com que elas se identifiquem e que vá um pouco além da sua experiência habitual, ou seja, se uma história apenas repetir aquilo que a criança já conhece ou já conhece sobre o mundo a partir dessa história. Não tem interesse, do ponto de vista da qualidade estética, do ponto de vista da qualidade intelectual. Portanto, uma história tem de ser ao mesmo tempo formativa, mas ao mesmo tempo capa de potenciar o desenvolvimento da criança, que é o que a criança sabe do mundo, do que o que a criança aprende de diferente sobre a maneira de ver o mundo, ok? Portanto, eu diria que há esses dois critérios: o critério do potencial de formação ética e do potencial de formação estética têm de andar a par. Não me interessa, nem interessa a uma criança que uma história seja moral e, aqui estou a falar de moral, não do ponto de vista pejorativo, mas do ponto de vista de adesão aos valores e princípios orientadores do currículo. Não interessa que essa história seja moral, mas sim que essa história, por não trazer nada de novo à criança vai fazer com que a criança ache essa moral, uma moral aborrecida e desprezível. Portanto têm de andar os dois a par.

Na sua opinião, devem as educadoras e professoras utilizar as histórias infantis na sua prática pedagógica? Porquê? Como?

Se estas histórias forem escolhidas tendo em conta estes dois considerantes prévios, então, as histórias são um excelente potencial, têm um excelente potencial e devem ser utilizadas na prática pedagógica porque, lá está, ajudam as crianças a expandir o seu mundo e devem ser utilizadas na prática pedagógica como alavancas de

explicitação do quotidiano, ou seja, assim como eu à pouco falei da constituição de um património em comum pelas crianças de algumas histórias, Branca de Neve, etc, essas histórias também pertencem ao património comum entre educadora e as crianças. Ou seja, vamos imaginar, por exemplo, a utilização de uma história como a história do Pequeno Polegar, que é uma história que nos vem da tradição oral. Nessa história nós temos um herói que, apesar de ser o mais pequenino consegue sempre vencer todas as dificuldades e etc, etc. Vamos imaginar que essa história foi trabalhada com as crianças....ora bem, quando acontecer, não importa qual a situação em que possa aparecer uma dificuldade que até pode ser protagonizada por aquela criança, que à partida terá menos condições para a vencer, por exemplo, claro que a educadora pode lembrar que também no Pequeno Polegar, apesar de isto e aquilo e aquiloutro, conseguiu vencer. Portanto porque é que uma pessoa se há-de deixar abater pelas dificuldades? Mas ao mesmo tempo temos de ter uma perceção realista das dificuldades porque assim como.... E depois.....portanto, ou seja as histórias podem constituir um conjunto de personagens de referência, de situações de referência daquele educador e educadora se pode referir tão naturalmente como se refere a personagens das novelas de televisão que todas as crianças conhecem ou personagens da política ou aquela pessoa que existe no mundo real à beira delas. Portanto, as histórias servem para isso, para aumentar as nossas famílias imaginárias e para recorrer a elas como exemplo do que será mais adequado ou menos adequado, o mais eficaz ou menos eficaz, etc, não é?

Com que frequência devem as educadoras e professoras utilizar as histórias na sala?

De facto, não existe, diria, um padrão. Eu acho que as histórias, assim como outros recursos, são para serem usadas naturalmente e existem momentos em que as professoras e educadoras devem usar as histórias, ou seja, parece-me que é importante que haja diariamente um espaço em que as professoras e educadoras leem histórias ou, no caso, de estarmos a falar de crianças mais avançadas na leitura, ponham as crianças a ler histórias. Acho que isso é importante para criar o tal espaço de exceção, vamos deixar o quotidiano e agora vamos entrar na vida da personagem A, da personagem B, da personagem C, etc. É como que um momentinho de escape, como quando nós saímos de casa para o trabalho e temos um momento de escape, no transporte se não houver muitos engarrafamentos, assim, um espaçozinho no elevador..... e parece-me que isso, isso é bastante importante, portanto, haver, para além do uso habitual da história, haver um espaço dedicado às histórias até para dignificar essas mesmas histórias, não é?

Em que momentos devem as educadoras e professoras utilizar as histórias?

Agora parece-me que esse espaço é o espaço, esse espaço ritual, é um espaço que deve ser estruturado de forma dual, isto é, para além da contação de histórias, deve haver o espaço de reflexão sobre essas mesmas histórias, ou seja, independentemente do tipo de de reflexão que possa surgir organicamente a propósito de situações do quotidiano, penso que deve estar, por assim dizer, integrado na contação de histórias um momento de reflexão sobre essas mesmas histórias. E esse momento, seja um momento consecutivo à contação ou que esse mo momento seja um momento que é paralelo à contação, por exemplo, quando a educadora, a professora, etc, está a contar a história e vai parando e sugerindo a reflexão ou fazendo questões etc, isso aí, eu penso que mais uma vez se aplica caso a caso, conforme as turmas, etc, e conforme a técnica de contar, mas que me parece importante parece, e claro que pode coexistir, claro que a educadora pode estar a contar a história, ir interrompendo par ir sabendo o que é que as pessoas pensam, etc, e depois a seguir fazer uma reflexão final ou não fazer a reflexão final que foi feita ou só fazer a reflexão final. Existem várias modalidades, e do meu ponto de vista, por tudo o que expliquei antes, a reflexão é importantíssima não é?

Qual a importância da reflexão na leitura das histórias? Ver em cima

Que estratégias devem, educadoras e professoras, utilizar para trabalhar as histórias infantis na sua prática pedagógica? Exemplos?

Quanto às estratégias que as educadoras e as professoras devem utilizar para trabalhar as histórias infantis na prática pedagógica, eu diria e para dar um exemplo disso, o que vou dizer a seguir, que é bastante importante estimular a participação das crianças. O estudo da relação entre o contacto das histórias infantis e teoria da mente está a ser produzido neste momento, está em vias de apresentação para estágio e foi produzido pela estudante Helena Nunes. Um dos resultados da investigação produzida foi que a contação de histórias deve ser acompanhada de um estímulo por parte da educadora ou da professora à participação infantil para melhorar a apreensão pelas crianças das histórias e para desenvolver a respetiva teoria da mente, ou seja, a capacidade que as crianças têm de prever os comportamentos dos outros, a capacidade que as crianças têm de compreender a motivação dos outros.

Gostaria de salientar algum aspeto que lhe pareça pertinente, relativamente a esta temática, que eu não tenha referido?

A relação entre o contato com as histórias infantis e o desenvolvimento da teoria da mente é um aspeto que me parece pertinente relativamente a esta temática, que eu ainda não referi convenientemente até agora. De fato se nós quisermos sumariar a grande vantagem do contacto das crianças com histórias infantis que tenham sido

selecionadas, de acordo com os dois parâmetros que eu referi acima, a grande vantagem será mesmo essa, o desenvolvimento da teoria da mente. Nós sabemos hoje que pode existir teoria da mente sem empatia, ou seja, sabemos que são duas coisas diferentes, uma coisa é nós termos a capacidade de compreender o que é que pensa e sente a outra pessoa e outra, o identificarmo-nos com essa pessoa a ponto de queremos, por assim dizer, ser bom para essa pessoa. Mas também sabemos que, apesar de serem duas coisas diferentes, na maioria da população, essas duas coisas andam associadas. Portanto, em última análise, se nós criarmos nas crianças o hábito de contactarem e refletirem com histórias para crianças, nós, pelo menos estamos a aumentar as hipóteses de que essa criança desenvolva essa empatia e se torne não só uma melhor cidadã, mas também uma melhor pessoa em geral.

Anexo 5- Guião de Análise de Conteúdo de entrevistas a Educadoras

Categoria de análise	Subcategoria	Evidências - Educadora 1	Evidências - Educadora 2
Importância das histórias infantis	Opinião sobre a utilização das histórias infantis	<p>Em jardim-de-infância são fundamentais. É através das histórias que nós utilizamos conceitos... servem de mote para desenvolvermos esta ou aquela atividade... são muito boas no sentido de apelar à criatividade deles e à imaginação. Quando nós estamos a contar uma história, na cabeça das crianças forma-se um imaginário, o sítio onde se desenvolve a história, as personagens. As histórias tradicionais...aqueles contos fantásticos são de extrema importância... desmistificam muitas coisas e ao mesmo tempo são importantes, na medida em que lhes encarnam personagens e essas personagens dão-lhes a capacidade ou competência de eles saírem, em</p>	<p>Acho que se as histórias são uma forma que nos leva a poder dinamizar todas as áreas de formação que nós tenhamos para fazer.... a partir dessa história e podemos construir histórias com eles.</p> <p>Porque se faz histórias do nada, faz-se além do tradicional contar histórias com livro, com fantoches, com bonecos, sem nada, com outro tipo de materiais, adereços. Depende das situações, dos momentos e do que se está a fazer e quer diversificar. Há depois o trabalhar muito com eles a parte do reconto.</p>

		caso de medos, em caso de aflições.	
	O mais importante a transmitir às crianças através das histórias infantis	<p>O que nós fazemos é pôr a sementinha da importância do ler, do que está escrito... é através de histórias que eles vão querendo saber o que está lá escrito. As histórias...é assim...uma base de trabalho.</p> <p>Não sabes é ler as letras, mas tu sabes ler a história, porque tu sabes ler as imagens</p>	É a capacidade de podermos imaginar, de podermos reinventar, de podermos rever no que ali está, de forma indireta, a capacidade de podermos aprender e ficarmos despoletados para ir à pesquisa sobre assuntos que estão a ser tratados. As histórias servem para resolver muitos conflitos interiores, a partir daí consegue-se que eles falem, ajuda a resolver os problemas.... porque há várias idades e vários problemas, há várias situações familiares, há várias fases de crescimento ...
	Papel das histórias infantis na formação pessoal e social das crianças	<p>As histórias são muito importantes porque captam a atenção, é o momento em que eles estão mais sossegados para captar-lhes a atenção. Para desenvolver mais o período de atenção, o saber estar, o saber ouvir, o saber escutar, esperar pela vez, não é, tudo isso é abordado, é inerente à história. Nós, através das histórias, abordamos tudo, todos os temas, desde o conhecimento do mundo à história. Através da história a gente consegue trabalhar a</p>	Eu acho que se nós conseguirmos despoletar nas crianças um interesse por ler, o quanto é importante ler, o quanto aprendemos, o quanto viajamos, até porque há os livros das histórias, mas também há livros de consultas e é interessante que eu já tenho miúdos a querer trazer livros de casa.

		matemática, a musicalidade, a consciência fonológica, a escrita, o saber estar, o saber ser, valorizá-los quando estão eles a contar a história, tudo isso é muito importante.	
	Importância das histórias no desenvolvimento do currículo	No desenvolvimento do currículo é claro que são importantes porque, a partir da história nós podemos recorrer a ela para dar uma abrangência às várias áreas do currículo. Nós podemos agarrar numa história e desenvolver tudo o resto... no pré-escolar, trabalhamos muito as áreas transversalmente, apesar de termos alguma intencionalidade quando desenvolvemos uma determinada atividade, mas é transversal sempre. Através das histórias podemos dar noções de matemática, podemos dar conceitos mais científicos, partir para a expressão plástica, a expressão motora.	Acho que sim, por tudo o que já disse. Para mim, as histórias servem para tudo.
Planificação	Utilização das histórias na prática	Nós todos os dias utilizamos histórias. Às vezes não leio todos os dias, não é? Também não faço o registo do conto todos os dias, ou seja, eles não têm de fazer o registo gráfico todos os dias, se não coitadinhos, não pode ser, umas vezes a	Diariamente utilizo histórias....Ou de manhã para trabalhar algum tema. Tanto pode ser de manhã para despoletar uma atividade que quero desenvolver” como pode ser à tarde um momento

	pedagógica	gente dramatiza, outras vezes são eles que dramatizam, outras vezes sou eu que apresento a história a dramatizar. A hora do conto é sempre a seguir ao almoço, que é para acalmarem. Mas às vezes troca-se, às vezes dá-me mais jeito ser de manhã para o desenvolvimento das atividades. Outras vezes é à tarde, depois do almoço, para acalmarem um bocadinho.	de relaxamento
	Planificação e desenvolvimento da leitura das histórias	Algumas histórias eu tenho na manga, ou planificadas para aquela altura do ano ou para aquilo que eu quero abordar. A gente planifica ao encontro do que estamos a trabalhar... Nós temos ideia...olha vamos contar esta história....mas se surgir outra, nós contamos-na na mesma. Eles trazem os livros de casa e querem.	Tem a ver com o que estou a trabalhar e quero trabalhar no momento. Embora, por vezes, também acabo por ter de saber dar a volta, porque há crianças que trazem livros e é importante valorizá-los e então tenho de encaixá-los de alguma maneira
	Frequência com que utiliza as histórias na prática pedagógica	Diariamente... ou fazendo a história, ou dramatizando uma história ou contando uma história ou um livro. Muitas vezes eu digo- olha, vai lá buscar uma história para contar e eles é que escolhem. Numa das áreas da sala é a biblioteca, em que eles têm as histórias todas, para ver, para ler.	Diariamente utilizo o conto, leio, trabalho, faço histórias com eles.

	Finalidade de utilizar as histórias	Nós todos os dias utilizamos histórias, nós temos um projeto que é “Ler um conto todos os dias”.	Tanto pode ser em termos de rotina diária, tanto pode ser de manhã para despoletar uma atividade que eu quero desenvolver a seguir, como pode haver uma sequência de uma atividade para amanhã e à tarde, ser ali, um momento de tar a ouvir a história, tarmos a relaxar.
	Critérios que utiliza na escolha das histórias	Às vezes são conhecidas... É claro que também utilizo muitas outras histórias, destas histórias mais novas. Ou porque ouço falar nelas, ou porque vou a uma livraria e, olha, esta história é tão gira e vou levar.... ou porque as colegas me indicam.	Tenho mais ou menos histórias para determinadas situações... Mas quando não tenho, acabo por ir por autores, ou vou à FNAC ou à Bertrand. Também já tem acontecido ter histórias que o texto em si, não acho grande nível, mas pela sequência de imagens, até dá para aquilo que eu quero e eu conto a histórias, não leio o livro
	Estratégias associadas	Os fantoches, dramatizações, às vezes é com coisas do nada... Ou fazendo a história ou contando uma história ou um livro.	Há o reconto em grande grupo, há o reconto individual, há o registo da história por desenho, há o registo escrito e o registo gráfico, pode haver pintura, pode haver a construção com material de desperdício das personagens ou criar-se uma situação a partir dali. Posso contar uma história de manhã e depois a mesma história à tarde voltar a ser contada por um deles, individualmente ou a dois.

	Recursos utilizados	Livros, fantoches, o placard, ...eles, eu, utensílios da sala, mesmo que não tenha nada a ver com a história. Tudo o que há dentro da sala ajuda de certeza na contagem da história.	Histórias...da escola e muito material pessoal e investimento pessoal.
Operacionalização	Momento mais importante durante a leitura das histórias	O fundamental é nós conseguirmos agarrar a atenção deles. É aquele primeiro momento em que nós acalmamos e começamos a história. Eles respiram fundo, tão ali...um bocadinho, vamos acalmar, vamos respirar fundo, vamos pôr o cabelo atrás das orelhinhas e não sei o quê, e depois eu começo a história. Esse momento de início da história é muito importante para nós e para eles, porque se nós não os conseguirmos agarrar aí, dificilmente conseguimos captar a atenção deles... tem de ser uma coisa disparatada e dizer assim: tenho ali uma historia muitoooo giraaaa...vamos tar todos caladinhos, vamos ouvir a história que é muito gira. Tem de ser logo ali no início e tem de ser assim.	Para se começar a contar a história tem-se primeiro de criar um ambiente. Eu, para começar, seja de manhã, seja à tarde, eles sentam-se em grande grupo... eles têm de estar sentados de forma a todos me verem, a verem a história e no fundo é estarmos confortáveis e bem sentados. A partir daí começo a contar a história. Acho que quando começamos “era uma vez” ou “certo dia”, pronto, cria-se ali um ambiente.
	Exemplo da	Por exemplo, o Nabo Gigante... aproveito-a para trabalhar na altura da primavera, para fazer as sementeiras.	Por exemplo essa do Mocho, “Ainda gostas de mim”, Era a avó que, tinha nascido uma netinha, uma mochinha e tinha outro mocho, habituado a

	utilização de histórias na prática pedagógica		brincar com a avó, ele fica muito encantado porque tinha nascido uma prima, mas muito de pé atrás porque depois a avó disse que iam a um determinado parque para pôr a mochinha num baloiço e ele viu que já não cabia, já era grande e ficou muito triste e afastou-se por achar que a avó já não gosta dele, mas a avó explicou que podem fazer coisas juntos, fazer assim e assado, e é o integrar o mochinho nas atividades com ela
Interpretação (reflexão)	Reflexão sobre as histórias lidas	Falamos sobre a história, até para perceber se eles perceberam qual era o contexto da história, quem eram as personagens, quem é que entrava, quem fazia o quê, essas coisas normais da história e depois, o que eu faço, registo, e aí é que também nós tiramos muito daquilo que eles captaram da história. É o desenho, ou pintura, ou a 3D,	Normalmente há a conversa em grande grupo, há o reconto, há o falar sobre a atividade... é podermos falar sobre a história, o que é que aconteceu, o que é importante, o que eles acharam, o que gostaram.

Anexo 6- Guião de Análise de Conteúdo de entrevistas a Professoras

Categoria de análise	Subcategoria	Evidências - Professora 1	Evidências - Professora 2
Importância das histórias infantis	Opinião sobre a utilização das histórias infantis	As histórias são muito importantesdesenvolvem a imaginação, o vocabulário e as crianças identificam-se com as personagens. Penso que as histórias encantam e ajudam no processo de aprendizagem da leitura, pois desenvolvem o prazer de ler e só assim é possível as crianças aprenderem a ler	Penso que são um instrumento multifacetado a nível de estratégia de ensino, são um excelente recurso para diversas temáticas, podem completar ou introduzir temas. A importância da ilustração nas histórias para as crianças, pois permite-lhes desenvolver também o sentido estético.
	O mais importante a transmitir às crianças através das histórias infantis	As histórias podem suscitar o prazer e emoções nas crianças, além do divertimento. Além disso, através delas, as crianças poderão compreender e explorar situações reais e imaginárias, interiorizar mensagens, estabelecer e retirar conclusões, desenvolver as capacidades de análise e crítica ou simplesmente sentir o	Considero mais importante a mensagem que elas transmitem, muitas vezes relacionada com as emoções na relação com o próximo.

		fruir das narrativas.....	
	Papel das histórias infantis na formação pessoal e social das crianças	Contribui para a socialização das crianças e para formar cidadãos mais críticos e reflexivos.	A literatura infantil proporciona momentos de reflexão, que são o motor de crescimento e desenvolvimento da pessoa. Através das histórias e das suas mensagens, as crianças podem conhecer o mundo que as rodeia
	Importância das histórias no desenvolvimento do currículo	Sim, ouvir muitas histórias é o caminho para formar leitores.	As histórias são um campo imenso, existe sempre uma história que se pode articular. Promovem a oralidade, a interpretação e o conhecimento da língua.
	Planificação e desenvolvimento da leitura das histórias	Há obras do Plano Nacional de Leitura obrigatórias e com essas eu tenho de planificar as aulas. Há outras que conto porque me apetece e outras são as crianças que trazem de casa e querem mostrar aos colegas.	Depende dos momentos e dos fins. A leitura de histórias pode ser integrada nos temas ou conteúdos em estudo como forma de os enriquecer, ilustrar e aprofundar, ou pelo contrário, pode ser a história a mobilizar diversos temas e conteúdos. Esta ultima é a minha estratégia mais frequente.

	<p>Frequência com que utiliza as histórias na prática pedagógica</p>	<p>Pelo menos uma vez por semana.</p>	<p>Com muita frequência.</p>
	<p>Finalidade com que utiliza as histórias</p>	<p>Posso utilizar as histórias para introduzir assuntos em sala, pois muitas aprendizagens se podem retirar das histórias. Podem ajudar no desenvolvimento do pensamento, da compreensão leitora, da oralidade, da argumentação, da interiorização da própria estrutura narrativa, das relações intratextuais, da apreensão de conceitos, realização de inferências</p>	<p>Posso mobilizá-las e utilizá-las como recurso nas diversas áreas em inúmeros momentos. A finalidade é tornar os conteúdos mais próximos, que permitam a apropriação por parte das crianças dos assuntos abordados na aula.</p>
	<p>Critérios que utiliza na escolha das histórias</p>	<p>Ter em consideração os conhecimentos da criança e os problemas familiares e comportamentais dos alunos, ter em conta a idade das crianças e os seus interesses.</p>	<p>Qualidade do texto e da imagem, a pertinência do tema e a adequação à realidade das crianças.</p>
	<p>Estratégias associadas</p>	<p>As estratégias que utilizo são a leitura, o reconto, as dramatizações, o registo em B.D. ou texto narrativo, a caracterização</p>	<p>A leitura feita por mim, ou pelas crianças, questiono os alunos sobre a história, há também a discussão, análise e interpretação</p>

		das personagens e a reflexão sobre a história.	do texto
	Recursos utilizados	Livros da Biblioteca Escolar ou dos próprios alunos.	Recursos bibliográficos, internet, projetor.
Operacionalização	Momentos em que utiliza as histórias infantis	Para mim é a reflexão que faço com os alunos sobre a história.	A leitura individual e coletiva, seguidas de análise da história e sua recriação expressiva ou mesmo escrita
	Exemplo da utilização de histórias na prática pedagógica	<p>Gigante Egoísta, a Fada Oriana, o Senhor de seu Nariz, A maior Flor do Mundo, Menina Gotinha de Água. Como pode ver nas paredes da sala..... (a professora aponta para as paredes da sala onde estão expostas algumas destas histórias, recontadas, escritas e desenhadas pelos alunos. Cada criança reescreveu e desenhou uma parte da história)</p> <p>Por exemplo, para dar o ciclo da água. Explorámos a história "A Menina Gotinha de Água). Posso também trabalhar, por</p>	A última, na semana passada falava sobre a timidez. Para trabalhar emoções e sentimentos, caracterizando a personagem principal e a sua ação na história.

		exemplo, as crianças escrevem no caderno tempos verbais, adjetivos, substantivos que estão numa história.	
Interpretação (reflexão)	Reflexão sobre as histórias lidas	A reflexão ajuda o aluno a reconstruir a sua maneira de pensar e de ver o mundo. A leitura da história é uma estratégia de sucesso, pois abre espaço para o imaginário e permite ao mesmo tempo pensar o real.	Sim, sempre. A literatura infantil proporciona momentos de reflexão, que são o motor de crescimento e desenvolvimento da pessoa

Anexo 7- Guião de Análise de Conteúdo de Entrevista à Especialista em Literatura Infantil

Categoria de análise	Subcategoria	Evidências
<p>Importância das histórias infantis</p>	<p>Opinião sobre a utilização das histórias infantis</p>	<p>É difícil ter uma opinião sobre as histórias infantis como um todo, justamente porque elas são muito diferentes entre si.na minha opinião as histórias têm um grande potencial pedagógico, que se prende com possibilidades, digamos, mais técnicas de desenvolvimento do cérebro das crianças, nomeadamente, por exemplo, o contacto com estruturas de causa-efeito. As histórias ajudam as crianças a perceber que existem cadeias de causalidade entre os eventos e ajudam também as crianças a perceber que existem uma coisa chamada fluxo temporal, que existe um antes, um presente, um futuro possível.</p>
	<p>O mais importante a transmitir às crianças através das histórias infantis</p>	<p>Em relação ao universo de experiências das crianças, as histórias são representações de outros universos em que as personagens desempenham papéis e as personagens agem de formas que permitem ver às crianças o que lhes aconteceria a elas se agissem das mesmas maneiras.</p> <p>É um papel importante no sentido de ajudar as crianças a decidir os comportamentos mais adequados sem precisarem de os experimentar por si. Precisamente porque as histórias para crianças podem ter este papel de</p>

		<p>permitir às crianças tomar opções sem terem de as experimentar, qualquer educador deve ter o cuidado de verificar qual é a mensagem explícita que uma história tem e qual é a sua mensagem implícita, que pode ser diferente da primeira.</p>
	<p>Papel das histórias infantis na formação pessoal e social das crianças</p>	<p>O contacto com as histórias da literatura infantil tem um papel importante na expansão do que ela pode conhecer sobre o mundo, e lá está, isso pode levantar também algumas questões, mas esse papel na formação pessoal e social das crianças, eu caracterizaria como um papel de ajudar a prever cenários possíveis para diferentes comportamentos. As crianças aprendem com as histórias modelos de comportamento a que vêm agregadas respetivas consequências sendo que as crianças, porque nas histórias veem esses comportamentos como os seus desfechos, não precisam já de os experimentar por si, ou seja, as histórias podem funcionar para as crianças como um espetáculo que lhes poderia acontecer caso agissem desta ou daquela maneira. É um papel importante no sentido de ajudar as crianças a decidir os comportamentos mais adequados sem precisarem de os experimentar por si.</p> <p>Eu penso que a literatura infantil tem um papel muito importante na formação pessoal e social das crianças, justamente porque as põe em contacto com formas diferentes de viver, com experiências diferentes das suas experiências quotidianas.</p>

	<p>Importância das histórias no desenvolvimento do currículo</p>	<p>A grande vantagem do contacto das crianças com histórias infantis, que tenham sido selecionadas de acordo com os dois parâmetros que eu referi acima, a grande vantagem será mesmo essa, o desenvolvimento da teoria da mente. Nós sabemos hoje que pode existir teoria da mente sem empatia, ou seja, sabemos que são duas coisas diferentes, uma coisa é nós termos a capacidade de compreender o que é que pensa e sente a outra pessoa e outra, o identificarmo-nos com essa pessoa a ponto de queremos, por assim dizer, ser bom para essa pessoa. Mas também sabemos que, apesar de serem duas coisas diferentes, na maioria da população, essas duas coisas andam associadas. Portanto, em última análise, se nós criarmos nas crianças o hábito de contactarem e refletirem com histórias para crianças, nós, pelo menos estamos a aumentar as hipóteses de que essa criança desenvolva essa empatia e se torne não só uma melhor cidadã, mas também uma melhor pessoa em geral.</p>
<p>Planificação</p>	<p>Utilização das histórias na prática pedagógica</p>	<p>As histórias são um excelente potencial, têm um excelente potencial e devem ser utilizadas na prática pedagógica porque, lá está, ajudam as crianças a expandir o seu mundo e devem ser utilizadas na prática pedagógica como alavancas de explicitação do quotidiano, ou seja, assim como eu à pouco falei da constituição de um património em comum pelas crianças de algumas histórias</p> <p>As histórias podem constituir um conjunto de personagens de referência, de</p>

		<p>situações de referência daquele educador e educadora se pode referir tão naturalmente como se refere a personagens das novelas de televisão que todas as crianças conhecem ou personagens da política ou aquela pessoa que existe no mundo real à beira delas</p> <p>As histórias servem para aumentar as nossas famílias imaginárias e para recorrer a elas como exemplo do que será mais adequado ou menos adequado, o mais eficaz ou menos eficaz.</p>
	<p>Finalidade com que educadoras e professoras devem utilizar as histórias</p>	<p>As histórias infantis proporcionam acesso a formas diferentes de viver a realidade.....alternativas. Servem para expandir as hipóteses de comportamento que as crianças têm. As hipóteses de relação com a realidade. Também podem expandir as tais competências técnicas das crianças, que eu falei acima, o conseguirem desenvolver capacidades de equação lógica entre a realidade, etc. Podem utilizar as histórias infantis para criarem o sentido de pertença a uma comunidade.</p> <p>Deve-se apresentar às crianças, em contexto pedagógico, livros que falam do quotidiano das crianças e depois temos aqueles livros em que as crianças contactam com a tradicional história de uma princesa e de um príncipe, etc, As histórias que trabalham o quotidiano das crianças as ajudam também a tomar decisões do dia-a-dia e que as histórias que falam de príncipes e princesas as podem ajudar a viver num mundo que não é apenas o seu. A</p>

		<p>finalidade com que as professoras e educadoras as devem utilizar estas histórias infantis se prende com o que será mais importante transmitir às crianças através das histórias infantis e que será, do meu ponto de vista, a de que existem várias formas de atingir um objetivo, ou seja, que não há uma forma de ser feliz, que podemos atingir a felicidade através da tentativa e erro, ou seja, que não existe uma forma boa e uma forma má, existem várias formas boas de agir, cada qual mais adequada ao temperamento. Existem várias possibilidades de melhorar progressivamente os nossos comportamentos e por aí em diante</p>
	<p>Frequência com que educadoras e professoras devem utilizar as histórias na prática pedagógica</p>	<p>Eu acho que as histórias são para serem usadas naturalmente e existem momentos em que as professoras e educadoras devem usar as histórias, ou seja, parece-me que é importante que haja diariamente um espaço em que as professoras e educadoras leem histórias ou, no caso, de estarmos a falar de crianças mais avançadas na leitura, ponham as crianças a ler histórias. É importante para criar o tal espaço de exceção, vamos deixar o quotidiano e agora vamos entrar na vida da personagem A, da personagem B, da personagem C, etc. É como que um momentinho de escape,</p> <p>E parece-me que bastante importante, portanto, haver, para além do uso habitual da história, haver um espaço dedicado às histórias até para dignificar essas mesmas histórias</p>

	<p>Critérios que educadoras e professoras devem utilizar na escolha das histórias</p>	<p>Do meu ponto de vista, esses critérios de seleção são de dois tipos. Há histórias que devem ser contadas apenas quando estamos preparados para fazer as crianças refletir sobre o que as histórias nos dizem e quando estamos preparados até para levar as crianças a discordar do que as histórias nos dizem</p> <p>Para mim, os critérios de escolha devem ser, em primeiro lugar, essa adequação das histórias aos valores que nós queremos implementar nas crianças, ou seja, temos de perceber que as histórias têm o potencial para ser tão formativas quanto desformativas. Um outro critério que eu acho, um critério tão importante quanto o primeiro, e portanto eles podem ser exclusivos mutuamente, é que essas histórias têm de ser atraentes para as crianças de que lhes darem a possibilidade de encontrarem algo com que elas se identifiquem e que vá um pouco além da sua experiência habitual, ou seja, se uma história apenas repetir aquilo que a criança já conhece ou já conhece sobre o mundo a partir dessa história.</p> <p>O critério mais importante é verificar se, quer a mensagem explícita, quer a mensagem implícita, estão de acordo aos valores que o nosso sistema educativo procura implementar.</p>
		<p>É bastante importante estimular a participação das crianças. A contação de histórias deve ser acompanhada de um estímulo por parte da educadora ou</p>

	Estratégias devem professoras e educadoras utilizar para trabalhar as histórias infantis na sua prática pedagógica	da professora à participação infantil para melhorar a apreensão pelas crianças das histórias e para desenvolver a respetiva teoria da mente, ou seja, a capacidade que as crianças têm de prever os comportamentos dos outros, a capacidade que as crianças têm de compreender a motivação dos outros.
Operacionalização	Momentos em que devem utilizar as histórias infantis	<p>Para além de criar espaços, que são espaços delimitados de contacto com a literatura infantil, e estou a pensar na história antes da sesta, em.....uma historinha de manhã, estou a pensar em espaços mais ou menos ritualizados. Penso que as histórias podem ser utilizadas sempre que vem a propósito, justamente, usando as suas funções de exemplo.</p> <p>Podemos criar desde pequeninos um, digamos um momento ritual, mas o contacto com as narrativas para crianças, com as histórias infantis, do meu ponto de vista não deve cingir-se apenas a esse momento...</p>
Interpretação (relexão)	Reflexão sobre as histórias lidas	Deve haver o espaço de reflexão sobre essas mesmas histórias, ou seja, independentemente do tipo de reflexão que possa surgir organicamente a propósito de situações do quotidiano, penso que deve estar, por assim dizer, integrado na contação de histórias um momento de reflexão sobre essas mesmas histórias. E esse momento, seja um momento consecutivo à contação ou que esse mo momento seja um momento que é paralelo à contação, por exemplo, quando a educadora, a professora, etc, está a contar a história e vai parando e sugerindo a reflexão ou fazendo questões etc, isso

		<p>aí, eu penso que mais uma vez se aplica caso a caso, conforme as turmas, etc, e conforme a técnica de contar, mas que me parece importante parece, e claro que pode coexistir, claro que a educadora pode estar a contar a história, ir interrompendo par ir sabendo o que é que as pessoas pensam, etc, e depois a seguir fazer uma reflexão final ou não fazer a reflexão final que foi feita ou só fazer a reflexão final. Existem várias modalidades, e do meu ponto de vista, por tudo o que expliquei antes, a reflexão é importantíssima não é?</p> <p>A educadora ou a professora ou o professor deve, por meio de uma reflexão, levar a criança também a, por assim dizer, pôr em perspectiva os conteúdos não só implícitos mas explícitos das histórias.</p>
--	--	--